

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

Mônica Queiroz de Oliveira

**PROSTITUIÇÃO E TRABALHO NO BAIXO MERETRÍCIO DE BELO
HORIZONTE – O TRABALHO DA VIDA NADA FÁCIL**

Belo Horizonte - MG

2008

AGRADECIMENTOS

Este trabalho, iniciado como parte do mestrado em Psicologia Social, assumiu ao longo de seu desenvolvimento outra dimensão, absorvendo-me de forma inteira para esta vivência que considero única, revelando-se como uma experiência de vida. Neste sentido tenho muito a agradecer.

Primeiramente e especialmente a Professora Doutora Vanessa Andrade de Barros por ter sido a grande patrocinadora desta oportunidade, me acolhendo como orientanda, apostando no tema e possibilitando o desenvolvimento deste trabalho.

À Catarina por ter confiado a mim a sua história numa relação onde vínculos foram construídos durante todo nosso trabalho e que com certeza, serão levados para nossas vidas.

À Maria que com seu jeito despretensioso e carinhoso tanto contribuiu para minhas reflexões sobre a temática aqui proposta. Desde o início deste trabalho, imaginava como seria o término da pesquisa e via sempre Maria junto a nós até o final. Esperava vê-la na minha defesa, mas 03 meses antes ela se foi deixando boas lembranças e muitas saudades.

À Laura, Viviane, July, Cida, Sandra, Marina, Adriana, Luzia e Neuza pelas preciosas participações nas entrevistas desvelando, de forma humorada e engajada, o cotidiano da zona, nos permitindo uma aproximação com as situações vividas, ajudando-nos na compreensão deste universo.

Aos Professores doutores Robert Cabanes e Teresa Cristina Carreteiro por participarem desta banca de defesa de dissertação de Mestrado.

Às alunas da graduação e bolsistas desta pesquisa: Débora e Renata pelas produtivas discussões sobre as questões que o campo nos trazia, contribuindo de forma efetiva para a pesquisa e ainda através da produção científica construída com dedicação e profundidade.

À Cristiane, bolsista da pesquisa pela importante contribuição através de seus estudos e observações nos hotéis de prostituição de BH.

À Professora Doutora Maria Elizabeth Antunes Lima que tanto enriqueceu meu

trabalho através de discussões da temática sobre a relação entre o homem e o trabalho durante suas valiosas aulas.

Aos professores doutores José Newton Garcia de Araújo e Jardel Lander da Silva pelas preciosas contribuições durante minha qualificação no Mestrado, levando-me a novas reflexões que em muito contribuíram para a pesquisa.

À Professora Doutora Íris Goulart, tão acessível e sensível aos alunos, abrindo para mim as portas da Universidade Federal de MG, mostrando-me os possíveis percursos acadêmicos necessários para a concretização deste objetivo.

À APS-BH por ter permitido nossa participação nas reuniões com as profissionais do sexo, o que nos abriu possibilidades de inserção no campo.

À minha mãe por ter me permitido de alguma forma, chegar até aqui, mesmo não podendo mais estar verdadeiramente presente, acometida pelo Mal de Alzheimer. O valor que sempre atribuiu aos estudos e que foi a mim passado, foi decisivo na minha jornada.

À Beth, secretária do mestrado pela receptividade e pronta ajuda sempre que foi preciso e ainda pela carinhosa atenção e torcida por mim desde a preparação para o ingresso ao mestrado.

Ao Alessandro da Seção de ensino tão sensível as necessidades dos alunos, se colocando disponível e aberto a resolver os assuntos burocráticos.

Aos meus colegas de mestrado Alessandro e Saulo pelas valiosas trocas e cumplicidade durante todo este processo.

Especialmente, agradeço ao meu filho Felipe que por diversas vezes teve que se abster da minha atenção, presença e companhia para que eu pudesse desenvolver este trabalho e ao Antenor: marido, amigo e eterno incentivador que apostou no meu trabalho, respeitando-o e aceitando o inevitável convite à promover importantes saltos na quebra de paradigmas e preconceitos , colocando-se ao meu lado incondicionalmente.

Sumário

Introdução

1. História da prostituição de baixo meretrício no Brasil e em BH

- 1.1 – Análise histórica da prostituição
- 1.2 - Regulamentação da prostituição no mundo
- 1.3 – A prostituição em BH
- 1.4 - Hotéis de prostituição em BH
- 1.5 – A APS - BH

2. Metodologia

- 2.1 - Método da História de vida
- 2.2 – A Pesquisa
- 2.3 - Limitações do Método
- 2.4 - Encontro com o campo

3. História de Vida de Catarina

Introdução

Parte 1 - As lembranças que eu tenho

- 1. Origem
- 2. E eu fiquei assim: vai pra uma casa, vai pra outra!
- 3. Arrumei esse namorado, pai dos meus filhos
- 4. O casamento
- 5. O trabalho e o Álcool

Parte II - Tentando reconstruir sua vida

6. Um Novo Relacionamento
7. Tentando sobreviver com os filhos
8. A luta para construir uma nova casa
9. Eu fui passando pra frente, arrumando outros
10. Conheci outro moço: um velho
11. O abandono de um sonho
12. A morte do irmão e da mãe
13. A perda da irmã e o fim do vício

Parte III – O trabalho na Zona

14. A ida para a Zona
 - 14.1 – As primeiras orientações da amiga
 - 14.2 - Os hotéis onde trabalhou
 - 14.3- A concorrência dentro do hotel
 - 14.4 - Combinando o programa
 - 14.5 – A falta de segurança nos hotéis
 - 14.6 - É igual comércio: é o ponto
 - 14.7 – À espera de um companheiro
15. Crenças religiosas
 - 15.1 – Previsões de cartomantes
- 16 -. Estou no inferno, mas não aceito estar no inferno
- 17 - O Reconhecimento dos vizinhos
- 18 - A administração da renda advinda do trabalho no hotel
 - 18.1 - Os projetos para o futuro

19 - Clientes

19.1 – A relação com os clientes

19.2 - Os segredos da profissão

19.3 - Seleção de clientes

19.4 - Fugindo da regra

19.5 - Freando as emoções

19.6 - No hotel só faço em troca de dinheiro, lá fora não aceito pagamento

19.7 - Eu falo das experiências daqui

4. Trabalho e Prostituição

4.1 – Regras e Mitos na prostituição

4.2 - Trabalho Sexo, e Prazer

4.2.1 – A prostituição e a sexualidade na história

4.2.2 – Sexo e Prazer

4.3 - Prostitutas e clientes

4.3.1 - A Relação com os clientes e o trabalho

5. - Estigma e Prostituição: Uma relação quase natural

5.1- Estigma e vergonha – uma relação interdependente

5.2- O papel da APS no enfrentamento do estigma e visibilidade para a profissão

6 - Considerações finais

TEMA: Relação entre trabalho e prostituição no baixo meretrício de Belo Horizonte

Linha de Pesquisa: Trabalho, Saúde e Sociabilidade.

Objetivo Geral

Analisar a relação entre trabalho e prostituição no cotidiano das profissionais do sexo de baixo meretrício em Belo Horizonte.

Objetivos específicos

- Investigar junto às profissionais do sexo de baixo meretrício de BH suas percepções e sentimentos acerca do sentido do trabalho e como se apropriam desta atividade.
- Analisar e compreender a relação que as profissionais do sexo estabelecem com o trabalho e como se dá a construção de sociabilidades a partir desta relação.

INTRODUÇÃO

Escolher trabalhar com uma categoria profissional tão diferente e de certa forma distante das profissões formais com as quais havia trabalhado, foi recebida como uma proposta desafiadora.

Minha experiência profissional anterior¹ me ajudou sobremaneira a olhar para esta categoria e identificar no seu cotidiano algumas similaridades com àquele das empresas e suas categorias profissionais, inseridas no mercado formal de trabalho.

Inicialmente, acreditava que não haveria semelhanças ou correlações que pudessem fazer parte destes dois mundos vividos. Que equívoco! Aos poucos fui percebendo o quanto eram familiares às questões vividas por estas mulheres no ambiente de trabalho se comparadas àquelas vividas pelos trabalhadores de fábricas, por exemplo: rotinas, horários, condições insalubres de trabalho, insatisfações, pressões dos superiores, necessidades de ganhos financeiros, de reconhecimento e auto estima, competições, movimentos de grupos travando lutas por causas comuns, dentre outros.

Entretanto, trabalhar com uma categoria instigante e polêmica no senso comum, remeteu-nos inicialmente a outras questões como preconceitos, concepções e valores. Desconstruir paradigmas é a palavra de ordem neste universo.

Nos víamos ali, nos hotéis de prostituição - pela primeira vez - confundidas com uma profissional do sexo. Os clientes nos olham (as pesquisadoras) como se quisessem

¹ Havia trabalhado durante 13 anos como psicóloga do trabalho em indústrias de BH e deixei esta área, sentindo-me desmotivada pelo modelo de trabalho proposto revelando-se estranhado e coisificado.

saber se nós também trabalhamos ali e se vamos entrar em algum quarto. Nós não olhávamos diretamente para eles.

Mas, de repente, me deparei de frente com um conhecido. Passei como se não o tivesse visto, mas foi desconfortável. No momento, não pensei que ele pudesse imaginar que eu fosse uma profissional do sexo. Pensei estar protegida pelo estilo “estudante”, ou outra roupa qualquer. Que equívoco, ali não havia distinção. Eu era uma mulher num hotel de prostituição.

Lidar com questões melindrosas como sexualidade, prazer e afeto inseridos num contexto maior - o trabalho – colocava-nos em posição de desconforto freqüente já que questões que pareciam consolidadas agora traziam inquietações motivando-nos a analisar e compreender o universo da prostituição no mundo do trabalho .

Deparar com a história destas mulheres inevitavelmente remete-nos à nossa condição de mulher e à nossa sexualidade. Significa confrontarmos-nos com um tema que transporta-nos para outro universo - quase que promovendo uma revolução interna - por vezes silenciado e ao mesmo tempo tão central nos discursos, clamando por se deixar ouvir.

Para fazermos esta transposição é preciso começar pelo próprio conceito de prostituição. Na língua portuguesa encontramos algumas definições como: o comércio habitual ou profissional do amor sexual; vida desregrada; profanação, aviltamento, entregar-se ao uso do sexo para obter dinheiro ou vantagens; desonrar-se, corromper-se; vida de devassidão, de impudicícia, ação de vergonhosa condescendência, de vergonhoso servilismo.

Já para prostituta identificamos significados como: [do latim *prostituta*], meretriz, mulher que comercializa o ato sexual, mulher que tem relações sexuais para ganhar dinheiro.²

O presente estudo constitui-se como um convite ou, porque não, uma provocação no sentido de compreender a prostituição não a partir do ponto de vista da moral, mas a partir da análise do cotidiano e dos relatos dessas mulheres.

A prostituição configura-se de forma segmentada, através de níveis socioeconômicos e culturais tanto das prostitutas quanto dos clientes. Podemos identificar a categoria das prostitutas chamadas “prostitutas de luxo”, composta por mulheres que captam seus clientes em boates, nas ruas da zona sul da cidade, em casas de massagem, através de anúncios em jornais, sites, por telefone ou ainda outras formas .

E as prostitutas do baixo meretrício, foco de nossa pesquisa.

São mulheres, em sua grande maioria, desprovidas de formação escolar, evidenciando condições financeiras limitadas, algumas maduras ou idosas, gordas ou magras. Muitas destas mulheres foram buscar na prostituição uma possibilidade de obter renda superior àquela que encontraram em outras atividades como, por exemplo, o trabalho doméstico de onde muitas vieram. Seu ingresso na prostituição se dá, em sua grande maioria, através do convite de alguma amiga que já atua nesta atividade.

O baixo meretrício de Belo Horizonte concentra-se nos hotéis, ruas e praças do centro, localizados próximos a rodoviária - ponto considerado estratégico pela facilidade de acesso dos visitantes da cidade que ali desembarcam. Em algumas ruas

²Pesquisa realizada em : NASCIMENTO, A . Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1976, p.1347, Vol.V; HOLANDA, A . B. *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986, p.1405.

também localizadas nas imediações da rodoviária como o tradicional ponto de prostituição da rua Guaicurus , estão instalados os hotéis de prostituição.

Mulheres dos mais diversos lugares do Estado e do país representam esta categoria.

Em nossos estudos algumas prostitutas relatam encarar esta atividade como algo passageiro, um meio de conseguir obter ganhos financeiros que permitam a concretização de alguns projetos de vida como a aquisição da casa própria.

No entanto, percebemos que esta atividade constitui-se para as prostitutas como um meio de sobrevivência, um trabalho. Acostumadas com os ganhos e padrão de vida adquirido, não conseguem mais largar a atividade.

Elas relatam que com o passar do tempo vão se aperfeiçoando, aprendem a otimizar o tempo e seus ganhos, a abordar e atender o cliente de forma efetiva e vão se tornando especialistas.

Algo que inicialmente parecia um sacrifício necessário, uma fase transitória para um futuro melhor vai tomando outras proporções ao longo de sua trajetória na prostituição.

Hoje a prostituição é uma categoria que luta por seu reconhecimento enquanto profissão ainda que estigmatizada e marginalizada pela sociedade e órgãos públicos.

A prostituição ainda está imersa em uma polêmica que diz respeito a sua classificação como trabalho ou não. Toda esta controvérsia é justificada tanto por particularidades que se encontram ausentes nas formas de trabalho socialmente reconhecidas, quanto pela manutenção de um estigma já vivenciado por estas profissionais ao longo de sua história.

Dentre a diversidade de pesquisas relacionadas à análise de aspectos do trabalho e à recorrente discussão acerca da relação entre trabalho e prostituição, investigamos as

particularidades da atividade das profissionais do sexo do baixo meretrício de Belo Horizonte e analisamos os impactos desta atividade em seus cotidianos

Em alguns lugares do Brasil como o Rio de Janeiro e outros Estados onde existem associações que participam da Rede Brasileira de Prostitutas, a nomenclatura adotada para se referir à profissão é “prostituta”. Já em Belo Horizonte, elas demonstram uma preferência pelo termo “Profissionais do Sexo” como uma classificação que confere a elas a condição de trabalhadoras do sexo. Durante nosso estudo optamos por adotar as duas nomenclaturas como sinônimas como veremos adiante.

Nosso trabalho está organizado em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, “História da prostituição de baixo meretrício no Brasil e em BH”, fazemos uma exposição sobre a história da prostituição no Brasil e em Belo Horizonte, buscando compreender como esta atividade se configura como profissão e das lutas travadas com vistas ao seu reconhecimento no Brasil e no mundo. Buscamos ainda situar a prostituição do baixo meretrício de BH, apresentando o contexto vivido nos hotéis da zona boêmia e os conflitos atuais sofridos pela categoria.

No segundo capítulo apresentamos a Metodologia utilizada. Trabalhamos com o método História de vida e apresentamos nesta parte um breve histórico sobre o método. Nossa pesquisa foi realizada ainda em outras frentes como a participação nas reuniões da APS³, o mapeamento dos hotéis de prostituição da zona de baixo meretrício através de visitas aos hotéis e observação, realização de entrevistas semi-estruturadas, entrevistas em profundidade com prostitutas que moram e/ou recebem

³ APS é a sigla referente à Associação das Profissionais do Sexo de Belo Horizonte.

seus clientes nos hotéis, entrevistas em grupos com algumas profissionais do sexo e o recolhimento da História de Vida de Catarina⁴.

No terceiro capítulo contemplamos a história de Vida narrada por Catarina.

No quarto capítulo abordamos a relação entre “Prostituição e trabalho” a partir da exposição do conceito ontológico de trabalho, situando a prostituição neste contexto. Trabalhamos com as especificidades desta atividade a partir da compreensão de suas regras e mitos, buscando verificar a possível aplicabilidade dos conceitos de trabalho prescrito e trabalho real nesta categoria, propiciando a inserção em um campo comparativo com as formas de trabalho atualmente reconhecidas. Abordamos a especificidade da prostituição como: o trabalho com o sexo, trazendo para a discussão algumas temáticas como o prazer e a sexualidade na perspectiva do trabalho. Ainda nesta parte do texto, trabalhamos a relação da prostituta com o cliente a partir da relação profissional que se pretende, mas também das particularidades desta relação.

No último capítulo apresentamos a questão do estigma na prostituição constituindo-se como uma relação que se dá de forma quase natural bem como da vergonha e estigma como uma relação interdependente. Apresentamos os impactos desta postura para o reconhecimento da prostituição como trabalho e sobre a importância do movimento associativo para a visibilidade da categoria.

⁴ Todos os nomes adotados para as profissionais do sexo que concederam entrevistas bem como na história de vida de Catarina são fictícios.

Capítulo 1 - HISTÓRIA DA PROSTITUIÇÃO DE BAIXO MERETRÍCIO NO BRASIL E EM BH

1.1- Análise Histórica da prostituição

Como tema de estudos, a prostituição é abordada sob diferentes óticas. Autores como Basserman (1968) e Roberts (1998) resgatam suas origens no mundo, traçando seu desenvolvimento ao longo da história. Temos análises sociológicas e antropológicas como as realizadas por Freitas (1985), que estuda bordéis de Belo Horizonte; Gaspar (1985), que analisa a prostituição em Boates do Rio de Janeiro; e Moraes (1996), que ressalta a história da associação de profissionais do sexo da Vila Mimosa. Além disso, o meretrício é debatido em órgãos ligados à saúde e à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, como em Brasil (2002). Encontramos também livros autobiográficos como o escrito pela prostituta Gabriela Leite (1992) que permitem um conhecimento da realidade a partir da experiência do sujeito.

Através da análise histórica podemos identificar as origens da prostituição nos trabalhos escravos assim como em atividades domésticas. Uma história que se encontra atrelada à luta pela emancipação da mulher e por sua inserção no mercado formal de trabalho, tendo seu florescimento após a revolução industrial, através da formação de aglomerações urbanas e redutos de pobreza.⁵

⁵ Este tema será discutido com mais detalhes no capítulo sobre Trabalho, sexo e prazer, no sub item: *A Sexualidade e a prostituição na história.*

No Brasil, durante o século XIX, as prostitutas da corte imperial eram em sua maioria escravas negras. Como nos mostra Pereira (2005) em seus estudos sobre a prostituição:

Tal como acontecia com as meninas conchavadas em Buenos Aires, para as escravas no Rio de Janeiro a prostituição se misturava a uma variedade de serviços domésticos.(...) Mesmo depois da abolição da escravidão, nos primeiros anos do regime republicano, ainda se podiam encontrar, nas mesmas ruas do centro do Rio, jovens baianas e afro descendentes às janelas e portas de suas casas. Mas a essa altura essas janelas eram cada vez mais disputadas com as prostitutas brancas e estrangeiras, que passavam a ser vistas como vítimas e escravas de outros senhores irresponsáveis, os proxenetas.(2005:53-54)

Em 1930 a prostituição atinge seu auge no Brasil, tendo sua maior representatividade, naquela época, no Rio de Janeiro. Inicialmente era composta essencialmente por estrangeiras mas pouco tempo depois , mulheres de diversos lugares do país ingressaram na atividade.

Podemos destacar como importante marco para a prostituição no mundo inteiro o dia 02 de junho de 1975 consagrando o início da organização política da categoria, quando 150 prostitutas ocuparam a igreja de Saint-Nizier, em Lyon, na França e protestavam contra multas, prisões e até assassinatos de colegas que nem sequer eram investigados. Tudo isso fazia parte da chamada “guerra contra o rufianismo”, que costumava processar maridos e filhos de prostitutas, por se beneficiarem dos rendimentos das mulheres e mães.

A ocupação da igreja foi transmitida por todos os meios de comunicação, no país e no exterior, inclusive no Brasil. As mulheres exigiam que o seu trabalho fosse

considerado “tão útil à França como outro qualquer”. Outras 200 prostitutas percorreram as ruas em carros, distribuindo filipetas com denúncias de que eram vítimas de perseguição policial, o que as impedia de trabalhar. Uma carta foi enviada ao então presidente da França, Giscard d’Estaing.

Ao ter a coragem de romper o silêncio e denunciar o preconceito, a discriminação e as arbitrariedades, chamando a atenção para a situação em que viviam, as prostitutas de Lyon entraram para a história. Por isso, “2 de junho” foi declarado, pelo movimento organizado de prostituição, como o Dia Internacional da Prostituta.⁶

No Brasil, o movimento associativo é marcado pelo I Encontro Nacional de Prostitutas, em 1987, que cria a Rede Brasileira de Prostitutas, que tem como bandeira principal o reconhecimento legal da profissão.

Em 1992 é criada por um grupo de prostitutas, entre elas Gabriela Leite, a ONG Davida. Este já atuava em movimentos associativos há vários anos e primava pela determinação de enfrentar o preconceito, a discriminação e o estigma que envolvem as profissionais do sexo. À partir daí, outras associações de profissionais do sexo foram constituídas em diversos estados.

O Ministério do Trabalho já reconhece a prostituição como atividade profissional, na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) desde 2002, quando passa a ter uma existência oficial reconhecida. No entanto continua desprovida de qualquer proteção legal para o exercício da profissão.

⁶ Informações adaptadas do site: <http://www.davida.org.br>

Atualmente existe em tramitação no país o Projeto de Lei 98/03, do deputado Fernando Gabeira (PV-RJ), apresentado em 2003, com apoio da Rede Brasileira de Prostitutas. Este projeto propõe a legalização da prostituição e reconhece a existência de serviços de natureza sexual, dá direitos a quem os fornece e tira o empresário do crime. Fernando Gabeira afirma que a prostituição é um trabalho informal que precisa ser atraído para a Previdência Social. A proposta também suprime do Código Penal os artigos 228 (favorecer a prostituição), 229 (manter casa de prostituição) e 231 (promover, intermediar ou facilitar a entrada, no território nacional, de pessoa que venha exercer a prostituição ou a saída de pessoa para exercê-la no exterior).⁷

São formas de os Estados tratarem a prostituição: o abolicionismo, o regulamentarismo e o proibicionismo. A maioria dos países, como o Brasil, adota o abolicionismo. Por esta visão, a prostituta é uma vítima e só exerce a atividade por coação de um terceiro, o "explorador" ou "agenciador", que receberia parte dos lucros obtidos pela profissional do sexo (*“como se todos os patrões não recebessem”*). Por isso, a legislação abolicionista pune o dono ou gerente de casa de prostituição e não a prostituta. Nesse sistema, quem está na ilegalidade é o empresário, ou patrão, e não há qualquer proibição em relação a alguém negociar sexo e fantasias sexuais. A corrupção fica facilitada neste caso. O Brasil adota esse sistema desde 1942, quando entrou em vigor o atual Código Penal, em reforma há mais de cinco anos⁸.

⁷ Informações obtidas através do site : <http://guaicurus.blogspot.com/2007/11>. O projeto foi rejeitado pelo CCJ(Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania da Câmara dos Deputados) em 07/11/07 e deverá ainda ser votado em plenário.

⁸ site: <http://www.davida.org.br>

1.2. Regulamentação da prostituição no mundo⁹

Na Holanda, a prostituição é atividade legal há quatro anos. Em tese, as prostitutas maiores de 18 anos têm os mesmos direitos e deveres de qualquer trabalhador. Pagam impostos, atuam com carteira assinada, plano de saúde e direito à aposentadoria. Os bordéis devem obedecer a rígidas normas de vigilância sanitária e existem até mesmo jornais dirigidos à categoria. Mas, na prática, a teoria é outra. A imagem de tolerância que atrai turistas do mundo inteiro ao Red Light District (Bairro da Luz Vermelha, onde se concentram as moças que exibem seus dotes em vitrines) não é assim tão cintilante. Estima-se que pelo menos 80% das 40 mil prostitutas do país sejam imigrantes em situação ilegal, incluindo brasileiras. Apenas uma minoria desfruta de benefícios.

Atuando na clandestinidade, a maioria submete-se a péssimas condições de trabalho e depende cada vez mais de intermediários. Os resultados pouco animadores levantaram a suspeita de que a legalização não passou de uma estratégia para expulsar as imigrantes. As autoridades negam, mas o Ministério da Justiça reconhece que a lei ainda não aboliu práticas trabalhistas criminosas, como o aliciamento de menores.

No embate global sobre o tema, a **Holanda**, que também instituiu as tiplezones (zonas fechadas de prostituição), faz parte, ao lado da **Alemanha**, do front da chamada 'prostituição cidadã'. Segundo essa visão, da qual são simpatizantes ainda a **Áustria**, o **Reino Unido** e a **Irlanda**, é responsabilidade do Estado legalizar a

⁹ Reportagem divulgada no site: <http://sistemas.aids.gov.br/imprensa/Noticias>. 11/10/04. *Matéria: A profissão mais nova do mundo. Por: Sandra Boccia*

atividade. Do outro lado, como partidários que consideram a atividade similar à escravidão, alinham-se países como a **França, Itália, Espanha, Portugal, Finlândia, Dinamarca e Luxemburgo**. Todos são signatários da Convenção das Nações Unidas, de 1949, que julga a prostituição como incompatível com a dignidade humana. Em 1999, a **Suécia** assumiu postura ainda mais radical para inibir a atividade, penalizando clientes com multa e prisão por até seis meses.

Conhecida como um dos paraísos do turismo sexual do mundo, a **Tailândia** adota lei que prevê multa tanto para quem oferece como para quem compra serviços sexuais. Os bordéis são estritamente proibidos e o incentivo à atividade pode dar cadeia. No dia-a-dia, contudo, as autoridades fazem vista grossa aos infratores. No **Irã**, ao menos no papel, a lei é mais severa: os clientes são punidos com 75 chicotadas e expulsos da comunidade por três meses. Além do castigo, as prostitutas podem ser presas. Para quem é flagrado em bordéis, a pena chega a dez anos.

O tema não é menos controverso no **Canadá**. A prostituição é legal, mas todas as outras atividades a ela ligadas não. Estão proibidas pelo Código Penal a atividade de cafetões, a solicitação de serviços sexuais em lugar público e até mesmo dentro de casa, que passa a ser considerada bordel. Inspirados no modelo holandês, os moradores de Montreal discutem atualmente a implantação de *míni Red Light Districts* na periferia das cidades. O debate, porém, está longe de ter fim.

1.3 – A prostituição em BH

Antes de se tornar a tradicional zona boêmia de Belo Horizonte, imortalizada pela lendária Hilda Furacão¹⁰, a Rua Guaicurus foi palco do primeiro ciclo de desenvolvimento industrial da capital mineira, no início da fundação da cidade.

”””¹¹

A Rua Guaicurus tornou-se então o centro da zona boêmia da cidade. Naquela época, ela abrigava locais conhecidos como o Cabaré da Olímpia, o Montanhês Dancing , o Chantecler, os hotéis Magestic, Maravilhoso e as pensões. Era o local procurado por jovens intelectuais no fim de noite que buscavam por bebida, conversas com os amigos e sexo pago. Algumas figuras políticas freqüentavam os bordéis da cidade como era o caso do prefeito, Juscelino Kubitschek (1940).

A Zona Boêmia se revelava como um lugar propício para a diversão desses homens, onde a música podia ser ouvida até altas horas da madrugada, longe das famílias e esposas. Sua história nos revela algumas figuras marcantes como a prostituta Hilda Furacão e o travesti Cintura Fina. Hilda casou-se com Paulinho Valentim, atacante do time de futebol “Atlético Mineiro”, deixando a profissão e a capital mineira numa época em que a Guaicurus iniciava o seu processo de decadência¹².

¹⁰ Personagem do romance de Roberto Drummond - 1991

¹¹ “A atividade econômica ligaria a Guaicurus ao uso predominantemente comercial, mas haviam também habitações. À medida que o centro da cidade foi crescendo para o lado da Avenida Afonso Pena e da praça Raul Soares, a região da Guaicurus foi ficando abandonada. Todo aquele pedaço era inundado pelo ribeirão Arrudas, o que desvalorizava a área e a tornava incompatível com a atividade industrial. Com o abandono, ela foi apropriada para a atual função, a partir dos anos 50.” Informações fornecidas ao jornal: O tempo, pelo assessor da presidência do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (Crea-MG), José Abílio Belo Pereira, em 05/11/07.

¹² Estas informações foram obtidas através do site: <http://www.overmundo.com.br/guia/rua-guaicurus>

Atualmente, os bordéis se disseminaram pela região, onde há grande concentração comercial, com destaque para os atacadistas de variados produtos, bares e lanchonetes.

A proximidade com os shoppings populares e a grande quantidade de pontos de ônibus também atraem muitas pessoas ao local. O comércio formal funciona das 7h às 18h. Após esse horário, sobram os botequins e os vendedores informais, que oferecem de comida a tatuagens na Guaicurus e imediações.

Segundo informações da Presidente da Associação das profissionais do Sexo de Belo Horizonte (APS), Dos Anjos Pereira Brandão, trabalham na zona boemia atualmente cerca de 2000 mulheres distribuídas em 21 hotéis que se encontram em funcionamento.

Convive com este cenário dos hotéis e do comércio local a violência trazida pelo tráfico de drogas, conforme revela Ailton Alves de Matos - gerente de um hotel da região - ao jornal "O Tempo": *"A região ficou abandonada e esse abandono fez com que a violência e o tráfico migrassem para cá. O reflexo é maior à noite"*.

As profissionais do sexo sofrem os reflexos da violência nos hotéis trazidos pelo envolvimento de algumas delas com as drogas e ainda pelos frequentadores da zona boemia.¹³

Hoje, a zona boemia de BH padece com a ameaça de fechamento dos hotéis de prostituição, em virtude do projeto da prefeitura de reabilitação do hipercentro da capital. Um grande número de prostitutas que atuam na Guaicurus, moram nos hotéis onde trabalham sendo que muitas delas vieram de outras cidades ou Estados, não tendo para onde ir.

¹³ Este tema será retomado no item 2.1. *Hotéis de Prostituição em BH*.

Conforme entrevista concedida ao jornal “O Tempo”, pela consultora especializada da Secretaria Municipal de Políticas Urbanas, Maria Calda, a prefeitura busca parceiros na iniciativa privada para promover a “requalificação urbanística e ambiental da região”. A alternativa mais evidente, segundo ela, é transformar a área em um complemento do eixo cultural instalado ao longo do Bulevar Arrudas. Para a consultora, com a nova ocupação urbana, a tendência é que os hotéis onde trabalham as profissionais do sexo migrem “espontaneamente” para outro local.¹⁴

Desta forma, a prostituição do baixo meretrício de BH, encontra-se hoje sob forte pressão de sua extinção ou, na melhor das hipóteses, de sua migração para outro local, afastado do centro da cidade e longe dos olhos da sociedade. São mais de 2000 mulheres que sofrem com a ameaça da perda de seus postos de trabalho e algumas ainda da perda de sua moradia. No entanto, acompanham de forma passiva as informações divulgadas pela imprensa sobre o andamento do projeto. Não há uma mobilização política que efetivamente possa promover alguma mudança no percurso desta decisão.

1.4 - Hotéis de prostituição em BH¹⁵

O cenário dos hotéis, por um momento lembra as fábricas com trabalhadores uniformizados – um jeito próprio de se vestir, adequado àquela atividade e àquele ambiente - procurando desempenhar suas funções da melhor maneira que podiam, cada um a seu modo.

¹⁴ <http://www.otempo.com.br/otempo/noticias>

¹⁵ Anexo cartografia dos hotéis

A semelhança inicial com uma feira bastante movimentada é de igual forma, inevitável. Os diversos quartos , as mulheres nas portas e os homens andando de um lado para o outro procurando , negociando e avaliando-as.

Uma profissional do sexo nos conta que não é bom ficar trocando de hotel nem de quarto, porque é igual a ponto de comércio, fixa-se num lugar e não se deve ficar mudando uma vez que o cliente já sabe onde a encontrar.

As mulheres dão um toque pessoal na sua forma de agir, desde a abordagem, as roupas que usam, os recursos, a expressão facial, olhares, “bocas e gestos”. Colocam músicas altas, incensos com aromas variados pelos corredores, luzes vermelhas, lilases, mulheres nuas, semi-nuas.

Algumas mulheres ficam nas portas dos quartos, outras deitadas em posições provocativas. Algumas delas dançando em cima da cama como se estivessem numa boate. Outras permanecem em seus quartos como se não estivessem notando os homens as olhando e avaliando-as pela porta. Ficam ali, parecendo distraídas, quase os ignorando, mas atentas, observando-os discretamente através de espelhos na cama ou nas paredes dos quartos.

Os clientes andam depressa, observam toda aquela “oferta”. Param, admiram, se aglomeram na porta de alguns quartos. Parecem procurar por alguém “ideal” dentro das suas mais íntimas e secretas fantasias.

Os hotéis de prostituição de Belo Horizonte, no baixo meretrício apresentam condições extremamente precárias quanto à segurança, higiene, instalações físicas e funcionamento administrativo, como veremos a seguir.

A maioria não traz sua identificação nas fachadas, ficando muitas vezes “camuflado” entre os prédios comerciais da região. Possuem escadas estreitas na entrada onde se encontra um porteiro.

Os corredores internos são também estreitos, escuros, com luzes coloridas, de construção rude com acabamentos precários.

Cada hotel possui uma gerência e pessoas responsáveis pela segurança. Em caso de não pagamentos, possíveis brigas ou outros tipos de tumultos, as profissionais pedem auxílio à estes gerentes e seguranças. A segurança é ainda responsável pela fiscalização de documentos dos clientes que chegam aos hotéis na tentativa de permitir somente a entrada de homens acima de 18 anos. Entretanto, não são suficientemente rigorosas.

Os homens (clientes) acabam tendo livre acesso aos hotéis passando direto pelos porteiros sem identificação ou qualquer tipo de revista. Os quartos são, na sua maioria, pequenos, pouco iluminados, com cama, pia e bidê (em alguns quartos) e outros com vaso sanitário.

As roupas de cama utilizadas pelas mulheres nos programas bem como qualquer outro tipo de material (papel higiênico, papel toalha, preservativos, lubrificantes, objetos eróticos, material de limpeza do quarto e de higiene pessoal, incensos) assim como TV e som, são de propriedade das mulheres que devem providenciar as trocas ou reposições. Alguns equipamentos eletrônicos e materiais são alugados ou vendidos nos hotéis. Os hotéis possuem banheiros coletivos nos corredores que são utilizados pelas mulheres, funcionários e clientes.

Para a utilização dos quartos, as mulheres pagam aos hotéis, diárias que variam entre R\$30 e 50 reais¹⁶ para um período de 8 horas. Para utilizar dia todo e noite, elas pagam duas diárias que variam entre R\$ 50 a R\$ 70,00; o mesmo se aplica às mulheres que moram nos hotéis. A diária noturna inicia-se geralmente às 17:00 hs e termina quando o hotel fecha as portas (por volta das 23:00 hs).As profissionais do sexo denunciam com freqüência estes valores como abusivos, face às condições oferecidas pelos hotéis bem como o valor dos programas que giram em torno de R\$5,00 a R\$10,00, podendo atingir valores inferiores ou superiores em alguns casos, e a duração varia de 10 a 15 minutos.

Nos hotéis, encontramos mulheres jovens, adultas, idosas (encontramos em um hotel uma mulher que tem mais de setenta anos), das mais diversas constituições físicas (gordas, magras, altas, baixas, medianas) e com atributos variados também: depiladas, não depiladas, maquiadas, sem maquiagem. Deve-se destacar, no entanto, que alguns hotéis parecem, pelas observações realizadas, aglomerar as mulheres mais jovens e bonitas (Brilhante, Cine e Onda Livre) e têm o valor da diária mais alto e a estrutura física melhor.

Para pagar a diária, comprar material de trabalho e ainda sobrar algum dinheiro, as mulheres precisam fazer vários programas por dia.

Os clientes vêm do interior de MG ou residem em BH e possuem características e comportamentos diversos. Homens de todos os tipos: brancos, negros, jovens, adultos, idosos, também de diferentes atributos (mal vestidos, bem-vestidos, mal-cheirosos, bem-cheirosos) onde a maioria parece pertencer à classe média baixa.

¹⁶ Valores praticados em 2007.

Segundo o gerente de um dos hotéis, estes são freqüentados inclusive por traficante de drogas, batedores de carteira, ladrões, etc.

As mulheres negociam diretamente com eles os valores bem como as modalidades contempladas no “programa”. No entanto, a prática da maioria das mulheres, em cada hotel, acaba interferindo nesta negociação, servindo como parâmetro para os clientes.

Nos hotéis, as profissionais do sexo estão sujeitas a todo tipo de violência, doenças sexualmente transmissíveis, humilhação e maus tratos praticados pelos clientes como nos relatam em campo. Ao entrar para o quarto com um cliente e fechar a porta, na maioria das vezes, a profissional do sexo não sabe de sua procedência, das reais intenções e tão pouco dispõe de segurança caso ocorra uma tentativa de agressão ou não pagamento pelo programa acompanhado de ameaças.

Em alguns hotéis, como o Lírio e o Real Palace, as profissionais entrevistadas relataram que a segurança é realizada por um funcionário do hotel, que fica andando pelos corredores e usa roupas comuns para não ser identificado. Quando elas estão em perigo, gritam e ele vem ajudá-las. Esta não é a realidade da maioria dos hotéis.

São poucos os hotéis que dispõe efetivamente de um sistema de segurança. Em nossas visitas e observações identificamos apenas um hotel - o Miragem - onde todos os quartos possuem alarme para que a mulher possa tocar quando precisar, e ainda dispõe de um espelho posicionado ao pé da cama, na diagonal do teto até a parede, para que as mulheres observem se os homens estão tirando o preservativo.

Não são raros os relatos das mulheres de situações ameaçadoras e duvidosas vividas nos quartos com os clientes, inclusive relatos de assassinatos de profissionais do sexo dentro dos hotéis como alguns divulgados pela imprensa durante a pesquisa¹⁷.

Embora não exista uma relação hierárquica entre as mulheres e os donos ou gerentes de hotel, percebemos que a relação entre estes agentes apresenta características que se assemelham àquelas hierarquizadas nas diversas categorias profissionais onde o poder e a subordinação permeiam estas relações ainda que aqui isto se dê de forma menos direta.

Como já dissemos, existe por parte da maioria das mulheres um alto nível de insatisfação em relação aos valores das diárias cobradas nos hotéis e as condições precárias oferecidas. Contudo, presenciamos um silêncio por parte das mulheres. Parecem ter receio de se posicionarem e perderem seus quartos e não ter onde trabalhar. Aceitam esta situação e esperam que a associação lute por elas nesta causa.

1. 5- A APS - BH

Criada em 2003 a partir de ações do GAPA-MG (Grupo de Apoio e Prevenção à Aids) junto a profissionais do sexo que trabalhavam em hotéis de prostituição, a Associação das Profissionais do Sexo de Belo Horizonte – APSBH - vem se mantendo desde essa época, apoiada em ações pessoais e assistencialistas de sua

¹⁷ “Uma garota de programa foi esfaqueada dentro de um hotel onde trabalhava, na Rua Guaicurus, no hipercentro de Belo Horizonte. De acordo com a Polícia Militar (PM), a mulher de 33 anos foi atingida com quatro golpes na região do tórax.” (Fonte: Portal Uai , dia 27/06/06)

“Em 2007, o major Aroldo Pinheiro, comandante da 6ª Companhia da Polícia Militar, responsável pelo policiamento na Guaicurus, confirma o registro de um homicídio na zona boêmia neste ano”.(informação divulgada no site: www.guaicurus.blogspot.com)

Em 2007, uma outra profissional do sexo que freqüentava as reuniões da APS , fugiu para o interior de MG devido ao envolvimento com traficantes de drogas no hotel e logo depois foi assassinada.

liderança mais importante. No ano de 2005 foi registrada oficialmente em cartório, com direção constituída e estatuto. Em encontros semanais, realizados inicialmente em um hotel de prostituição e posteriormente no Centro Cultural da UFMG, prostitutas do baixo meretrício de Belo Horizonte reúnem-se e discutem temas relacionados ao cotidiano da prostituição, especialmente a violência e a exploração a que estão sujeitas, as condições insalubres dos hotéis, o estigma e o preconceito e toda sorte de dificuldades encontradas por aquelas que desejam “sair desta vida e arrumar trabalho melhor”. Atualmente a maior preocupação tem sido o embate entre a prefeitura municipal, em seu projeto de desapropriação da área dos hotéis e retirada das profissionais da região central, os donos de hotéis que resistem ao fechamento e as prostitutas, divididas entre apoiar ou não tal fechamento. Não menos importante, buscam formas de incrementar a participação na associação e de sobrevivência material.

O movimento associativo em Belo Horizonte possui sérios problemas em sua dinâmica de funcionamento. Percebemos uma dificuldade por parte das mulheres de se aliarem na luta por causas comuns. Compreendemos durante a pesquisa que muitos problemas são provocados, de alguma forma, pela postura e estilo adotados pela presidente da associação que, além de afirmar que não era prostituta, tratava as mulheres com certo desprezo e desqualificação, conforme seus interesses. Outra problemática é a distribuição dos preservativos cedidos pelo Ministério da Saúde, utilizados como forte instrumento de barganha e de ameaça permeando as relações na associação. Embora criticasse com freqüência a participação das profissionais do sexo às reuniões como objetivo único de receber os preservativos, a presidente

constantemente os utilizava como um convite ou uma ameaça nos casos de atrasos ou mesmo quando propúnhamos outros encontros com as mulheres, alegando que não haveria a distribuição de preservativos nestes encontros fora da APS.

Não haviam pautas para as reuniões tão pouco temas ou qualquer tipo de discussão que realmente retratasse dos interesses e necessidades destas mulheres. As atas eram organizadas com o intuito de prestar contas para órgãos como a DST/Aids visando a continuidade do fornecimento de preservativos. Compreendemos que, provavelmente em função desta falta de um propósito onde estas mulheres pudessem se ver ali representadas e onde suas demandas pudessem ser trabalhadas, havia uma forte rejeição por parte da maioria das profissionais do sexo dos hotéis para com a figura da presidente da APS e conseqüentemente um descrédito pela proposta de uma associação que de fato as pudesse representar.

Entretanto, percebemos durante nosso trabalho que, o que as movia para as reuniões da associação não eram apenas os preservativos e mesmo com todas as queixas e insatisfações, elas se faziam presentes. Compreendemos que a associação exercia para as mulheres uma função de legitimidade da atividade, um espaço onde poderiam ser reconhecidas. Era neste espaço que elas poderiam assumir abertamente sua condição de trabalhadoras do sexo, o que conferia à atividade um status diferenciado. Neste espaço, com a presença ou não de pesquisadores ou de convidados, elas podiam ser prostitutas e por isto mesmo serem consideradas. O que as uniam ali era exatamente esta condição.

Outro fator importante e relatado pelas mulheres refere-se à pressão advinda dos donos de hotéis que não são favoráveis à participação das profissionais do sexo às

reuniões da associação, enviando algumas para estas reuniões com o propósito de mantê-los informados sobre os temas discutidos.

Embora constituída oficialmente, a APSBH não é reconhecida pela Rede Brasileira de Prostitutas. Para este reconhecimento é necessário, segundo a Rede, que seja representativa das prostitutas em geral e que as atenda; o que é alegado pela Rede Brasileira é que a APS-BH é formada por um pequeno número de mulheres e trabalha somente em prol destas, não tendo consciência de questões ligadas à comunidade das prostitutas como um todo, e, portanto, não sendo legitimada pela população que visa atender. Além disso, não tem como base princípios considerados fundamentais que são a auto-organização, a auto-determinação e a discussão da prostituição como uma profissão, de forma a retirar as prostitutas da posição de vítimas.

As bandeiras levantadas pela Rede às quais as associações regionais devem aderir são a regulamentação da profissão com direitos assegurados, a importância de ações contra a violência, a implementação de programas de saúde, a luta pela dignidade da prostituta e o resgate de sua auto-estima. Atualmente são realizados pela Rede freqüentes encontros e seminários objetivando a formação de novas associações, a visibilidade do movimento, a luta por direitos e pelo fim do estigma. Cresce o número de associações, sendo que em 2002 haviam dezessete registradas em cartório e 65 grupos em fase de formalização.

O fato de não ter o reconhecimento da entidade nacional coloca a APS-BH em uma situação marginal, isolada do movimento e das ações nacionais. Seu apoio restringe-

se ao gabinete de um deputado estadual, militante de Direitos Humanos e à Pastoral da Mulher Marginalizada, que busca sobretudo tira-las da prostituição. Nota-se, no entanto, o surgimento de lideranças em potencial que começam a participar das reuniões, além de manifestações cada vez mais freqüentes de insatisfação com os rumos que vem tomando a associação, colocando em cheque a atuação da atual presidente. Tais fatores levam a crer em novas possibilidades de ação para essa associação e para o engajamento nas lutas gerais do movimento nacional das prostitutas.

Capítulo 2 - METODOLOGIA

O presente estudo teve como inspiração as referências teórico-metodológicas das chamadas Comunidades Científicas Ampliadas, de Ivar Oddone (1981), e do Dispositivo Dinâmico a Três Pólos, desenvolvido pelo Departamento de Ergologia da Universidade de Provence – França (Schwartz, 1996)¹⁸. Com tais dispositivos aprendemos que o conceito de atividade deve considerar a relação dialética de três pólos definidos pelo autor.

Segundo Schwartz o primeiro pólo se refere aos conceitos que comporta materiais para o conhecimento, por exemplo a distinção entre atividade prescrita e real e as dificuldades de traduzir em palavras. O segundo é o pólo das “forças de convocação e reconvocação”, dos saberes gerados nas atividades necessários aos trabalhadores para transformar sua situação de trabalho. O terceiro pólo seria o encontro dos dois

¹⁸ Para os interessados em aprofundar os estudos sobre este conceito, recomendamos o texto de Yves Schwartz, indicado em nossas referências bibliográficas.

primeiros que se traduz na exigência da ética e se articula sobre a maneira de ver o outro como seu semelhante. (Schwartz, Y, 2000:44-45).

A construção desse modelo pretende então articular os saberes sob a forma de conceitos, a experiência adquirida e os valores emancipatórios. Essa concepção nos remete ao protagonista da atividade, àquele que a vivencia, partilhando diariamente destas três dimensões e que o convoca a geri-las, retornando a voz para a atividade.

Em nossos estudos, orientamo-nos em campo propondo um diálogo freqüente entre os saberes trazidos pelas profissionais do sexo, devolvendo a elas a palavra sobre a construção de um conceito sobre esta atividade, procurando compreender a experiência trazida na forma de um saber fazer e principalmente os valores e a ética que orientavam este fazer.

O eixo central da pesquisa foi realizado através de pesquisa qualitativa, tendo como principal método o recolhimento de história de vida na perspectiva da Psicossociologia Clínica que busca, em sua construção interdisciplinar, compreender o fato social em uma dimensão de totalidade. Tal perspectiva oferece possibilidades de pesquisa além de possuir também um caráter terapêutico na medida em que se faz a partir da escuta das histórias. Ao contar a sua história o sujeito poderá produzir outras significações para os fatos vividos transformando-se a partir da narrativa, mudando a sua relação com a sua história.

Segundo Bosi, narrar é mais que reviver o passado é, sobretudo um ato de criação, de construção de novas possibilidades:

“Ele evoca, dá voz. Faz falar, diz de novo o conteúdo de suas vivências. Enquanto evoca, está vivendo atualmente e com uma intensidade nova a sua experiência.”(Bosi,E. 2003:45)

Quando escolhemos trabalhar com História de vida deparamo-nos com desafios que nos remetem ao nosso propósito todo o tempo. Não há como recolher a história de vida de um sujeito sem, de alguma forma, se implicar com esta história, com este sujeito e com a nossa própria história e paradigmas consolidados. Ao convidarmos uma pessoa para nos confiar a sua história, somos também convidados por ela a mergulhar num outro universo que com frequência nos remeterá ao nosso próprio, num processo contínuo de ir e vir.

Não há perguntas prontas, direcionamento ou intervenções por parte do pesquisador. Este deve se colocar a escutar a história que o sujeito tem a lhe narrar.

Recolher histórias de vida é uma relação, não uma simples tomada de informações sobre o outro e estabelecer uma relação se faz notadamente em um processo onde vínculos recíprocos de confiança e afinidades vão se formar com o tempo. Conforme nos mostra Barros (2006) através de André LÉVY (2001), é uma relação de interlocução que apenas será possível se o pesquisador se transformar, ele mesmo, em sujeito e objeto de pesquisa, o que significa que ele deve estar apto, deve estar pronto a refletir igualmente sobre si mesmo.

Como nos mostra Queiroz, M.I.:

“(...) é através de uma análise cuidadosa deste material que o pesquisador pode se desvencilhar o mais possível de seus próprios vieses, oriundos de sua posição de superioridade enquanto cientista e enquanto membro das camadas dominantes, e assim tentar apagar a constante censura, consciente ou inconsciente, que as camadas superiores impõe a tudo quanto se oponha à consecução de seus fins.” (1991: p.78).

O recolhimento de histórias de vida implica o começo de uma nova relação entre pesquisador e narrador onde não há como se manter distante, isento, sem se deixar

tocar pela história do outro. As histórias são ao mesmo tempo individuais, únicas e próximas às nossas próprias histórias. São coletivas e parecidas. É nesta coletividade que nós pesquisadores somos de alguma forma fisgados.

Tornamo-nos responsáveis e efetivamente integrantes desta relação que por vezes ultrapassa nossa proposta inicial de compreender um dado fenômeno, num dado contexto.

Estabelecemos com o narrador uma relação que envolve *responsabilidade pelo outro e deve durar quanto dura uma amizade*. (op.cit. 2003:60).

2.1 O Método de história de Vida¹⁹

O método História de vida surgiu no início do século XX com a Escola de Chicago, através de estudos realizados principalmente pelo americano Willian Thomas e pelo polonês Florian Znaniecki (Livro: “The Polish peasant in Europe and in América” – 1920) quando pesquisavam o intenso fluxo da imigração da Polônia já que, naquela época, a cidade de Chicago se transformava num grande centro comercial e industrial, atraindo numerosos imigrantes, especialmente os poloneses. (Carreteiro: 2003:283)

A proposta de Thomas e Znaniecki destaca que, através da narrativa de vida, é possível analisar as interações entre os fatos sociais e as histórias de vida dos indivíduos envolvidos, devolve o sentido dado às suas ações e possibilita novas significações às experiências vividas.

¹⁹ Este sub-item teve como principal referência o texto de CARRETEIRO, T.C.- História de Vida: Da genealogia a um estudo. PSICO, Porto Alegre: PUCRS, V.34, n.2, pp281-295, jul./dez.2003

Embora tenha alcançado sucesso inicial como método nos anos 20, a história de vida passou pelo abandono da sociologia nas décadas seguintes, chegando quase que a seu desuso. Apenas os antropólogos continuaram empregando o método em estudos desta área.

Sua retomada como método de pesquisa em contextos sociais, ocorreu na década de 60 através de Oscar Lewis -antropólogo – com a publicação do livro *Los niños de Sanchez*. (1981) - onde ele aborda a história de um pai mexicano, e seus quatro filhos, membros de uma família pobre.

No entanto, foi na década de 70 que a história de vida ganha importância nas pesquisas de ciências sociais e humanas através dos estudos de Franco Ferraroti (Itália – 1970) e Daniel Bertaux (França -1976).

O interesse crescente pela história de vida se deu devido aos apelos vindos de vários setores para a produção de conhecimentos que estivessem próximos das grandes transformações sociais observadas, passando a ser progressivamente objeto de várias pesquisas em sociologia, educação e em psicologia como nos mostra Carretero:

“Atualmente a história de vida tornou-se um dos métodos qualitativos mais conhecidos no seio das ciências humanas e sociais, tendo um grande apelo interdisciplinar”. (op.cit 2003:286).

No Brasil, podemos destacar alguns autores que vêm contribuindo para a utilização de narrativas das trajetórias de vida em pesquisas mais recentes no campo da

sociologia como: Eclea Bosi (1997), Michel Le Ven (1998), Denise Paraná (1996), Teresa Carreiro (1993), Vanessa A. Barros (2001), Norma Takeuti (_____).

A história de vida nos permite a compreensão de um dado fenômeno através das experiências vividas pelo sujeito e como ele as significou. Através desta história tentamos compreender do universo ao qual os sujeitos fazem parte e o mundo subjetivo em relação permanente e simultânea com os fatos sociais, possibilitando-nos uma visão mais aprofundada das influências recíprocas entre os processos psíquicos e sociais que determinam uma existência, na medida em que se fala do vivido subjetivo inscrito nas condições sociais que contribuem a constituir esse vivido. (Barros, V.A etalli.2006)

A história de vida consta de dois aspectos como nos mostra Gaulejac: o que realmente passou no curso da existência e a história que se narra sobre a vida, o que é produzido. Ele nos diz:

“O primeiro aspecto é do domínio da análise histórica e da sociológica: tentativa de reconstrução objetiva e de busca dos determinismos, quer dizer, dos diferentes materiais a partir dos quais uma vida se constrói. O segundo aspecto é do domínio da análise clínica: a partir do vivido, se busca compreender a maneira que o individuo habita essa historia no plano afetivo, emocional, cultural, familiar e social dentro de suas dimensões conscientes e inconscientes.”²⁰ (Gaulejac ,V etalli.2005:30-31)

A maneira como cada sujeito vive e conta a sua vida, dando maior ou menor importância a determinados fatos por ele vividos será singular e deve ser preservado já que a história de vida é individual.

²⁰ Tradução nossa

Pedimos ao sujeito que nos conte a sua história à sua maneira, como ele viveu e internalizou suas experiências. Importa para nós o que o sujeito nos conta e como ele o faz, já que a sua história contada será central para o que pretendemos trabalhar.

Como nos fala Bosi:

“Não temos o direito de refutar um fato contado pelo memorialista, como se ele estivesse no banco dos réus para dizer a verdade, somente a verdade, ele, como todos nós, conta a sua verdade.” (op.cit. 2003: 65)

Gaulejac também trata desta questão ao nos mostrar que o relato de vida se constrói dentro de um espaço entre o fantasma e a realidade, sabendo que um e outro, ambos são verdadeiros.(op.cit.2005:31)

A história de vida é também uma ferramenta de historicidade. O sujeito é produzido por sua história ao mesmo tempo em que a produz. Através do relato o indivíduo reconstrói esta história e lhe confere novas significações. Ainda segundo Gaulejac:

“Através dos relatos aparecem as tensões entre a identidade herdada e a identidade adquirida, entre o indivíduo produto e o indivíduo sujeito, entre a história como permanência do passado em si e a história como tentativa de atuar no presente” (op.cit .2005:22)

O indivíduo, através da sua subjetividade, da singularidade psíquica, retraduz sua história à sua maneira, interage e se coloca rompendo com uma suposta passividade que o pudesse imobilizar. Na medida em que identifica as determinações dessa história, entende a maneira pela qual ela o condiciona. Compreende o presente e num processo de “reescritura” pode tornar-se o sujeito de sua própria história e modificar o seu sentido.

Como ponte do sujeito com suas relações sociais permite-nos a construção de um conhecimento que jamais será dado a priori, mas na interação com o sujeito através

da sua experiência. Buscamos apreender o vivido social e como ele negocia as condições sociais, compreender o individual para avançarmos para o sociológico.

A narrativa revela situações vividas pelo sujeito em um dado contexto histórico e neste sentido, nos enviam ao campo social.

É nesse aspecto de interação entre o individual e o coletivo que Lacerda afirma que:

“A memória individual dialoga com o coletivo e redimensiona a realidade passada. As lembranças apóiam-se em fatos, acontecimentos históricos, e ao mesmo tempo ampliam e informam aspectos da história social brasileira.” (Lacerda, L.M. 2000: p.90).

As histórias individuais nos mostram um meio social, uma cultura, valores e ideologias já que enquanto membro de uma coletividade - família, classe social - o sujeito se encontra constantemente em interação com essas coletividades. Ele faz parte de uma história coletiva e é cercado por histórias que lhes são contadas desde a infância, das mais diferentes formas e por diferentes pessoas, se formando nestas histórias.

Procuramos enfim, através da narrativa das experiências vividas analisar o que se passa com o sujeito na sua singularidade ao mesmo tempo que nos ajuda a compreender o interior de uma coletividade . Não se trata de buscar generalizações ou de retratar a partir de leis ou regras prontas o que se passa com essa coletividade, mas de produzir um conhecimento através da relação constante que se trava entre o indivíduo e o social. A história de vida nos conta sobre a vida de um sujeito mas que vem imbuída de fragmentos comuns, e por isto mesmo nos revela as faces do humano, daquilo que compartilhamos como seres pertencentes ao gênero humano.

2.2 - A pesquisa

Nosso trabalho de campo realizou-se em várias frentes, simultaneamente:

1a Frente – Participação das reuniões da Associação das Profissionais do Sexo de BH. Apresentamos às participantes da APS nossa proposta de trabalho assim como as etapas da pesquisa. Nossa proposta era estabelecer uma proximidade com as mulheres e conhecer aquele universo, suas bandeiras, trajetórias e cotidiano, compreendendo como elas se organizam e quais os propósitos comuns as mantêm.

Fomos bem recebidas pelas profissionais do sexo mais freqüentes nestas reuniões. Mas enfrentamos forte resistência por parte da presidente da APS-BH que nos via como uma ameaça à sua liderança. Foram incontáveis as tentativas da presidente da associação de nos retirar das reuniões durante todo o período da pesquisa. Porém, as profissionais do sexo solicitavam nossa permanência nos encontros uma vez que a pesquisa já havia iniciado e um forte vínculo nos mantinham ligadas às mulheres. Estas mulheres se posicionaram em defesa da nossa permanência como poucas vezes presenciamos tal atitude por parte delas nas reuniões.

Nestas reuniões, algumas demandas de capacitação profissional foram à nós endereçadas como o desenvolvimento de um curso de informática onde elas pudessem ter noções básicas do computador. Estruturamos um projeto contemplando o curso de introdução à informática e com o apoio de um técnico da área confeccionamos apostilas para a realização das aulas. As aulas aconteciam no Centro Cultural da UFMG, no Telecentro, para as mulheres que se interessaram em participar. Algumas estagiárias da graduação de psicologia atuaram como instrutoras de apoio ao projeto.

2ª Frente – Mapeamento dos hotéis de prostituição da zona de baixo meretrício e de suas condições de trabalho, através de visitas aos hotéis e observação dos aspectos físicos, higiene, instalações, valores das diárias, horários assim como outras particularidades encontradas nos hotéis.

Criamos um Mapa com alguns itens considerados importantes para serem observados nos hotéis. Estas informações foram agrupadas num modelo cartográfico contendo dados de todos os hotéis da zona de BH.(Anexo I)

3ª Frente – Realização de entrevistas semi-estruturadas com as mulheres nos hotéis e nos pontos de prostituição, buscando conhecer aspectos ligados a este cotidiano: rotinas, custos, riscos e problemas.

4ª Frente – Realização de entrevistas em profundidade com prostitutas que moram e/ou recebem seus clientes nos hotéis e que se dispuseram a participar. Nosso objetivo aqui era compreender melhor os aspectos relacionados ao trabalho e prostituição, relacionamentos familiares, sociais, afetivos, possibilidades e alternativas de construção de sociabilidades nos espaços freqüentados por estas mulheres.

5ª Frente - Foram realizadas entrevistas temáticas em grupos com algumas profissionais do sexo a fim de discutir de forma aprofundada temas que haviam sido identificados como importantes, em entrevistas individuais, como a questão das regras e mitos na prostituição contemplando aspectos como o sexo , prazer e afeto; o

estigma enfrentado por estas mulheres advindos da família, amigos , vizinhos e da sociedade bem como as possíveis estratégias de enfrentamento destas condições.

Em todas as frentes adotadas durante a pesquisa, procuramos explorar dois campos essenciais em interação: o mundo vivido da prostituição e as trajetórias pessoais/profissionais.

6ª frente - O recolhimento de História de Vida de Catarina²¹.

Catarina se aproximou numa reunião da Associação dizendo que gostaria muito de escrever um livro contando a sua história, mas que teria dificuldade de falar diretamente para outra pessoa. Demonstramos nosso interesse por escutar e escrever a sua história ressaltando como seria o processo e da implicação que de fato isto demandaria tanto do entrevistado como do entrevistador.

O recolhimento de sua história se desenvolvia à medida que a relação se consolidava e fortalecia. Num primeiro momento pedimos a ela que contasse a sua história começando de onde ela preferisse. Catarina demonstrou durante alguns encontros uma grande preocupação em relatar os fatos de sua vida de forma cronológica a fim de manter uma coerência dentro daquilo que inicialmente esperava, optando por começar a sua história pela infância. Apresentava, de igual forma, uma preocupação inicial em selecionar o que contava já que havia o desejo de escrever um livro. Não era tudo que gostaria de “tornar público”.

²¹ Os nomes utilizados são todos fictícios.

Nossas conversas fluíram de acordo com o ritmo por ela definido, sem perguntas ou intervenções de nossa parte. Lentamente, Catarina se desapegou daquela preocupação com o livro e se implicou no seu discurso de maneira despojada.

As entrevistas foram gravadas, mas trabalhar com gravador nos coloca algumas limitações em campo. Sem dúvida, trata-se de uma ferramenta de extrema importância principalmente no recolhimento de histórias de vida, pois seria impossível conseguir recordar os fatos tal e qual nos são relatados ou mesmo fazer anotações durante a narrativa do sujeito.

Percebemos que o uso do gravador, de alguma forma, inibia Catarina de relatar alguns acontecimentos de sua vida por não ter a intenção de registrá-los. Durante algumas entrevistas, após desligar o gravador, Catarina relatava fatos importantes para o contexto de nossa pesquisa. Estas informações não gravadas foram anotadas e analisadas juntamente com os demais conteúdos, após serem discutidas e validadas por Catarina.

Durante a pesquisa, outra profissional do sexo demonstrou também interesse em relatar alguns fatos de sua vida como sua família, a rotina nas ruas e clientes. Encontrava-nos nas aulas de informática e no final Maria narrava acontecimentos de sua história.

Os dados colhidos nos encontros com Maria foram tratados e analisados na pesquisa de acordo com a sua relevância e foram complementares aos dados colhidos durante todo o trabalho de campo.

2.3 – Limitações do método

Trabalhar com as profissionais do sexo nos remete a algumas especificidades desta categoria como o sentimento de estar sendo explorada pelo outro, aliado à urgência pelo resultado palpável de um objetivo. Após algumas entrevistas realizadas, Catarina sugere que a universidade patrocine seu livro. Sente-se desapontada com a resposta contrária à sua expectativa e insinua que o objetivo do recolhimento de sua história “trata-se apenas de um trabalho de escola”.

Catarina demandava com frequência a transcrição e transformação de sua história em capítulos do livro, demonstrando dificuldades em compreender ou talvez em aceitar o fluxo deste processo. Após algumas tentativas frustradas de esclarecer estas questões, somado a certo esfriamento dela para a continuidade das entrevistas, levamos uma dissertação de mestrado com a história de vida de uma líder comunitária a fim de que ela visse como seria na prática o “fechamento” deste trabalho. Pudemos tratar das suas desconfianças de forma aberta, retomando nossa proposta inicial e reafirmamos o vínculo de confiança.

Percebemos que outras questões contribuíam para suas desconfianças e ansiedades, não estando focadas na relação de confiança que havíamos outrora estabelecido. Compreendemos por uma vez mais o quanto é importante para estas mulheres evidenciar resultados concretos e quando isto não ocorre, o quão rápido se dá o desapego de seus propósitos iniciais.

Ficamos pensando se esta questão se aproxima do cotidiano destas mulheres, a rotina de trabalho, o tipo de relação com os clientes - programas rápidos onde elas precisam

correr contra o tempo – já que este se traduz efetivamente em dinheiro - em espécie - neste “métier”.

Capítulo 3 – A História de vida de Catarina

Introdução

Catarina tem 56 anos, é separada e tem 04 filhos, frutos do seu primeiro casamento. O mais velho mudou-se para Belém há dois anos, após uma briga com Catarina. Nesta época ele morava em sua companhia e a relação dos dois havia se tornado insustentável. Catarina, já cansada da falta de iniciativa do filho para trabalhar e ajudá-la na manutenção da casa, resolve contar que trabalhava na zona:

Eu tinha brigado com ele na véspera dele ir. Foi por isso que ele foi. Arrumou essa mulher e foi. Eu até contei daqui... que ele ficava... sugando mesmo! Era dinheiro pra isso, era roupa, era não sei o quê, então...

Eu peguei e falei. Falei: “ó, você tá com trinta e... um ano, já quase trinta e dois... você nunca preocupou de perguntar o quê que eu faço. Aonde que eu fico. Então eu vou te falar. Você tá achando que é... eu falei pra vocês que era um homem, um namorado que eu tinha... mentira! Por que eu não ia falar de cara com vocês... quê que era... mas se fo... agora foi necessário. Eu vou falar: “é tal, e tal, e tal, e tal.” “Não mãe!”

Eu falei: - não... não adianta se tiver preconceito. Vocês não me ajuda, não faz as coisa pra mim, então não vem me reprimir. Eu tô te falando por que você vai arrumar um jeito de você ganhar dinheiro e pára com isso, que eu acho que não é justo eu ficar lá e... você tirando de mim. Não. Era você que tinha que me ajudar... tinha...

pelo menos que me ajudar assim... sentir vontade de me ajudar... não ser obrigado, que ninguém é obrigado, não!

Aí conversei com ele, ele fez que tava tudo bem. E saiu lá de casa nessa época. Foi morar sozinho, depois arrumou essa mulher e foi. Depois que ele tava pra lá, que a gente voltou a conversar. Ele ligava e tal... e eu ainda fiquei feliz pensando que tava tudo bem.

Ana, a segunda filha, é casada e tem 02 filhos. Formou-se em Ciências e leciona em duas escolas. Faz cursos e está sempre tentando crescer profissionalmente. Mantém uma boa relação com Catarina e com os outros irmãos. Vive uma vida modesta com seu marido e filhos.

Débora é a caçula. Casada pela segunda vez. Tem uma filha do primeiro casamento. Catarina mantém com esta neta uma relação de muita proximidade e afeto. Em vários relatos fica evidente a atenção, os cuidados e carinho dedicados à neta. Catarina morou com esta filha quando sua neta nasceu e cuidou da criança durante seus primeiros anos.

Débora é formada em Administração de Empresas e trabalha numa empresa de médio porte. Procura se atualizar e parece ser mais ambiciosa. Seu atual marido não mantém com Catarina uma boa relação. Parece se sentir enciumado pelo fato de Catarina gostar muito do pai da neta – ex-marido de Débora.

Seu genro então, volta e meia provoca Catarina, questionando onde ela trabalha, oferecendo-se para levá-la ao trabalho.

Carlos é seu 3º filho. Os irmãos reclamam ser ele o preferido da mãe, ela nega. Carlos trabalha e está fazendo faculdade de Administração. Mora com uma companheira e tem dois filhos. Catarina mantém com ele uma relação mais próxima, de diálogos e troca de experiências.

Seu ex-marido se casou novamente e tem duas filhas com as quais Catarina tem uma boa relação. Porém não conversa com ele tão pouco com sua esposa.

Catarina conhece bem seus filhos, descreve com detalhes cada um deles e durante seus relatos percebemos o enorme carinho que possui por todos.

O afeto para com os netos é outro ponto que se destaca na sua narrativa familiar.

Porém, parece que o fantasma da separação e da conseqüente entrega dos filhos ao pai, volta e meia assombram sua relação. Ela nos relata:

*“Engraçado que hoje meus filho também me cobra...não fala assim diretamente, mas de vez em quando, um dá uma... Eu às vezes reclamo: **“ah, por que minhas meninas é desligada, não conversa.”** Era a mesma coisa que minha mãe falava. Não tem aquela amizade. Meu filho virou pra mim e falou assim: “ah mãe, mais senhora também tem que ver né, que na época que elas mais precisaram, que era época de adolescente, que tava ficando mocinha, senhora também não tava.”*

A mesma coisa que eu fazia com a minha mãe: “ah, fui criada pelos outros... que não sei o quê, também, mais?”

Ela falava “gente, mas é que foi necessário.”

Eu falo que a gente tem que entender muitas coisa e não entende, né. Quando vai entender, já era.

Um dia meu menino, o Juninho virou pra mim e falou: “é mãe, se vocês não tivessem separado, a gente tava era bem.”

Igual o pai dele falou com eles: “sua mãe esquentou a cabeça para separar! Nós podia tá era bem!”Financeiramente! porque a gente tinha um restaurante, ele tinha muita freguesia. Eu atendia, vendia marmita, vendia tudo.

Aí, jogou assim: “vocês estão ruim? A culpada é sua mãe!”.

Entendeu? Tudo a culpa é só eu! Aí ele pega e falou isso.

*Eu falei: “nó, meu filho, pelo amor de Deus! Você vai carregar isso com você? Você não vai fazer mais nada? Porque, por causa de uma derrota que não é sua?” Ele se sente derrotado. **“Agora você vai ficar derrotado? Você queria que eu ficasse?”***

Falei com ele assim: ”então eu não podia ter separado! Qual que vale mais? Eu ter separado e hoje tá bem, com a minha cabeça tranqüila, com a minha vida ou às vezes eu ter até morrido? Talvez

fosse melhor, né!? Aí eu morria, não ia suportar porque do jeito que a gente tava era briga , briga e já passou pra soco e agressão. Então eu morria!

E aí o que que ia acontecer? Mas seu pai, contando que ele tivesse mais com não sei quantas casas, carros, e se eu não tivesse bem, tudo bem, era isso! Ele falou: “não, não é bem assim não!”

Eu falei: mas o que deu a entender foi isso! Pois eu não tenho remorso nenhum. Vocês tão tudo com saúde, todo mundo tá adulto, tem condição de trabalhar, não é doente, não tem ninguém deficiente.

Catarina é zelosa com os filhos, procura estar sempre presente mas preza sua privacidade. Não quer ter os filhos morando com ela e deixa isto claro para eles.

Vive conflitos quando é demandada a acolher algum deles em sua casa. Mas mantém sua posição firme ainda assim.

Durante sua narrativa percebemos que Catarina zela pela casa onde mora e a mantém como algo “sagrado”, um lugar para estar com sua família e amigos. Mas, sobretudo um lugar para estar consigo mesma. Um lugar seu, talvez um espaço que se traduza em conquista, em determinação e que guarde ali um gostinho de vitória face á sua história tão marcada por perdas e abandono.

Esta casa marca na sua história uma nova fase onde Catarina consegue resgatar sua vontade de viver e de vencer. Trabalha na zona e emprega boa parte da sua renda em melhorias da casa.

Outro fantasma que parece permear sua relação com os filhos é o segredo que tenta manter sobre seu trabalho na zona. Embora só tenha revelado isto para Juninho, receia que ele tenha contado aos demais irmãos.

Seus filhos nunca tocaram no assunto com ela, não questionam o que faz nem onde passa a semana. Catarina conta que uma vez tentou falar com Carlos sobre este assunto, através de metáforas e ele a respondeu também com metáforas dizendo que antes de revelar ao outro alguma verdade, é preciso saber se o outro está preparado para ouvi-la. Neste momento desconfiou de que ele já sabia, mas que não queria saber.

Catarina vive atormentada com esta possibilidade e qualquer distanciamento dos filhos fica imaginando que eles descobriram e se afastaram do seu convívio.

Quando estivemos em sua casa, por ocasião de seu aniversário, percebemos um certo constrangimento por parte de seus filhos para com a nossa presença. Eles sabem que Catarina participa de uma pesquisa com uma equipe de psicólogos da UFMG e que almeja escrever um livro sobre sua história. Sabem que recolhemos as narrativas da sua história de vida.

Parte 1 - As lembranças que eu tenho

1. Origem

Não precisa coordenar não?

Eu pensei em começar a respeito da minha família. O lugar onde que eu nasci, onde que eles moravam, o lugar assim, a lembrança que eu tenho. A minha família toda...

Catarina é a terceira de seis filhos. Seus pais eram de origem humilde e trabalhavam na roça. Seu pai bebia muito, jogava cartas e vivia as voltas com outras mulheres.

Quando recebia o pagamento, chegava em casa bêbado e brigava com sua mãe agredindo-a fisicamente com frequência.. Catarina se lembra que muitas vezes não tinham nem o que comer em casa e quando as coisas apertavam muito, iam para a casa de sua avó que também morava por perto.

Catarina conta que com todo o sofrimento que passava, sua mãe era apaixonada por seu pai. Mas com o passar do tempo foi se cansando daquela situação e resolveu ir embora a procura de ajuda e trabalho. Deixou os filhos com o pai, levando apenas a filha mais nova. Foi para a cidade onde morava sua sogra com quem ela podia contar. Sua intenção era conseguir um trabalho para depois ir buscar os filhos. Quando seu pai descobriu onde estava morando sua mãe e que a mesma já estava trabalhando, pegou todos os filhos e os levou para ela.

Sua mãe ficou desesperada sem saber como iria cuidar dos filhos sozinha e ainda ter que trabalhar.

O pai de Catarina foi embora sozinho e logo depois arrumou outra mulher.

Catarina conta que sua mãe foi tentando cuidar dos filhos, matriculou todos na escola e continuou trabalhando num restaurante como ajudante . Os irmãos mais velhos ajudavam a cuidar dos mais novos. Com isto, Catarina se apegou bastante a um de seus irmãos mais velho que a levava para a escola, protegia-a e cuidava dela com carinho.

Catarina conta que com o passar do tempo, sua mãe foi ficando “louca” , colocou fogo em todas as coisas da casa e quebrou tudo na presença dos filhos que ficaram apavorados. Os vizinhos tentaram intervir mas sem êxito . Desse episódio pra frente, sua mãe foi apresentando crises frequentemente, cismando com as pessoas, agredindo locais públicos, chegando mesmo a ser presa. Seu quadro foi se agravando, não tendo mais condições de ficar com os filhos. Sua mãe começou a beber e passaram a viver ainda mais na miséria marcada pela fome, pelo frio e principalmente pela falta de uma referência de família, de proteção e segurança. Viviam trocando de casa, não fixando em ponto algum. Longe do pai e com a mãe doente, os filhos foram ficando cada vez mais inseguros e fragilizados.

Catarina conta que numa dessas mudanças de casa, sua mãe alugou um barracão próximo a uma zona, mas não se lembra se sua mãe era freqüentadora de lá. Mas lembra-se que as mulheres da zona mandavam comida para eles aos domingos.

Sua mãe continuava apresentando delírios que a fazia sair com os filhos a procura de outro lugar para morarem. Muitas vezes estas crises aconteciam à noite e eles saíam pelas ruas sem rumo acompanhando sua mãe sem saber para onde iam. Algumas vezes iam para a casa da avó que também não agüentava mais as crises da filha.

Seu irmão mais velho resolveu morar com sua avó. Sua mãe foi então dando os filhos para outras famílias criarem.

2. E eu fiquei assim: vai pra uma casa, vai pra outra!

Catarina passou por várias casas, vivenciando difíceis momentos em algumas delas:

“A mulher saía - eu já tava lá com meus nove anos - ia pra feira e o homem ficava. Ai quando é fé, quando pensa que não , ele falava assim: Oh minha filha traz um

café aqui pra mim! Eu ia e levava, não tinha nada. Até que um dia ele me puxou, me puxou e queria que eu deitasse com ele. Eu peguei gritei muito, chorei, tal... esperneeiei muito e ele não conseguiu o que ele queria .

Catarina voltou para a casa de sua mãe que estava vivendo uma fase melhor em relação às crises. Mas logo depois voltou a apresentar delírios e novamente saía com os filhos a procura de outra casa, tirando-os da escola. Catarina conta que gostava muito de estudar mas não tinha como dar continuidade aos estudos com aquela troca freqüente de escola .

Com o passar do tempo, Catarina teve que ir morar novamente com outra família. Nesta casa, ela tinha que fazer os trabalhos domésticos e cuidar do filho do casal em troca de moradia, roupa e comida. Sua mãe a tirou também desta casa pois não aceitava que ela tivesse um certo conforto quando seus outros irmãos passavam por dificuldades.

Catarina já estava se tornando mocinha quando foi morar com seus padrinhos que eram fazendeiros na região. Eram pessoas de regime tradicional e rígido. Catarina cuidava da filha mais nova deles e sofreu maus tratos nesta casa.

“Gente, se a menina caía eu apanhava, se a menina chorava eu apanhava, se a menina tava caminhando, dando os primeiros passos , caía, aí eu tomava uns cascudos porque não olhei direito. A menina machucava e eu apanhava e era de chicote. Tudo era motivo.

Durante os dois primeiros anos seu padrinho não permitiu que Catarina visse sua mãe alegando ser melhor para a adaptação dela na nova casa. Os anos foram passando e Catarina crescendo neste contexto marcado por uma profunda miséria afetiva. Havia um discurso por parte de sua madrinha de que ela seria mais uma filha deles, porém na verdade isto não se concretizava. Catarina era obrigada a fazer trabalhos domésticos e não podia desfrutar de alguns confortos destinados aos filhos do casal como viagens para praia, alguns passeios, dentre outros.

Às vezes encontrava atenção e carinho por parte das professoras a quem ela acabava se apegando. Era dedicada aos estudos talvez até mesmo como uma forma de retribuição ao calor recebido pelas professoras.

Catarina se tornou moça e logo surgiram os namoros. Seu padrinho era muito severo e demorou a permitir que ela namorasse. Continuava a humilhá-la e a agredi-la até mesmo publicamente.

“Meu padrinho, na frente desse homem[pai do pretendente a namorado de Catarina], me pegou, de chicote... maltratou a minha avó toda. Falou : “essa raça não presta”.

E sendo que foi minha avó que... o pai dele ficou na cadeira de rodas, minha avó que lavava, tirava. Ele fazia tudo na roupa. Minha avó é que acabou de criar ele. Que ficou tomando conta deles, que eles ficou sem pai e sem mãe. E ele maltratou . Aquilo pra mim foi o cumulo.”

Catarina foi adquirindo uma maior crítica em relação ao contexto em que vivia, tornando “mais rebelde”. Não aceitava mais passivamente as intransigências de seu padrinho.

“Eu já tava mais topetuda, já tava sabendo mais o que eu queria, aí falei: “não, eu não vou aceitar mais isso não”. Falei: oh! - falei cara a cara com ele - O regime aqui é de escravidão: Suas filhas vão pra praia, namora, passeia. Agora eu não? Que isso! Não. Vou, saio, eu arrumo um serviço. Eu faço qualquer coisa mas eu não vou aceitar isso mais não.”

Seu padrinho não aceitou que Catarina fosse embora e a enviou para um colégio interno, coordenado por freiras.

3. Arrumei esse namorado, pai dos meus filhos.

Neste colégio ela concluiu o 2o grau juntamente com o curso de Magistério. E conheceu o pai de seus quatro filhos. Catarina nunca havia namorado por muito tempo tão pouco de forma mais livre como teve a oportunidade nesta escola.

As freiras gostavam muito de Antônio, o namorado de Catarina pois ele ajudava o colégio com doações. Mas seu padrinho não gostava do rapaz e tão pouco aprovava o namoro. Conhecia a má fama da família de Antônio com relação a jogos e negócios clandestinos que eles mantinham.

Catarina estava com 18 anos e ele com 25. Antônio trabalhava no comércio de sua família, próximo ao colégio de Catarina.

Após algum tempo de namoro, Catarina engravidou. Não queria se casar pois não estava certa de que era o tipo de vida ou mesmo de relacionamento que queria pra si. Mas também não via outra saída para si. Para a casa dos padrinhos não queria mais voltar e viver naquele sistema de escravidão, sua mãe vivia uma vida instável sem condições de acolhê-la .

Porém, seu padrinho tentou removê-la das decisões de se casar e de ter o filho prometendo encaminhá-la para BH, justificando que daria a ela todo o conforto que suas filhas desfrutavam inclusive que ela poderia cursar faculdade na capital. Mas Catarina não alimentava mais esperanças quanto a uma verdadeira mudança no comportamento do Padrinho. De alguma forma, ela quis também puni-lo recusando todas as suas propostas e manteve sua posição de se casar e ter seu filho.

“Aí, eu já não quis também. Falei não. Agora que eu já estou... faltava o que? Uma semana ou um pouco mais pro casamento, eu ia fazer isso? Aí era até loucura. Podia ter feito né?”

Mas a burrice era demais. Pra pirraçar ele eu também não queria as mordomias que ele tava querendo me dar: “Ah, aí eu vou pagar a faculdade pra você, se você quiser ficar lá em BH, os meninos ficam lá. Vocês podem ficar no mesmo apartamento.””

4. O casamento

Catarina formou e se casou aos 21 anos e logo começou a lecionar. Foi convidada por sua ex - professora que mantinha por ela grande admiração.

O início do casamento foi difícil tanto financeiramente quanto à adaptação ao estilo de vida do marido que ela até então desconhecia. . Ele gostava de jogar cartas e sua casa vivia cheia de amigos jogando e bebendo. Catarina logo aprendeu a jogar e a beber.

Com o tempo, foi se entregando cada vez mais a bebida na “tentativa de suportar aquela vida de tanto sofrimento, desilusões e falta de perspectivas.” Catarina tinha

uma forte referência da bebida: o pai bebia, a mãe bebia. Era na bebida que Catarina tentava “afogar suas mágoas” como ela nos revela.

“Então, tive o segundo filho, o terceiro, tudo beleza. Até no terceiro ainda deu pra segurar a barra direitinho. Assim, Bebia mis era mais moderado. Quando passou pro 4º, a minha filha, gente! Já foi uma gravidez de bebedeira porque aí a família dele começou a interferir porque eu bebia. A minha sogra também não gostava dessas farras que a gente fazia.”

Com o passar do tempo, a situação financeira deles foi melhorando. Antônio invadiu um lote e construiu uma casa para morar com sua família. Catarina lembra que ele vivia fazendo trapanças pra conseguir as coisas, enganando os outros. Construíram então uma casa grande, adquiriram carro e mantinham status e posição de destaque na cidade onde moravam.

Mas a relação dos dois foi ficando insustentável. Antônio mantinha relações extraconjugais com outras mulheres e chegou a ter um filho com uma delas. Não escondia de Catarina suas aventuras, permitindo até mesmo que sua amante fosse a casa deles.

Face a impossibilidade de construir com Antônio uma família estável e uma relação conjugal suportável, o casamento foi desmoronando. A família de Antônio não aprovava mais aquela relação. A vida deles era tomada por festas, bares e encontros com grupos de amigos, regados por muita bebida, jogos e traições dos dois lados. Catarina começou então a falar em separação. Porém, Antônio não aceitava e ameaçava se suicidar como fizera seu pai. Ela tinha medo de que realmente ele cumprisse com a promessa.

Antônio, de alguma forma, incentivava Catarina a beber dia após dia. Não tinha nenhuma atitude no sentido de ajudá-la a vencer o vício e pelo contrário, enchia a casa de bebida e levava-a frequentemente para bares e festas. Não bastando todo seu empenho em manter a situação como estava, começou a criar algumas situações possivelmente para se precaver de uma futura separação. Queria reunir provas de que Catarina não teria condições de criar seus filhos sozinha. Neste sentido, armava situações.

“Ele queria me tirar da casa, porque depois se a gente separasse, ele ia arrumar um jeito lá dele ganhar a causa e eu nem pra lá voltar sabe como?

Ele ia pegar tudo, ficar com a posse dos meninos.

Então, ele tava me levando a bebida cada vez mais, me provocando pra poder eu enterrar na bebida e ele fazer isso.

Esse dia eu até fiz a comida, beleza. Esse dia é que eu tive mais raiva. O dia que eu fiz a comida direitinho, só tinha bebido, mas não tinha deixado as coisas queimar nem nada não. Ele ainda falou assim: “Ah, vamos tomar uma? Eu bebi, bebi, bebi e falei: Nossa Senhora, eu to ruim, vou deitar. Fui e deitei. Ele ligou o fogo do fogão, até a comida queimar mesmo. Foi lá do outro lado onde era o escritório do advogado, buscou o advogado, levou em casa e eu tava deitada.”

Da mesma forma, parece que seu esforço era motivado também para mantê-la em suas mãos pois sabia que a bebida impossibilitaria Catarina de conquistar sua independência e conseqüentemente se livrar do casamento já fracassado. Não aceitava que Catarina trabalhasse, implicando e criando dificuldades sempre que ela lecionava.

Continuava ameaçando suicidar sempre que Catarina falava em separação. Ela já cansada, resolve desafia-lo a então suicidar caso fosse esta solução que ele encontrara. Mas, neste momento, seu marido virou o jogo alegando que não tiraria a própria vida mas a vida dela caso ela insistisse com aquela idéia de separação.

Catarina ameaçada e temerosa, resolveu ir embora para a casa de sua mãe deixando os filhos com o marido.

Após alguns dias ele a buscou de volta. Foram várias as tentativas de separação e de reconciliação com o marido. Uma relação marcada por ameaças, agressões físicas e muita bebida.

Catarina parou de lecionar e passou a ajudar o marido no restaurante deles, acoplado à casa onde moravam. Antônio oferecia aos clientes do restaurante a companhia de Catarina para beber e distraí-los.

Após sofrer mais uma agressão física do marido, na presença dos filhos, Catarina resolve colocar um ponto final no casamento.

“Esse homem me deu um direto no olho que meu olho, eu fiquei ceguinha assim, deu sangue, aquela poça. Eu fiquei doída, aí eu joguei a garrafa, gritei, sai da minha frente e mandei a garrafa.”

Ele foi embora de casa, com receio de ser denunciado para a polícia. Mas o fim ainda não havia chegado. Catarina e Antônio continuaram se encontrando em Motéis. Antônio só ajudava nas despesas da casa e na manutenção dos filhos quando lhe convinha, dando sinais de suas intenções e das condições para manter a ajuda.

Catarina conheceu outro homem com quem iniciou uma relação. Quando Antônio descobriu, pressionou-a a largá-lo ou ainda de manter as duas relações paralelas, sob pena de não ajudar mais na manutenção dos filhos. Já que havia outro homem em sua companhia, então que ele assumisse as despesas dos filhos.

Catarina não mais se submeteu às pressões e resolve de uma vez por todas colocar um final no casamento.

5. O trabalho e o Álcool

“A bebedeira tomou conta e qualquer motivo era motivo pra beber. A pessoa parece que fica fora do planeta, a pessoa que bebe, pelo amor de Deus! Uma gotinha d’água vira um mundaréu.”

Este “ficar fora de si” com a bebida nos remete a história de sua mãe que com a doença psíquica também vivia fora da realidade, imersa em seus fantasmas, delírios encontrando também na bebida uma forma de lidar com tanta angústia.

Após um período de total imersão na relação adoecida com o marido e na bebida, ainda casada com Antônio, Catarina retoma seu trabalho como professora. Estava afastada das escolas haviam sete anos quando teve o apoio da diretora da escola de seus filhos para voltar a lecionar.

“Aí, tinha já sete anos que eu tinha parado de trabalhar. Tava por fora, mais por fora mesmo, não sabia de nada. Peguei a bicicleta do meu menino, falei com ele assim: me arruma um dinheiro aí pra eu comprar um caderno .

“Ah, não tenho dinheiro não. Ce compra fiado, na hora que você receber , você paga.”

Desse jeito! Eu pego, fui no boteco da esquina, tinha material escolar, comprei um caderno daqueles pequeno, uma caneta , um lápis, uma borracha e fui, pus numa sacolinha e fui.

Antônio, contudo, era contrário a esta decisão mas Catarina bancou seu desejo e recomeçou a trabalhar.

A resistência de Antônio persistia. Catarina chegava do trabalho e ainda tinha que ajudá-lo no restaurante, cuidar da casa e dos filhos. Ele fazia todo tipo de pressão para que ela largasse o serviço, mas Catarina persistiu com seu propósito.

*“(...)Eu falei: não. Não vou ficar nessa situação mais. **Agora eu vou trabalhar.** Aí, menina, pronto. Aí eu todo dia naquela luta, de manhã cedinho. Chegava em casa nem a vassoura na casa ele tinha passado. As camas tava com os cobertores lá jogados até 1:00 h da tarde. Comida, de qualquer maneira, lá. Dava pão para os meninos, mas pintando. Deixava os meninos fazer o que eles quisessem pra me atormentar.*

Catarina tentava conciliar o trabalho com os afazeres da casa e do restaurante e ainda ter que lidar com a pressão freqüente do marido. Submetida às agressões, falta de respeito do marido e as relações com outras mulheres, tentava sobreviver, buscando na bebida uma forma de tentar dar conta da luta que travava todos os dias para sustentar seu desejo.

*“**Porque nessa época eu não bebia.** Era só final de semana, **era controlado** porque eu tinha o meu serviço e nem podia. Aí, era lá uma vez ou outra que eu bebia. Acho que isso até incomodava ele um pouco. Como que eu tinha mudado, né.”*

O trabalho assumiu na vida de Catarina uma importância fundamental nesta época, devolvendo a ela um novo sentido para sua vida e uma possibilidade de vencer o vício do álcool. Ela se dedicava inteiramente ao trabalho, destacando-se com os alunos e com a direção da escola por sua competência.

Mas quando voltava para casa e se deparava com aquele contexto marcado pelo sofrimento, Catarina não suportava e buscava novamente no álcool forças para suportar. O álcool preenchia um vazio deixado pelo intervalo entre o trabalho e o descanso. Era nos finais de semana que Catarina se entregava a bebida. Durante a semana se mantinha sóbria para desempenhar bem àquela função que tanto enchia de sentido uma vida já sem maiores alegrias ou realizações.

“Quando eu não tava trabalhando, então, “pelo amor de Deus”: me entregava à bebida.”

Parte II - Tentando reconstruir sua vida

6. Um Novo Relacionamento

Catarina tenta recomeçar sua vida ao lado de Joaquim, um homem de 58 anos quando ela estava com 35.

Ele era atencioso com os filhos de Catarina e as crianças também gostavam muito dele.

“Eles tavam magoados com o pai, que tanta coisa... tragédia. Então eles não tava muito bento não. Mais esse... esse outro. Nossa! Num carinho... de sair, de conversar, de brincar... então era aquela paz.”

Joaquim ajudava Catarina nas despesas da casa e com as crianças mas não moravam juntos porque ela temia pela represália do ex-marido.

Nesta época Catarina havia diminuído as bebidas. Estava tentando recomeçar uma nova fase da sua vida. Mas Joaquim gostava de beber e ao poucos os problemas foram aparecendo.

“Foi uma época boa... é... só que aí a bebida... que ele bebia... não bebia constantemente não, mas bebia. E quando ele bebia, e eu bebia... aí já dava aquela problemática. Era uma maravilha. Mas quando bebia... aí nós dois já entrava na briga mesmo.”

Com a falta de apoio financeiro de seu ex-marido, Catarina dependia cada vez mais da ajuda de Joaquim que no início não se importava, mas com o tempo também foi pressionando-a a requerer os direitos de seus filhos.

“Ai começou a ter desavenças: “ah, não, mas ele é folgado, você tem que correr atrás.” Não via que eu não tinha corrido atrás porque eu procurei este outro meio foi para não correr atrás, por causa das coisas que ele falava, que se eu fosse requerer, ia acontecer isso e aquilo. Então as ameaças que tinha. Quando meu ex-marido fazia essas ameaças[de não ajudar mais aos filhos], isso me chateava e foi onde eu tornei a voltar para a bebida que eu tinha ficado um tempo bom na paz, tranqüila. Era uma coisa e outra me enchendo a paciência, que eu tinha que requerer pensão, que eu não era obrigada sozinha.”

Com o passar dos anos, Catarina e Joaquim já estavam brigando muito e até mesmo agressões físicas passaram a fazer parte das brigas do casal. Após quatro anos de relação, Catarina resolve se separar dele.

7. Tentando sobreviver com os filhos

Catarina foi tentando sobreviver com os filhos contando apenas com sua renda de professora contratada. Mas a situação estava cada dia mais difícil para ela e as crianças cobravam muito pois sentiam que o padrão de vida já não era mais o mesmo.

Logo depois Catarina ficou desempregada pois o contrato como professora havia encerrado. Buscou então ajuda de sua família que se recusou, pois na visão de sua mãe e de suas irmãs ela havia deixado uma vida tranqüila, onde tinha casa, um marido e todo o conforto.

Catarina havia se diferenciado de suas irmãs por ter sido criada por seus padrinhos e ter tido acesso à escola. Através disto alcançou uma formação que lhe conferiu a profissão de professora. Sua mãe, por algumas vezes, disse a ela que se arrependia de tê-la entregue a seus padrinhos, alegando ser ela arrogante em relação ao estilo de vida das irmãs. Esta trajetória havia contribuído para que Catarina se destacasse, evidenciando a distância de valores, perspectivas e de caminho vividos por ela em relação aos demais irmãos.

Sua irmã mais velha era garota de programa e trabalhava em boates no interior. Catarina a recriminava por isto e freqüentemente dizia a ela que deveria buscar outra ocupação para sobreviver pois aquilo não estava certo e não era vida digna para ninguém. Sua mãe sabia da atividade da filha e apoiava-a ficando muito insatisfeita com a posição de Catarina.

Quando, então, Catarina se viu numa situação financeira difícil, foi buscar ajuda junto aos seus familiares pois não tinha mais com quem contar. Neste momento, parece que sua origem, as raízes de família vieram a tona e Catarina foi provocada

pela irmã, que era garota de programa, a encarar esta realidade que também era sua e da qual ela não poderia mais fugir.

Se quisesse o apoio da família deveria ser como um dos seus, não poderia se diferenciar. Seu êxito profissional revelava diretamente a falta de oportunidades vivida pelos demais irmãos e isto era realmente muito difícil de ser suportado por todos inclusive por Catarina.

“Uma irmã minha fazia programa, virou pra mim e falou assim: “uai minha filha, você ainda tá achando que você é professora? Não tá dando? Eu faço programa, por que você não vai? Eu não posso fazer programa e emprestar dinheiro pra você, não. E você bancando que é professora... cai na real... corre atrás.” Eu... nossa! No dia eu fiquei doida.”

As pressões vinham de toda parte: de sua mãe, de suas irmãs, do Joaquim que queria reatar com Catarina, mas sem ter que assumir seus quatro filhos e do ex-marido que não ajudava em nada. Desempregada, sem condições financeiras tão pouco psicológicas de cuidar das crianças, pois nesta época ela estava bebendo muito.

“Tudo que eu ia fazer dentro de casa era bebendo! Como? Com Duas filhas e dois filhos em casa? Tá doido! Tinha vez que não arrumava nem comida! Os meninos mesmo que se virava. Eu mesmo via aquela situação.”

Catarina resolve então, apoiada por sua família, entregar seus filhos para o ex-marido cuidar.

Seus filhos sofreram muito pois não queriam se separar da mãe de forma alguma. Seu filho mais velho, pediu muito a ela que não os entregasse, arrumou um trabalho no hospital veterinário e prometeu ajudá-la. Comprava alimentos para os irmãos, tentando removê-la daquela decisão.

Mas a decisão estava tomada. Catarina entregou os filhos ao ex-marido e em troca de uma pensão alimentícia que teria direito, pediu ao ex-marido um valor em dinheiro para comprar um lote e reconstruir sua vida.

Seu ex-marido, aproveitando-se da situação para trazer os filhos para junto de si e obter deles total apoio, criou outra história para contar as crianças.

“Ele vira pro menino meu e fala assim: “sua mãe nem quis vocês, menino. Sua mãe trocou vocês por um lote. A condição que ela exigiu pra poder ... que ela podia ter pedido a pensão e eu dava a pensão pra vocês. Comprava as coisas direitinho pra vocês e dava a pensão, mas ela preferiu comprar um lote. Ela falou que me entregava vocês se eu desse ela um lote.””

“Oh! Nossa gente! Eu fui saber esse trem... depois dos menino adulto, que eles foram me contar a história. E eu inocente no trem... sendo que o dinheiro do lote que nem foi o dinheiro total, foi a metade. (...)Dizer que eu negocieei os meus filhos com ele, que absurdo!”

8. A luta para construir uma nova casa

Catarina reatou seu relacionamento com Joaquim, alugaram um barracão num cortiço e foram morar juntos.

Logo que se separou do primeiro marido, Catarina prestou concurso para professora pelo Estado e passou. Porém, só foi efetivada 5 anos depois.

O dinheiro que seu ex-marido havia lhe dado, não foi suficiente para comprar o lote, Joaquim ajudou Catarina a construir sua tão sonhada casa. Porém, com o tempo, Joaquim foi ficando arrogante e parecia ser sua àquela casa. Catarina se sentindo ameaçada de ter que dividir com ele seu único patrimônio, aliado às constantes brigas, novamente regadas por bebidas e agressões físicas, resolve se separar.

“No fim da briga nossa que foi agressão feia onde ele quebrou o meu nariz. (...)o que atrapalhou mesmo foi a bebida, aquela tragédia toda. Mas antes disso, desse machucado, a gente separava e voltava. Ai separa, é aquela tragédia. Outra separação. Mal vista pela família, meu ex-marido, aquele trem. Eu por baixo, os meus filhos já começam a escutar o pai.”

9. Eu fui passando pra frente, arrumando outros

Catarina tentava novamente reconstruir sua vida, mas suas relações foram marcadas pela bebida, brigas e agressões físicas, em uma repetição que parecia não ter saída.

O trabalho permeava sua trajetória nas oscilações entre o desejo de constituir-se como sujeito, sustentando esta posição através de uma atividade que preenchia de

sentido sua existência e de outro lado suas raízes familiares tentando trazê-la de volta para um contexto onde só seria reconhecida como membro pertencente e, portanto aceita, se assumisse outro lugar: de sofrimento, derrotas e abandono.

Uma luta parecia se travar em Catarina, pois havia ali um sonho, um projeto de vida mas havia também uma necessidade de pertencer, de se reconhecer como alguém que fazia parte de algum lugar e como nenhum outro espaço se sustentou em sua vida, seja àquele vivido com seus padrinhos ou o sonhado com seu ex-marido e filhos. O que havia lhe restado era sua família com toda a sua complexidade e mazelas. Para dar conta deste conflito, Catarina encontrava na bebida uma forte “aliada”, pois a tirava de órbita, a retirava, ainda que por pouco tempo, da dor vivida por estes conflitos tão difíceis, de fato, de resolver.

Assim, ela caminhava na busca de um novo companheiro e quem sabe de uma nova possibilidade de pertencer. Conheceu então um rapaz de 24 anos quando ela estava com 42. Foram morar juntos. No início estava tudo tranqüilo. Ele era solteiro e muito carinhoso com Catarina.

Mas, rapidamente, sua “velha aliada”: a bebida - foi inserida também nesta relação.

“Tudo perfeito. Tava indo tudo bem, quando, de repente o rapaz começa a beber também. E nós naquele “Love”, aquela coisa maravilhosa.”

Um dia, ele resolve confessar a Catarina que era bissexual e que tinha um companheiro com quem mantinha uma relação paralela.

“Aí, na hora eu fiquei muito assim... sem ação. Falei : meu Deus, o que eu faço? Por ele pra fora eu não posso. Tem que dar um tempo, dar um desculpa qualquer, esperar uma outra oportunidade pra eu descartar ele porque eu não posso ir mandando ele assim pra fora. A gente tinha uma vida legal, na cama,. tudo...tudo...”

Catarina esperou um tempo para terminar o relacionamento. As brigas foram se tornando freqüentes e por algumas vezes ele tentou matá-la enforcada. Até que um dia ele se desentendeu também com o irmão de Catarina quando a relação teve seu fim.

Após a 3ª separação, Catarina buscou ajuda para se livrar do vício do álcool. Procurou por apoio psicológico, tratamento médico, alcoólicos anônimos e até

mesmo em outras religiões, pois sabia que aquilo estava lhe fazendo muito mal . Mas de nada adiantava.

10. Conheci outro moço: um velho

Recomeçou então um novo relacionamento que na realidade o que havia de novo era apenas o “personagem” pois o enredo não sofria muitas mudanças.

“Eu conheci um outro moço. Bebia mais do que todos! Só que aparentemente não bebia, não. Tinha um boteco. Ó meu Deus do céu! Era perto da casa da minha mãe. (...)Ah, mas só de ter a bebida, pra hora que eu quisesse, á vontade e ele num importava, num implicava. Podia beber à vontade que era bom que dormia lá. Aí eu ficava: “Nossa!” Achava aquilo lindo. “Não, aqui eu bebo à vontade. Não preciso comprar, nem nada.”

Esta época, Catarina ainda trabalhava como professora concursada pelo Estado. Mas o espaço entre a sobriedade e a embriaguez foi se tornando cada vez menor. Ela havia passado a beber com maior freqüência e nesta fase a bebida invadia o seu espaço de trabalho fazendo com que Catarina não agüentasse trabalhar.

“Eu já tava assim... faltosa na escola. Num tava mais com responsabilidade nenhuma... nenhuma!”

Este seu novo companheiro a incentivava freqüentemente a deixar o trabalho e ficar cuidando da casa, pois sua renda seria suficiente para mantê-los.

O álcool, que durante algum tempo servia-lhe como um “paliativo” para suportar tantos conflitos, foi ocupando um espaço cada vez maior e a difícil luta para sustentar a única coisa que efetivamente trazia algum sentido para sua vida - o trabalho de professora -fracassou e Catarina abandonou a escola.

“Aí eu tomei gosto de ficar à toa. À toa mesmo. Costurava, aí eu já levei minha máquina pra lá. Costurava pra os vizinhos. Costurava, assim, pra fora. Isso ele gostava de me ver, lá, fazendo, costurando. Ele tinha até umas cliente, sabe? Um freguesa lá. Quando ele tava fora... eu só bebia final de semana. Num bebia durante a semana. Por quê que eu não tava trabalhando, gente?! Aí eu pensava: vou viver com esse homem que não é aquilo que eu quero, vou ter que ficar com ele pra mim ter o que comer, o que beber . Vou

costurar, e tal... e não é uma coisa assim né... que eu... amo de paixão. Que eu fazia por passatempo, de hora vaga ali, pra encher tempo, mas não que eu queria como profissão, não.”

Catarina viveu com este último companheiro por sete anos. Foi percebendo que aquela não era a vida que sonhara para si e resolveu romper a relação. Ele não aceitava, ameaçava-a de tirar dela sua casa e a humilhava alegando que ela não teria condições de sobreviver sozinha.

11. O abandono de um sonho

Em seu trabalho no Estado, ocupava dois cargos, trabalhando de manhã e à tarde. O trabalho como professora se traduzia num sentido de pertencimento, de realização e reconhecimento. Um espaço de construção de sociabilidades, uma ação efetivamente transformadora de si mesma e do outro, num processo de trocas tanto com os alunos quanto com os colegas de trabalho e os pais de alunos.

Por outro lado, todo o reconhecimento advindo desta atividade se traduzia como uma forte culpa que sentia por não poder fazer o mesmo com seus filhos. Ao mesmo tempo que tentava compensar a falta dos filhos, dedicando um enorme carinho aos alunos, culpava-se por isto. Os alunos preenchiam o vazio deixado pela ausência dos filhos mas na mesma proporção lhe remetia novamente para este vazio, quando chegava o final de semana.

“Quando eu tava na escola, pra mim eu tava no céu. Parece que eu queria transpor para os alunos o carinho que eu não tava dando para os meus filhos. Mas eu sentia uma culpa de dedicar tanto para outras crianças e não fazer isto para os meus filhos. Quando eu chegava em casa do trabalho, eu sentia uma solidão de ficar só...”

“Os pais gostavam tanto de mim que eu era igual a um reformatório. Tudo quanto é menino assim... difícil, eu ia pra minha sala e estudava só com ele lá. Comigo, sabe? Eu que não sei, eu tinha um dom terrível pra cuidar de assunto assim... conversar e

levar, sabe? Assim, com as pessoas. Com os alunos de 16 anos, 15 anos, uma época difícil. Então eu conseguia ter esse controle com eles.

Nessa época da bebedeira, eu bebia era final de semana! Segunda-feira eu ia trabalhar, ixi!, arrasada! Não tava agüentando nem ver menino falar assim: Oh, tia! Aquilo eu tava pedindo a Deus pra eu ficar quietinha! Segunda-feira era um dia terrível pra mim. Ai durante a semana eu engrenava!

No final de semana era o dia. Ai eu consegui ficar esse tempo todo dando aula! E trabalhava bem! Todo mundo gostava!

Trabalhava, estudava, mais aí a bebida, tudo era a bebida. Final de semana, bebida... direto. Na segunda não agüentava trabalhar. Ai fui me entregando, né. A bebida... fui me entregando... qualquer coisinha que acontecia era motivo pra beber. Num sabia beber mesmo. A bebida tomou conta, e foi destruindo mesmo.

Eu, largar um serviço que eu custei tanto, dentro de tantas mil pessoas eu passei no concurso. Eu passei bem no concurso, era uma boa profissional. Abandonar assim... Agora você vê, abandonar um sonho que eu tinha, assim... por causa de bebida?

Aí, o Estado não podia me mandar embora, porque eu era efetiva. Então tem todo um protocolo, né? Não tinha justa causa. Não tinha como me mandar embora. Então, mandava correspondência pra mim comparecer na superintendência aqui. E eu vinha? Nunca! “Ah, eu não vou mexer com isso mais não!” Ai eu sei que eu fui recebendo pagamento.

Em Outubro, depois do recesso que eu larguei... abandonei. Nunca mais voltei. Eu fiquei o resto do ano recebendo... porque tem os dias, né? Todo mês você tem tantos dia ali. Enquanto num sai definitivo. Ai ia lá... recebia os trocadinhos que tinha, que me mandava e pronto.

Me chamavam pra vir aqui, pra Belo Horizonte, pra saber o motivo, o quê que é que tava acontecendo.

Eu nem procurava meus direito. Abandonei totalmente, nem procurava saber. Se eu tivesse comparecido aqui na superintendência, quê que ia acontecer?

“Quê que tá havendo? Qual que é o problema?”

Ai podia ter até uma ajuda. Ter uma licença, ou um tratamento ou o quê... né?! Uma ajuda da parte deles.

Ah, mais foi carta e mais carta. Nada deu vim. Até que passou pra lá... a superintendência transferiu pra Sete Lagoas. Aí mandaram e eu fui, compareci. Aí já era pra eu fazer ... é... Ai meu Deus, eu esqueço o nome... que dá... é... processo administrativo.

Aí, o quê que eu fiz: bebi antes de ir, só não tava assim, aparentemente “dramdram”... Olha, eu cheguei lá, concordei com tudo, com tudo. E a diretora da escola... ela não era muito minha amante.

Porque, na escola eu era, toda vida eu fui muito... muito assim ... é... como é que agente fala? Não é brigadeira não. É... pessoa que ... é... eu gosto muito das coisas assim, legal. Num vem com maracutaia pro meu lado não, que certo é certo e errado é errado, e acabou. Sou muito assim...

Na minha casa, com meus filho, é assim: ou fez, ou não fez, sabe como? É preto no branco.

A diretora tinha medo, porque ela era também T1. Com o concurso a gente foi pra T2, não é?! Aí, ela era do mesmo nível meu . Tinha aquela panelinha da família dela. Tinha até gente que era da família dela, que era por debaixo do pano. Que ninguém sabia que era parente, que tava trabalhando lá. Ela pôs todo mundo. Secretaria, secretário, era fazedor de mandado assim... aquele povo que fica só pra sair na rua, pra pagar isso, pagar aquilo, pra fazer compra pra escola. Era sobrinho dela, era tio dela, era tia, era tudo. Aí eu fui descobrindo aquele negócio. Que eu era do colegiado... ela ficou meio “tantan”.

Eu abandonei o colegiado. E foi por aí. E foi me perguntar por que, eu falei : “não. Por que eu não vou assinar coisas que não sei, não entendo... nota, eu não sei , que eu não vi comprando. Eu não vou pegar uma nota aqui e conferir ali na despensa, se tá ali mesmo. Eu não vou pegar uma nota de papel aqui, e vou lá na secretaria e vou conferir tudinho. E, pra mim assinar uma coisa que eu não sei o que eu tô assinando, eu não vou ficar.” Então eles põe aquelas pessoas semi-analfabeta, que é dos pais, né?! Colegiado. Elege ali, aquela panelinha ali... que é tudo vaquinha de presépio... e põe dois professor. Só que eu não vou ficar conivente com aquelas coisa que eu tô achando que eu tô prejudicando. Não. E não vou assinar, por minha assinatura numa coisa que pode até abrir um inquérito contra minha pessoa ?! Não!

Então agente começou por aí. Então ela era doida pra ficar livre de mim. Com o negócio de eu ficar afastada, ah, ela deitou e rolou.

Ela já foi investigar minha vida: “ó, mais ela bebe, faz isso, faz aquilo. Então, a vida dela... ela é separada, ela largou o marido, depois do marido ela já teve tantos homem.” Então é isso! Só que lá na superintendência o pessoal falou assim: “ó, essa parte aqui de vida particular... tem nada haver. Ela mexeu no seu lado particular, mas isso aqui nós não estamos procurando. Nós procuramos de você como profissional, dentro da escola. Como que você era, como você agia dentro da escola com os alunos, com os pais, e tal. E o que agente encontrou, não foi isso que ela falou. Ela usou outros lados.

Fora da escola ninguém tem nada com vida de ninguém. Não importa o quê que você faz. Importante é dentro. Ninguém manda em ninguém.

E aí, até foi muito legal, muito direto né.

O papo deles. “E aí, como é que é que nós vamos fazer?”

“Não, mais eu bebo no fim de semana mesmo.” E tava doida pra sair fora. Em vez de eu me ajudar, falar assim: “não, tem como? E tal... agente rever isso aí?”

Não, eu já fui me ajudando também, pra eu sair fora logo.

Eu tava louquinha. Saí de lá., eu assinei minha dispensa, Nossa Senhora! Pra mim foi uma festa. Bebi o dia inteiro. Bebi o dia inteirinho. Parece que eu tava comemorando. Deus o livre e guarde! Coisa mais esquisita do mundo.

Mais aí, depois que eu saí mesmo, definitivo, vi aquele sonho meu né... ir. Aí já pensei: “Nossa Senhora, agora o quê que eu faço? Num tenho mais o meu serviço que era uma coisa certa. Aí, foi aí que eu fui pensar nas coisas.

A última vez que eu recebi foi 500 reais que eu comprei aquela máquina.”

12. A morte do irmão e da mãe

Catarina perdeu seu irmão mais velho no final de 1997 quando foi efetivada pelo Estado, vítima de um acidente de carro. Eram muito amigos e mantinham uma

cumplicidade desde a infância. Conheceu alguns de seus companheiros através dele. Bebiam juntos e de alguma forma parece que dividiam suas angustias.

Alguns meses depois sua mãe também morre. Sofria de diabetes e seu quadro foi se agravando após a morte do filho.

Catarina conta que estava brigada com sua mãe quando a mesma faleceu gerando nela um grande remorso.

“Eu fui falar com a minha irmã, minha irmã falou assim: “mãe tá aqui, você quer falar com ela?” Eu peguei, falei: “quero.”

Quando ela pegou o telefone, ela falou assim: “oi cachaceira!”

Nossa! Aquilo eu nem respondi, fiquei engasgada.

Aí minha irmã falou assim: “quê isso mãe? Me dá esse telefone aqui. Isso é jeito? A senhora ao invés de abençoar a menina, a senhora tá falando é assim? Passei pra senhora, pra senhora falar alguma coisa com ela, não foi pra isso não!”

Eu escutava as risada. Até hoje eu lembro das risada dela.

Eu fiquei sentida demais, conversei bobagem com a minha irmã.

No domingo teve um almoço na casa dela, eu não fui. Todo mundo foi, eu não fui.

Mas eu morava também, mais longe e não tinha dinheiro pra nada também.

Nessa época eu tava lá sozinha já... no meu barraco. Tinha largado o tal do velho.

Quando é na segunda-feira ela saiu pra receber pagamento e não voltou.

Eu já fiquei sabendo foi da notícia que ela tinha morrido. Fiquei sentida por que tava brigada com ela.

Aí foi mais motivo pra beber. Eu, com remorso, que eu tinha feito e acontecido com a mamãe, cobrado dela coisas dessa infância nossa, dessas coisa... tudo eu lembrava.”

13. A perda da irmã e o fim do vício

Durante várias narrativas de Catarina percebemos um forte apelo religioso. Catarina busca justificativas na religião para seu sofrimento e atribui a Deus a

responsabilidade pelos acontecimentos da sua vida, fossem eles felizes ou infelizes. Neste sentido, ela busca por explicações místicas e religiosas para “compreender” e aceitar as mazelas da sua vida.

“Eu tive um sonho que eu estava na casa da minha irmã, a que não queria que eu bebesse, a que não gostava. Sonhei que eu estava na casa dela, que no sonho eu não dormia mais e que quando eu fui pra vim embora, a pessoa me falou que tinha um santo que ia me proteger, eu perguntei e procurei saber, era o santo da devoção dela. Eu acho que era até um milagre.

Eu acho que o que aconteceu foi um milagre, porque ela falava que eu ia parar e eu sonhei justamente na casa dela .

Aconteceu isto e eu nunca mais bebi e este santo era o santo de devoção dela. Ela era devota de São Gerônimo. Desse dia pra cá nunca mais, nem vontade, nossa, bebida, cachaça, assim as pessoas vêm com bafo conversando comigo, aí vai certinho na minha cabeça, não agüento o cheiro.

O menino meu, bebe lá em casa.

Eu não bebo nada, nada, vai para uns 6 anos. Nunca mais.

E parei também, foi assim, da noite para o dia. Bebia, mais chorava demais

Ela morreu no final de 99, foi em novembro, 25 de novembro.

Dia 25 de novembro de 99, daí para cá e esse sonho que eu tive foi no início do ano, parece que em março, fevereiro, não sei, de 2000. Nunca mais. É como se eu nunca tivesse provado, eu fico por entender uma coisa desta, é como se eu não soubesse o gosto, é estranho não é?!

É igual na minha juventude, eu não bebia, então eu não tinha vício , eu fumava.

Então parece com aquela época que eu via os outros bebendo e eu nunca tinha provado, Você nunca provou, você não tem vontade.

Hoje, eu vejo os outros beber, pra mim é normal, o que eles estão fazendo ali, não sinto um pingão de vontade.

Agora, se eu pegar um copo sujo de bebida, nossa, eu cheiro assim, fica aquele trem, estômago embrulhando, uma coisa horrível.

Muitas pessoas fala, comigo, “ah! O bafo do cigarro também é terrível, “de vez em quando eu reclamo do bafo de bebida, “a não !

E desta época para cá, esta irmã minha tinha falado que quando ela saísse do hospital, eu ia parar de beber, ela ia sair do hospital, ia largar o marido: “eu vou largar ele, aí você vai parar de beber, aí a gente vai para BH, para fazer programa”²². Nós vamos sim.

Eu falava: Nó, menina, pelo amor de Deus, você tem coragem?

“O que é que tem?! Tanta gente vai, nós não vamos fazer nada de errado. Vamos ganhar dinheiro e arrumar nossas vidas, não vamos fazer coisas que não deve.”

Eu morria de medo.

Aí ela falou assim: “Agora é que você não pode ir, porque você bebe, mas quando você parar de beber nós vamos.

A hora que eu sair daqui...” E ela não saiu, morreu, eu parei de beber e vim, que era uma coisa que estava fora de cogitação. Pra mim isto aqui era o fim do mundo, eu tinha um preconceito horroroso.”

Parte III – O trabalho na Zona

14. A ida para a Zona

“ Quando decidi vir para a zona, Catarina estava com 50 anos e já havia parado de beber.

Uma colega nossa, uma menina, esta minha irmã não gostava dela não, falava assim: “ Ave Maria! Mulher é uma metideza e acha que está podendo, ta indo para a zona em BH, fazendo programa, ganhando dinheiro, fazendo coisa, arrumando tudo e achando a tal.”Aí veio aquele comentário .

Quando veio esta amiga minha, toda vez que eu encontrava, ela perguntava: “ E você o que é que vai fazer da vida?Vai continuar vivendo aí, se entregando a bebida?”

Até que os conselhos dela eram bons. Ela também não bebe. Ela falava comigo: “Catarina, lá é horrível para quem tem vício, porque se você tiver um vício você

²² Catarina me revela quando fomos ler juntas a sua história, que sua irmã fazia programa em boates na cidade onde moravam e que tinha a intenção de vir trabalhar na zona em BH. Revelou também que sua outra irmã mais nova, já trabalhava na zona de BH.

pega uma doença, você não se cuida. Então, nem eu tenho coragem de te levar com vício não, bebendo, caindo, os outros aproveitando de você, fazendo covardia com você, mas se você parar de beber e ir aí é diferente.”

Até que depois que eu parei de beber, aí ela falou: “você parou mesmo?” Aí ela sempre me via nas festinhas que a gente sempre ia, a gente saía, ia dançar nos finais de semana, ela falou :”Agora eu acreditei que você não bebe mais mesmo. Se quiser ir nós vamos.”

Ela hoje já saiu, arrumou um namorado, construiu a casa dela e mobiliou. Tem 05 filhos e era tudo pequeno, né?! Tinha um rapazinho que estava ficando rebelde demais, aí ela falou: “eu vou ter que sair porque ele já está rapaz esta me explorando, então eu vou sair, vou parar , já fiz meu pé de meia.”

Também ela veio pra cá bem antes de mim. Quando ela me trouxe²³ já tinha até construído a casa dela já, já tinha feito muita coisa.

Eu pensava: “Meu Deus, eu nunca pus os meus pés num lugar desses, o que é que eu vou fazer, como que a gente faz?”

Aí essa menina, quando ela me chamou eu vim. A fama de zona era isso: de homem violento, batia, fazia e acontecia. O que chegava pra gente, num aproximar né, do jeito que eles pintam pra gente os homens, os maridos, “aquele lugar ali é um cão.” É pra gente nunca ter nem vontade de passar ali na porta.

Ali não é o céu, mas depende da boa vontade de cada um, da cabeça.

Aí o que acontece? Eu pego e vim assim: 2ª, 4ª e 6ª e às vezes no sábado. Eu vinha 2ª cedo e voltava de tarde. Eu não tinha ainda clientela, não tinha nada, então ganhava pouco e gastava com ônibus, ficava indo e voltando. Saía daqui e ganhava tanto, pagava a diária e levava o que restava. Passava no sacolão e comprava verdura e fruta aí o dia que eu ficava em casa eu comia aquelas verduras e aquelas frutas. No outro dia eu deixava dinheiro de voltar.

Eu já vinha no outro dia gastava mais passagem ida e volta então o dinheiro que eu estava ganhando estava ficando só nisso. E nossa, o povo ficava, os homens ficavam morrendo de dó de mim.

²³ Catarina me revelou durante a leitura de sua história, que veio para a zona de BH trazida pela amiga e também por sua irmã mais nova que já trabalhava aqui.

As mãos puro calo, porque eu trabalhava na roça né?! Estava ganhando R\$8,00 reais por dia capinando, limpando.

Antes de vir para cá, eu tava sobrevivendo assim. Andava 5 KM até a roça e voltava com a enxada nas costas. Com um senhor lá de idade, o velho tinha 102 anos, trabalhava ainda, até hoje ele é vivo. Aí, muita gente falava assim: “Oh Catarina, você voltou outra pessoa, trabalhar na roça, o que é que é isso menina, você tá ficando doida?”

Aí eu falava: não, eu tô bem.

Aí depois quando eu comecei a vir pro hotel eles viram minha mão toda com calo e eu arredia igual a um bicho, domado, para eles era o máximo né,?!

Foi aonde começou e até hoje tem gente que é desde essa época. Tem uma meia dúzia ou mais que é desde essa época.

Eles começaram e ficaram com dó, eu conversava e todo mundo queria saber como é que foi, como que eu decidi a vir, como é minha vida, e eu contava. Eu era simples demais e o povo tem a cara boazinha, aí eu contava. Eu era boa igual não sei o que.

Por isto que é até difícil, você vir eu que não quis nem conversar, junto com outros meninos²⁴. Eu não vou contar a minha vida assim, a pessoa quer saber simplesmente...sei lá, só pra fica sabendo da minha vida, sei lá.

Eu contava por um motivo qualquer, mas nada assim, só pra bater papo, mas pra falar de mim, não tem graça.

14.1 – As primeiras orientações da amiga

“Ela me explicou: o homem vai te perguntar isso, vai te perguntar quanto, aí você fala isso. Eu não sabia, tem uma mania de falar “PISSO”²⁵.

²⁴ No início do projeto de pesquisa, um grupo de alunos da pesquisa tentaram fazer entrevistas com Catarina. Ela começou mas depois não quis dar continuidade, alegando ter dificuldades de falar sobre sua história para um grupo de pesquisadores.

²⁵ Segundo Catarina, PISSO é uma linguagem vulgar de zona e significa a “transa”, o coito propriamente dito. Os clientes chegam e falam: “vamos dar uma pissada?” Ou então: “Quanto é o pissinho?”

O que é que é isso menina? Eu caí na risada e aquilo para mim, eu nunca tinha ouvido esta palavra.

Aí ela disse: “ Ai menina, pelo amor de Deus, é isso e isso.” É transa.

Eles chegam e falam assim:”quanto é o PISSO?” Sabe como? E eu aqui pra mim, foi uma piada, aquele nome, os outros me perguntava aí eu caía na risada, eu não acostumei, eu acho estranho demais, eles chegarem e perguntar assim: “ quanto que é o seu programa. Eu achava estranho, e ela falou assim: “aí você vai arrumar sua casa, que você tem vontade, fica aquele barraco todo desarrumado, não tem móvel, não tem nada. Na sua idade eu já tinha posto currículo pra todo canto, mas ninguém chama.”

Passou de 40 e tantos igual eu já tinha passado, 45 anos, já estava com cinquenta , quem que vai contratar?

Agora pouco é que eles chamaram no supermercado para embaladora.

Chamaram mulheres acima de 50 anos, deram prioridade para mulheres acima de 50 anos para embalar, agora pra mim não é vantagem”.

14.2 - Os hotéis onde trabalhou

“O primeiro hotel era perto da rodoviária. Na semana que eu vim, um moço do meu bairro, passando no corredor e quando eu abro a porta, termino de fazer um programa e logo na entrada - igual é do tipo ali do magnífico só que é no 2º andar - então eu tinha que subir e a minha colega era em frente a escada, dava uma voltinha e já vinha no meu quarto.

Eu conheci, era o moço, menina. Um casado lá com uma mulher que é terrível, a mulher, nó, é um hiena, é traficante, mexe com droga, essas coisas.

Quando eu abro a porta que é que vai com a pastinha debaixo do braço? Ele, eu falei: meu Jesus amado! Aí eu tornei a fechar a porta.

A minha colega veio e bateu. Eu falei: então entra aqui que eu não posso nem ficar com a porta aberta.

Ela perguntou: “porque menina?” Ela riu até, eu falei: ah não porque tem um conhecido meu.

“Você veio para cá menina, agora você tem que assumir, deixar os outros vê, ninguém ta te dando nada. O que é que você vai fazer? Porque senão você vai ter que esconder , vai ter que ir para outro lugar. Porque aqui em BH eles vem, eles rodam aqui tudo, eles conhecem aqui tudo. Você acha que eles vem só aqui? Aqui é fácil, é perto da rodoviária, mas nos outros eles vão lá também.”

Aí eu fiquei doida, vou, não vou, continuo, não continuo? Oh meu Deus! Eu fiquei maluca.

Aí ela pegou e falou assim: “Oh, já que você não ta querendo ficar aqui, neste lugar aqui que é mais fácil deles vim, realmente aqui é mais fácil. Eles descem do ônibus ali na rodoviária ou de táxi, e desce logo aqui. Você pega vai pro outro, tem um outro antigo , velho que eu fiquei nele.

Peguei e vim, bem pior.

No Amarelinho²⁶ tinha chuveiro, era apartamento, tinha tudo no quarto, tinha banheiro, era uma suíte. Agora o outro aqui nem vaso, eu falei : Oh minha Nossa Senhora, o que é que é isso, eu não posso nem reclamar.

Ela me trouxe, me apresentou e falou que era para ganhar dinheiro. “Se você souber você vai ganhar.” Então eu consegui ganhar muito aqui.

Aí, graças a Deus eu nunca mais vi ninguém, assim conhecido, a não ser algumas mulheres conhecidas de Sete Lagoas que vinha e falava: “Ah, você ta vindo também?”.

Depois que eu resolvi ir pro melhor e vim para este. Mas no início, eu fui para o Imperial. Faz tanto tempo. Quando deu aquela confusão de fechar hotel, aquela época que a PBH estava dando de cima, vigilância sanitária. Lá não tinha nada direito. Então eles pegaram no pé mesmo, aí fechou e eu fui para o Stilus. Os clientes foram também, me encontravam, continuavam. Depois o Imperial abriu.

No Stilus era mais caro a diária, tava muito difícil. Voltei para o Imperial. Depois o Imperial fechou aí eu fui para o Magnífico.

Foram esses os hotéis e até hoje eu estou no Magnífico.”

²⁶ Primeiro hotel onde Catarina trabalhou.

14.3- A concorrência dentro do hotel

“Ah, tem umas que adora, minha filha. Se sabem assim, ah, é meu cliente...”

Por isto que eu não gosto de ficar perto do cliente de ninguém. Porque elas ficam assim, olhando sabe?!

E meus clientes, graças a Deus, a maioria são tudo assim: bem jeitozinho, bem cheiroso, bem asseadinho, anda bonitinho²⁷.

Então, o que acontece: elas ficam olhando. Depois, se eu não estou, ou se eu estou ocupada, elas chamam, minha filha, convidam: “ Ah, quanto que ela te cobra? Tem umas que falam até assim. Quanto? Não, vamos por R\$5,00.” Eu já vi mulher oferecer até por R\$3,00, Mônica.

Eles vêm e me contam. Aqueles que são fidelíssimos mesmo, eles vêm e me falam: “Nossa, a mulher me chamou ali, você precisa de ver, Deus me livre. Falou que fazia isto, fazia aquilo e aquilo outro, tudo por R\$5,00. Ah não, eu não tenho coragem de ir numas mulheres assim não.”

Aí, sabe, é esse tipo de cliente que eu gosto. Eles têm medo, eles têm receio, eles mesmos selecionam. Mulher ta fácil ali demais, prometendo e acontecendo. Uns têm medo de ir e não ser aquilo, sabe como?

Elas enganam na porta. Prometem uma coisa e quando entra lá no quarto, aí eles ficam “putos” da vida.

Já aconteceu isso também com alguns meus, aí eles vêm me contar. “Deus me livre, eu fui na mulher, ela falou que era isso e aquilo , Deus me livre, a mulher só deu uma chupadinha mais ou menos e tal e ficou de quatro, eu gozei e pronto.”

Uai e você ta querendo mais o que? Quanto que você deu ela? “Uai, ela falou que ia fazer por R\$5,00.” Mas por R\$5,00, meu filho, é uma posição mesmo. Que eu faço é R\$5,00. Você me dá mais. Por isto que eu não faço de R\$5,00. Você ta reclamando dela que ela não cumpriu com o prometido. Mas o homem também é mestre de fazer isto.

²⁷ Catarina conta que não tem preconceito com deficientes físicos e que já teve vários clientes assim : sem as pernas, sem braço, etc, mas não tolera falta de asseio do cliente. Quando isto ocorre fala logo com o cliente e muitas vezes eles saem sem fazer o programa.

14.4 - Combinando o programa

“Que o homem entra aqui dentro... Na porta a gente fala: R\$5,00 é isto, isto e isto. Chega dentro do quarto eles querem tudo! Uai. Quer amassar, quer sarrinho, quer pegar, quer beijar na boca, quer fazer isto...

Nem, eu... comigo não. Por isto que eu cobro, é tanto. Ai se me perguntar porque que é isto, aí eu falo, vai rolar um sarrinho, vai rolar isto e isto. Então, se quiser ir vai já sabendo. Que é mais, mas é assim. O que é que adianta eu falar que é R\$3,00 e chegar lá dentro e eu não fizer nada e ainda estressar o cara.”

Catarina nos conta que o programa básico inclui o Pisso – a transa - e mais três posições escolhidas pelo cliente. Quando o cliente tem outras demandas como o sexo anal, beijar na boca, beijar os seios, fazer sexo oral na mulher, aí o preço é mais alto.

“Eu combino na entrada, não tem desse negocio. Se quiser bem, se não quiser... e se for R\$5,00 eu já vou falando. E eu entro estressada. Por R\$5,00 eu vou estressadissima. Me sobe nos nervos, me dá um baixo astral na hora que eu estou ali sabe, por R\$5,00.

Eles querem demorar, querem abraçar, quer contar a vida deles lá, quer contar do serviço, quer “papiar”

Aí, um dia eu falei pra um: meu filho... ele falou assim: “Porque é que você está assim comigo e o outro demorou tanto?”

Mas você me perguntou quanto que o outro me dá?

“Ah, porque eu ouvi na porta e vocês estavam bem conversando.”

Eu falei: É lógico. Eu sou paga pra conversar, pra ouvir o que ele me fala, pra dar opinião. Ele me pede opinião. Ele me dá o bastante que eu poderia ficar aqui com ele uma hora. Eu não fico uma hora, eu fico 15 minutos.

Eu já tirei a base sabe? Assim, já fiz uma média por programa que em média é 15 minutos. Se passar ai já é cobrado né. Meia hora, uma hora.

Se o cliente não conseguir sentir neste tempo, eu mando ele embora. “Cê besta!” Se deu ali o tempo: 15 minutos. E ele não conseguiu gozar.

É o tempo que um programa, o meu programa. Pra mim executar aquele programa. Então eu já tirei a base por um, por outro que eu atendo.

No início eu não tinha base não. Agora eu tenho. Eu posso fazer o programa sem nem olhar a hora , por exemplo, olhar a hora que ele entrou, ai eu faço o programa e no final foi de 15, 17, 14 minutos, nessa faixa assim. É o tempo normal. Sabe como? Parece que põe um cronômetro assim. Mas não é. Porque também se a gente ficar .. por isto que eu to falando.

Quando o cara quer que demora num detalhe ali, aí ele tem que cobrir. Porque ali já vai ultrapassar, entendeu?

E o de R\$5,00, se o cara não gozar, deu o tempo, se ele falar: “vamos tentar”. Ou às vezes eu também falo: ‘você quer me dar tanto aí nos vamos tentar.’

Eu não posso ficar ali, pensando, falando com ele: ‘Nossa, porque é que você está assim!!! O que aconteceu? Sua mulher te xingou? Você ta chateado?’²⁸

Ah, não! Isso não.

Então, o cara normal, é pra gente normal. Entrou, já entra com tesão. Aí já sabe. O psicológico da pessoa. Eu acho que a partir do momento que o homem encontrou com a mulher, que ele vai pra aquele objetivo, então já começa um trabalho na mente, não é? Já começa ali no subconsciente a preparar.

Agora o cara roda, roda, toda a zona, no meio daquela mulherada, mulher de todo tipo. Vê, encontra, “ah agradei, então eu vou.” Chega lá dentro nesse desanimo total! Ah não! Aí não.

Vai continuar, quer tentar? “Ah, não, eu não posso pagar. “Ah, então, eu sinto muito. Eu simplesmente não atendo. Já fiz a minha parte.

Ai tem uns que ficam assim: “Faz isto, chupa mais um pouquinho.”

Eu falo: Meu filho, eu te chupei alem , os outros que entram aqui, tem uns que eu não posso nem...

E tem isso mesmo, aqueles que ficam tão excitado que , Nossa Senhora, Bota a camisinha, tem uns que gozam botando a camisinha.

Um dia eu fui deitar em cima de um cliente meu²⁹, deixei ele muito excitado, excitadíssimo, sarramos, sarramos , beijamos, beijamos. Menina, isto nunca tinha

²⁸ Solta gargalhadas imaginando a situação.

acontecido na minha vida. Quando eu pego, ele deita lá e eu pego e deitei por cima, né, e fomos beijar, pra que? Quando de repente eu senti aquele negocio quente aqui na minha barriga, de lado. Eu falei: ah não, o que é que é isto? Ele falou: “ oh Catarina, não teve jeito não. “ Umas duas vezes aconteceu isto.”

14.5 – A falta de segurança nos hotéis

“Menina, é o cara, ele vem sempre. Sempre assim, de 15 em 15 dias, às vezes uma vez no mês só. Ai ele hoje chega, menina.

E ele é todo assim, gordo, mas gordo. Ele dá uns 4 homens de corpo normal. Se juntar uns 4 assim, aquela banhona, aquele corpão. O rosto dele é lindo, simpático, morenã, o trem mais simpático. Aquele cavanhaque bonito. Mas é gordo! O negócio³⁰ até some lá no meio da banha. Parece que no passado era até legal sabe?³¹ Ele é novo assim, deve ter uns 40 anos.

Menina, você não acredita, um dia ele brincou comigo, falou assim: “Catarina, eu vou filmar na hora que nós tivermos fazendo o programa, eu vou filmar.”

Eu falei: Você não é nem doído.

Hoje, Mônica, bota a camisinha, estou lá e tal, “chupando” o cara e ele é muito gordo, a barriga dele ta aqui assim e o trem (pênis) ta lá... Nossa senhora, eu ainda morrendo de calor, sufocando por causa daquela banha. A pessoa muito gorda , tá ali relando o dia inteirinho, passa uma perna na outra, o saco batendo, pra lá , para cá. Na hora que ele tira a roupa, aquele cheiro assim, evaporando do meio das pernas.

Oh meu Deus! Eu to ali chupando e pensando nessa tragédia.

Quando ele pega... eu fiz assim com o olho³² aí a câmera tava bem aqui ,na barriga dele, aquela câmera assim que abre, celular? Portátil.

²⁹ Catarina dá gargalhadas ao lembrar do cliente.

³⁰ Se refere ao pênis do cliente

³¹ Sorriu com tom de insinuação. Estes risos estão sempre presentes na fala de Catarina ao relatar o cotidiano no hotel, os programas e suas práticas com os clientes.

³² Olhou para cima para mostrar.

É uma câmara pretinha. Ela abre igual o celular, né?!Aí você aperta assim... Olha pra você ver? E eu estou bem vendo aquela coisa assim... motorola, parece. Aí eu falei assim: mas o que é isto?

Ele falou assim: “ Oh, Catarina , ah, não tem nada a ver.”

Aí eu falei assim: Ah ta, não senhor, pode parar.

Ele falou: “Não menina, depois eu limpo, depois eu tiro.”

Aí eu falei ; ah, ta. Você limpa, limpa demais. Aí, pois ele ainda continuou gravando e ele saiu e eu falando: ah você limpa demais!

Ele pega e falou assim: “ Ah, eu vou te mostrar e depois vou... depois eu vou limpar.

Ah pra que; quando eu vi, minha filha, eu lá bem, igual um filme pornô: pá,pá,pá.... toda.... Ai eu falei: menino , pelo amor de Deus, apaga esse trem aí.

Ai ele falou: “ah, não Catarina. Eu era doido pra coisar...”

Me deu R\$20,00 e falou assim: “Não senhora, não vou apagar não. Pois tem dia que eu venho aqui e não te acho, porque você tem uma “saição”.

Eu falei: ah, então não é 20,00 que você tem que me dar não. Cê tem que me dar é R\$1.000,00 pois você vai ficar olhando aí e vai... ficar lá batendo “punheta”.

Ele falou: “O que é isto, eu sou casado.”

Eu falei: ah é, você vai... a mulher ta lá deitada na cama te esperando , você vai lá pro banheiro, tá lá vendo, vendo, faz um clima depois, thum!!!

Ele falou: “Ah não minha filha , isto aqui eu não apago mesmo, eu era doido pra pegar.”

E não apagou. Agora você vê que risco Mônica.

Isto aí é um uso, isto aí é abuso, ai ele ta com a minha imagem. Agora se eu fosse dá um piti: chamava os homens (polícia) e falava assim: ah, porque ele gravou aqui, o programa. Porque é proibido! Mas aí, ai eu ia ficar mal. Ia ter aquele bafafá. Aí tem hora que, por causa disso, que eu detesto, gente!

Eu sou muito brigadeira, pelas coisas, meus direitos, eu sou demais. Mas tem hora que, dependendo da hora, não é toda hora que vale a pena, entendeu? Porque eu brigo muito pelos meus direitos mas, cliente, eu evito o máximo. Já pensou, eu crio um clima com ele lá. Aí vem, dá polícia. Não. Aí manda desgravar ou apreende até,

porque eles vêem aquela câmara, cara, aí falam: ‘ah, nós vamos levar pra lá’ e aí oh, some. Aí depois a gente fica marcada.³³ Então, é uma serie de coisas...

O meu Deus! É aquele velho³⁴, Mônica. Ele assenta lá no horário do dia e o saco dele, eu acho que vem aqui.. Aí tem hora que o telefone toca , ele espera chamar, chama, chama, chama, até que ele resolve ir lá.

Ele é o gerente. O dono fica lá dentro mas também não resolve nada. O dono fica vendo luta de box o dia inteiro. Acho que tem aquelas Net, né, aí ele vê aqueles canais de luta o dia inteirinho. Toda hora que você entrar na gerencia, umas duas ou três vezes, ele ta lá.

Tem hora que a gente vai dar a ele um dinheiro ou vai perguntar uma coisa, ele só fala assim: ‘Poe aí’, sabe como? Nem olha pra cara da gente.

O porteiro lá fez foi agredir uma mulher lá um dia. Deixou ela roxinha³⁵ , eu nem tava lá não porque senão o bicho tinha pegado. Uma mulher boba.

Aquele que trabalha lá durante o dia, que fica na portaria, um moreno.

Aí , quando eu cheguei ela estava com os braços tudo roxo.

Foi um caso lá com um cliente que trocou uma nota, ela levou a nota pra trocar. No fim o cliente voltou e disse que a nota era falsa. E eles fazem isto mesmo.

Oh, minha filha, eu não gosto de ficar trocando meu dinheiro lá, não gosto não. Dos meus clientes eu olho. Só quando é uma que eu estou meio na dúvida, eu vou lá na mesa do gerente.

Se for falsa, fica com eles pra lá. Mas, até nisso eu dou sorte, os meus clientes não me passam este tipo de problema não. Só teve uma vez, logo que eu fui para o Stillus³⁶ que o cara me deu uma nota de R\$20,00 e eu ainda dei o troco. Aí, quando eu deposei o dinheiro, quando é fé , eu contando com o dinheiro lá, aquela quantia, aí quando eu peguei o estrato, tava menos R\$20,00, e tal, dinheiro .. não sei o que tem lá mais, um código que era dinheiro falso.

Mas depois disto eu não tive problemas mais.

³³ Catarina teve receio de denunciar o cliente e o mesmo voltar para se vingar dela.

³⁴ Catarina descreve o tipo de “segurança” que é oferecido pelo hotel.

³⁵ Falou sobre isto em tom baixo, com receio que mais alguém pudesse ouvi-la.

³⁶ Hotel onde Catarina trabalhou antes de ir para o Magnífico onde trabalha atualmente

Mais, sei que o rapaz pega, deu troco pro moço. Aí, quando o moço volta, minha filha, com a polícia, falando que o dinheiro era falso.

Sei que eles queriam que a mulher falasse um negócio lá... acho que não tinha trocado, que o negocio não foi assim, sabe como?! E ela não mentiu. Ela foi a favor do homem. Foi a favor dele não, ela falou a verdade. Ai, criou aquele clima danado, depois ela ficou chorando. Ele xingou ela demais, dizem que ele xingou ela muito.

Ela é daquelas conversadeira, que fica remoendo a história, desacatando: “Que eu falo mesmo, queria que eu falasse isto, mas eu não falo.” Sabe como, aqueles trem sem necessidade. Já passou, passou, né? Resolveu? Então, deixa quieto!

Dizem que ela ficou falando assim: “Ah, porque queriam que eu mentisse e eu não menti, da onde! Coitado do homem! Depois eu é que perdia o cliente!”

Disseram que eles tiveram que dar outro dinheiro para o moço.

Aí, depois acho que ela ficou remoendo, remoendo, eles mandaram ela embora. Mandaram ela descer. Falou: “Não, você ta criando muito problema aí, ta conversando demais, vamos descer. Vai para outro lugar.”

Ai, ela falou assim: “ Não saio. Quero ver quem vai me tirar. Ah, foi na hora, foi a gota d’água. Diz que o homem pegou ela foi levando e ela debatendo. Uma senhora. Ela é do norte, nortista. Mas aí sei que depois ela apareceu toda roxa. Ela conversou com o dono lá e ele deixou ela ficar uns dias mais lá até ela avisar para os clientes que iria sair. Ela tava toda com umas manchonas grandes pelos braços, pra todo lado. E a mulher não foi, não tomou providência não e o medo! Que dizem que este homem é terrível.

Esse povo, Mônica, tudo que mexe em hotel , esse povo é tudo jagunheiro. De vez em quando, esses tempos mesmo até um menino, um rapazinho que fazia mandado lá, sumiu, ninguém sabe pra onde. Desapareceu.”

14.6 – É igual comércio: é o ponto

“Eu não gosto muito de ficar mudando não, sabe porque? Todo canto é ruim. Todo lado que for é a mesma coisa, tanto faz o de luxo.

Eu acho assim, tanto faz o de luxo como o pior, tudo é a mesma coisa, assim no sentido exato da palavra, sabe como? Não adianta eu ficar trocando.

Mais aí eu tenho esta maneira de pensar assim, não adianta ser o Brilhante³⁷ por exemplo, ficar no Brilhante é a mesma coisa.

Assim, eu to na zona, é a mesma coisa . Não importa ser de luxo, sabe como? Eu acho que é igual uma lei, ou você está servindo nela ou então você está fora e desde que eu tô fora eu tô fora, eu tô caminhando por fora, então eu tô fora não tem como. Porque eu tô ali no caminho limpinho, eu tô ali certa? Não.

Então eu acho que já que o objetivo meu não é ficar aqui num apartamento de luxo, meu objetivo é ganhar dinheiro. Se to num humilde ali e to ganhando - humilde mas é caro né, R\$50,00 reais - tá dando para eu pagar os R\$50,00? Tá sobrando bem? Tá dando para eu me manter? Tá dando para mim dar continuidade né naquilo que eu tava fazendo? Então porque que eu vou mudar?

Tem banheiro lá, comunitário, tem quartos lá que tem vasos e tudo, mais nem por isto.

É igual comercio, é o ponto, eu tô no quarto eu ganho bem, eu saio e vou pra outro e não ganho nada, igual um ponto de comércio entendeu?

Então eu tô ali, naquele quarto, eu tenho que conservar aquele porque quem entra lá também não vai olhar isso, alguns olham e fala assim: “Nossa este quarto aqui, nó podia ser um quarto com banheiro, com chuveiro.

Quando é época de calor então, nó, reclama até: “ah, não tem um ventilador, um chuveiro.”

Aí eu pego e falo: se tivesse chuveiro você acha que eu ia deixar você usar de graça, eu ia cobrar, pra você tomar um banho, ficar debaixo do chuveiro meia hora, você acha que eu ia cobrar só R\$5,00 reais, da onde? E isso você ia arcar com o quê? Tem toalha, ia gastar.

Não, o negócio não é assim não, então eu levo assim, na conversa.

³⁷ Brilhante é um hotel da zona de BH onde a diária é a mais cara da região e os quartos são mais confortáveis. Neste hotel encontramos mulheres mais novas e o preço do programa é mais alto em relação aos demais. Veja na tabela de hotéis – anexo 1.

É isso que eu falo: é um comércio. Você tem que olhar o ponto pra você comerciar, deu pra você ganhar então dali você não sai. Você está ganhando ali, então que seja ali e aquele quarto por pior que seja eu mantendo aquela pia limpa.

Aquele dia que você foi lá não tava limpo não, não é? Mas é que eu estava assim, muito, nó, não tava com nada, naquele dia, não sei nem como que eu tava ali.³⁸

Mas sempre quando eu chego, eu lavo tudo, eu trago sabão em pó de casa, lavo a pia, lavo o bidê, limpo o chão, passo o pano com cloro, encero, o taco lá é preto, é feio e velho, já tava mais feio e velho ainda. Porque eles geralmente olham muito isso.

Entrou e não ta aquele cheiro horrível, se ta um cheiro bom, cama limpa, então eles olham, a maioria olha isso.

Aí não pode nem ficar mudando, eu não pretendo ficar mudando de hotel, conhecendo, não quero conhecer a zona toda não.

Por isso que hoje, aqui onde eu estou, pelo menos eu faço as coisas e não devo satisfação. Nem os próprios...(clientes) que ficam aqui, que as vezes eles querem saber muito, o que eu faço e deixo de fazer... eu falo: Ah não! Eu levo a vida e pronto e acabou. “ Um dia eu vou trazer as fotos pra vocês das coisas que eu fiz. Falo assim...Eu falo mesmo... Falo na brincadeira. O negócio é só aqui, terminou , pronto e acabou! Não tem nada que dar satisfação, não. É igual eu comprei uma mercadoria, peguei, paguei e pronto. Não tem nada a ver.

Se Deus quiser de continuar assim, ganhando, dentro de pouco tempo to resolvida , né?!

Se Deus quiser e aí não precisa de eu ficar mudando. Fazer o que eu preciso fazer e conseguir vencer isso, depositar um dinheiro, economizar, terminando agora a minha casa, dando uma pintura, chegando nos finalmentes, não tem que comprar mais nada, agora é só juntar um dinheirinho. Fazer um pé de meia e encerrar isso: a carreira brilhante e exigir do governo uma aposentadoria, não é?!”³⁹

³⁸ Neste dia Catarina estava bastante gripada mas seu quarto não estava sujo ou mal arrumado como ela teve receio que estivesse.

³⁹ Catarina fala sobre isto com muito humor, dando gargalhadas.

14.7 – À espera de um companheiro

“Agora tem um que eu vou te contar! Esse eu vou querer. Esse eu dei o meu telefone. Você não acredita que chega aqui ontem , um senhor, eu até dispensei um cliente, assim, de raiva.

Eu estava em pé na porta, um cliente chega, abusado! Eu to conversando com o moço, ele diz: “Vamos.” Gente, tem que ter educação né?!

Eu nunca tinha visto esse senhor. Um senhor assim, de uns, não sei quantos anos, aparentava uns 50, mas não tem , disse que tem 45, mas tem cara de uns 50 anos.

Ele falou assim: “ Ah, você dispensou o moço, vamos conversar nós dois?” Eu falei assim, vamos. O moço tava vindo de uma audiência, ele falou assim: “Você tem paciência comigo? No estado em que eu estou, então eu não sei nem o que é que eu falo. Eu to vindo de uma audiência agora com o juiz porque eu to separando, depois de 20 anos - não sei se é 20 anos...- Vivia maravilhosamente, só que a minha esposa detestava a intimidade. Tocou na intimidade , não era com ela. Fez tratamento e tal e não adiantou. Tratou com psicólogo pra ver o que era e não deu resultado. Não sei porque. Você sabe me falar?”

Eu falei: Eu? Nem conheço, nunca vi, não posso te falar não. É até feio eu te falar alguma coisa, não posso fazer isto não. O que você falar ta falado uai.

“Pois é, é isto. E eu sou de tal lugar assim, assim... e eu queria uma pessoa só que eu não tinha planos de separar. Se ela não desse de separar, a gente ia viver junto pro resto da vida juntos. Mas do jeito que ta. Do jeito que a gente sempre viveu. Ela quis foi separar. Eu penso até que ela gostava de alguém. Comigo só que ela era fria”.

Aí, eu falei: Ah, bom, isto aí ninguém pode falar né, ninguém sabe.

E ele falou: “eu não sei, mas eu já pelo contrario, eu procurava ela sempre, sempre porque eu adoro um carinho, sou uma pessoa assim. Quem que não gosta de carinho!”

É realmente, se a pessoa for legal pra gente, um carinho é bem vindo. Mas também, se a pessoa for estúpida, dura, então não vem carinhar que ninguém quer. Eu falo isto porque eu sou mulher e não aceito também.

Ele falou: “Não, mas eu sei, Olha ela tinha carro, que eu deixava ela... tirou carteira, ela tinha o carro dela, ela andava pra onde ela queria. O negocio meu é minha fazenda e meus bois.⁴⁰ Meu terreninho não é grande mas é a minha vida. Então, eu compro os bois, eu vendo os bois. E, meu irmão, ele é prefeito lá de onde eu moro. Mas eu detesto política. Não gosto, não mexo com política.

Aí, eu peguei e falei assim: onde é que você mora? “Em tal lugar.” Você já ouviu falar?”

Aí eu falei assim: Oh menino eu já ouvi, tenho colega que é de lá e é vizinho, é pro lado em que eu moro. E nunca tive a oportunidade de conhecer.

Aí ele falou assim: “pois então está as ordens. Gostei muito da sua pessoa. Você é uma pessoa assim... que eu tenho visto, pra outros lugares por onde eu já andei. Não gosto de menininha nova, tem muita droga, bebida. Eu não gosto, não bebo, não fumo”.

Aí eu falei assim: engraçado, você tá falando que gostou de mim e eu fumo. Ele falou: “Não, mas cigarro não tem nada a ver. Não tem problema nenhum não. Isso aí é fácil. Mas droga que é difícil, que é um consumo de dinheiro e saúde, e problema. Isso aí não vai fazer a sua cabeça. Você não fica fora de si por causa de um cigarro.”

Aí eu falei: pois é, isto eu não fico mesmo não. E você fica aqui? A onde você mora?”

Eu moro em Prudente de Moraes. Ele falou: “Oh! Você conhece o fulano, da fazenda tal? Na MG 10 que vem aqui pra BH? Eu comprei muito boi na mão dele. Chega lá e pergunta: você conhece o fulano, irmão do prefeito?

E você é minha convidada. Você tem telefone?” Tenho. “Pois é, você é minha convidada. Eu gostei de conversar com você.”

Eu falei: eu adoro roça. Eu estou interessada em saber onde você mora porque eu adoro roça, esses trem assim, tomar um leite e andar assim pro mato, eu adoro.

⁴⁰ Catarina solta gargalhadas durante todo o relato de sua conversa com este cliente e se empolga ao contar sobre suas posses e possível situação financeira.

“Fala comigo o dia em que eu posso ligar pra você e se não tiver problema, eu te busco na sua casa. Aí você vai passar um final de semana lá comigo, lá em casa. Passear, pra gente conversar. Você morou em fazenda?”

Morei, a minha infância todinha.

“Pois é, quem sabe, você vai lá passear pra gente ser amigo, eu gostei. E eu estou precisando de uma companhia pra conversar, falar uns papos sadio, umas coisas que não seja coisa de doideira, fora da realidade. Estou precisando de uma prosa legal.”

Eu tenho 45 anos. Eu falei: Nossa , eu tenho 54.

Ele falou: “Não, não. Por isto foi que eu gostei, uma pessoa mais madura. Dentro de todos os lugares onde eu andei. Não vou mentir pra você, fui pra tantos lugares. E essas meninhas quando a gente chega assim num lugar, se elas vêem que a gente é roceiro e tal. Nossa senhora! Elas aproximam mesmo, querem que a gente paga a cerveja , quer que a gente faz isto. Eu não gosto, não sou assim. Pra aproveitar , eu não quero. Não tenho filho , alias, não tenho filhos. Nós nos separamos, ficamos esse tempo todo casados e não tivemos filhos, então não quero abusar do filho de ninguém. Então, eu prefiro uma companhia assim, mais madura , aí quem sabe.”

Depois de tanto tempo... e aqui ninguém nunca me despertou assim, sabe?Aquele interesse assim. E eu, ali ouvindo uma coisa que eu já passei e tal.

E ele falou: “qualquer coisa você me desculpe porque minha cabeça está a mil.”

Mais, aí ele pegou meu telefone, disse que vai ligar.

Ele falou: tem problema eu chegar lá na sua casa? Eu disse: bom, pra uma visita não tem problema nenhum, só que a minha casa, é casa não é motel, não é nada disso. É chegar, me visitar. Lá onde eu moro, todo mundo me respeita, é um respeito acima de tudo. Ninguém invoca comigo. Todo mundo me trata, de menininho até adulto, senhor, é tudo “dona”. Ninguém fala conversa mal falada. Homem trabalha lá em casa, entra e sai. Mas é pra trabalhar, não tem nada de coisa. Nunca fiz nada dentro dessa casa que eu moro, não. O que tem lá é sagrado.

Aí ele falou, não, mas a gente sai pra passear, vai pra outro lugar, pra um restaurante, alguma coisa. Eu falei; sendo assim tudo bem. Aí você pode ligar até amanhã”

15. Crenças religiosas

Novamente a religião aparece em seus relatos. Catarina Diz ser devota de São Gerônimo e atribui a ele o fato de ter parado de beber. Para ela ser devota significa acreditar, sentir que aquele santo a protege e orienta. A religião exerce uma forte importância na sua vida.

“Pra mim a religião representa tudo. Sem religião , se eu não tivesse fé, algo para segurar, para acreditar , não estaria na zona. Sem a proteção não teria coragem de ficar.

Eu peço proteção em todos os sentidos: Peço para Deus me levar pra casa segura e me trazer de volta. Que eu consiga meus objetivos, meu sustento, que isso aqui é o meu trabalho. É através dele que eu vou conseguir as outras coisas na vida: uma vida digna lá fora, ter crédito. Eu sou uma pessoa normal que compro, pago, luto para aquilo que eu quero porque o sonho não acaba.

Aqui eu passei a dar mais valor em outras coisas, passei a ter outros valores. Antes a prioridade era a casa, agora dou valor à viagens, a outras coisas.

Estou aqui a trabalho, atrás de dinheiro. Sem Deus do lado da gente, a gente não consegue o objetivo. Passei a minha menopausa na zona e agradeço a Deus de ter conseguido.

Já que eu tenho que ficar aqui, que eu não sofra com clientes “maus-elementos”, bêbados. Isto é uma proteção divina mesmo. Porque é que eles [clientes “maus-elementos”] nem vem até mim?

Aqui eu pude aproximar mais, ter mais o pé no chão. O lucro que to tendo aqui não é só material – tenho uma amizade com os clientes que faz tão bem pra mim quanto pra eles. É um crescimento total do eu. Antes eu tinha que ser o centro das atenções se não, não servia. Hoje é diferente. Eu convivo, tenho que aceitar, pensar muito antes de agir. Eu era explosiva. Da onde que eu tiro essa força?”

15.1 – Previsões de cartomantes

Catarina procura em cartomantes e ‘pais de santo’ respostas para os fatos ocorridos em sua vida assim como uma “previsão” para o sonhado futuro ao lado de um companheiro. Acredita nessas “revelações”, pagando e cumprindo alguns rituais sugeridos para obter tais informações.

Quando é um belo dia eu vou num moço Árabe, que escreve assim, da margem pro meio. Aí, ele falou assim: “Tem um moço claro, do olho claro, bem claro e ele vai ser o que vai finalizar com a senhora. Vocês dois vão terminar juntos e vai ser lindo. Vocês dois vão ser um casal que muita gente sonha na vida, espera uma vida inteira e a senhora está esperando e vai conseguir mas a senhora vai me dar R\$200,00.” Lá vai eu. Oh, meu Deus do Céu!

“Quem sabe está se cumprindo a profecia! É porque tem hora que agente tem que acreditar nas coisas sobrenaturais sim. Porque eu já acabei de crer que existe sim.

“Eu fico assim , sabe, filmando todo mundo assim sabe? Quem sabe?! Me agarrando àquela esperança.”⁴¹

Então, agora eu cheguei num ponto em que tudo o que vier é lucro, eu tenho que acreditar. Não é?

E eu não posso negar porque, graças a Deus, Nossa Senhora, parece até que Deus falou assim: “Esse⁴² vai, esse não vai, sabe como? Parece que quando chega em mim , eu já escolhi; parece que alguém já escolheu pra mim! Por isto que eu fico assim.

Agora esse menino meu, os dois filhos meus são espíritas. Só que não é seguidor assim, mas são. A teoria deles, a coisa de vida deles é espírita, baseado na religião espírita.

O Carlos fala: “Mãe, não precisa de explicação nenhuma não, isto é lógico. A senhora tem... a senhora é iluminada naquilo que a senhora faz. Pode ser o que for , a senhora consegue êxito e tal. Parece que a senhora não podia era ficar com o pai.

⁴¹ Catarina se emociona ao falar do seu desejo de ter um companheiro.

⁴² Catarina se refere aos clientes, a seleção que faz para atendê-los e da sorte que tem ao fazer isto.

E era mesmo! Quando eu tava com ele nada ia pra frente. E começava uma coisa...”

16 – Estou no inferno, mas não aceito estar no inferno

“Eu tenho vergonha de falar que eu trabalho aqui.”

É assim que Catarina se coloca durante todo o relato de sua vida. Teme pela discriminação social e principalmente dos filhos caso descubram que ela trabalha na zona. Seus irmãos e alguns sobrinhos sabem assim como alguns de seus vizinhos. Alega que a respeitam e sente-se feliz por isto. Mas receia que o mesmo não ocorra caso seus filhos venham descobrir. Não gosta de ficar exposta, e tem pavor de pensar na possibilidade de ter que assumir socialmente que é prostituta. Não permite ser filmada em eventos da Associação das profissionais do sexo, não participa de passeatas promovidas pela categoria e prefere agir de forma discreta.

“Nunca que eu vou abrir a boca pra falar que sou puta. Faço para o meu sustento. Quando saio daqui, não faço questão nenhuma de ser reconhecida por cliente na rua, ou por colegas.”

“Como a sociedade vê isso aqui? Só de eu estar num ambiente desse eu não tenho voz ativa. Eles não acham que aqui dentro tenha gente de bem não.”

Compreendemos que para dar conta de encarar a prostituição como trabalho, Catarina criou algumas estratégias de enfrentamento como limitar suas relações apenas aos clientes, tem pouco contato com as outras mulheres e procura não se envolver em conversas ou confusões no hotel. . A escolha do quarto onde trabalha também nos chamou atenção, pois fica localizado logo na entrada do hotel, ao final da escada, isolado dos demais quartos e com iluminação clara. Os demais quartos

ficam no outro corredor, com luzes vermelhas e portas bem próximas umas das outras.

“Parece que meu trabalho é outro, não parece que estou na zona, pela discriminação social. Meu mundo na zona se limita ao meu quarto. Não quero nem saber o que está acontecendo lá fora não. Estou no inferno, mas não aceito de estar no inferno.”

“Tem hora que eu brinco com alguns aí, eu falo assim: eu faço serviço social, presto serviço social.⁴³ Eu faço psicologia, psicoterapeuta, é tudo quanto coisa eu mexo, Eu presto serviço a sociedade.

Aí eles morrem de rir e falam: “é realmente.”

Só se o meu destino aqui era este. Ah, não! Será que a profissão minha era isso, Mônica? Será que eu tava predestinada era pra isto?

As vezes, uma coisa que uma irmã⁴⁴ falou pra mim uma vez e que eu nunca esqueci e nem vou esquecer.

Um dia que a gente tava passando, beirando um lago sujo, a água suja, suja, suja... barrenta e o cisne branquinho.

Da onde que eu ia imaginar na minha vida, eu com uns 20 anos, eu ouvi isto e nunca esqueci.

Eu falei assim: Nossa senhora, olha que lindo!

Ai ela falou assim: “é, isso aí é uma lição para gente! - A irmã de caridade, é que eu morava no convento igual eu te falei - Você ta vendo a água barrenta e ele branquinho, no meio da água? Na hora que ele sai lá do outro lado ele está branquinho, não se suja! Então assim é a gente. Você passa, não importa a onde você esteja, pra todo mundo ta errando; ali pra todo mundo você é isso, isso aquilo e aquilo outro. O importante é você sair e não deixar o meio te corromper, deixar o meio te fazer. Você tem que sair limpa dali, entrar e sair limpa. Você entrar não tem problema. O importante é você sair limpa.”⁴⁵

⁴³ Catarina sorri ao dizer isto.

⁴⁴ Catarina se refere à freira do colégio interno onde estudou na adolescência

⁴⁵ Se emociona muito ao recordar desta passagem fazendo uma associação com sua história na zona

E foi a lição que eu tive. E eu to tendo isso agora. O que é que veio acontecer?

Hoje eu estou convivendo num meio imundo porém, nada disso... quando eu saio daqui pra fora ... nem aqui dentro eu não...Se eu quiser ter um momento aqui, sabe, meu aqui ... igual eu faço as vezes. Finjo que eu não estou aqui, ligo o rádio e falo assim: 'Ah, agora eu vou ouvir uma música.' Outra hora eu chego na janela e vou olhar pra rua, parece que eu nem estou aqui.

As vezes eu até esqueço e quando eu abro a porta, alguém diz: "Oh! Eu estava aqui tinha tempo."

Ah, eu estava viajando. Sabe?! Não me passa! Na hora que eu saio daqui é como se eu nunca tivesse posto os pés aqui. Quando eu saio aqui pra almoçar, que eu vou, dou umas voltas, nem parece que eu tenho que voltar para aqui. Não venho chorando não, entendeu? Mas é como se não fosse aqui.(o que significa isto? Pq. Não é aqui? O que significa este aqui p ela?) Por isto que eu falo que é a lição que eu tive. E é o que eu estou vivendo hoje. Agora se eu sair daqui amanhã, meu Deus! Lembro assim, é lógico que a gente não vai apagar, passar uma borracha e falar assim: NÃO. A gente não consegue, não é não?!Fazer uma lavagem cerebral. Faz parte. Mas aquilo não vai me afetar, eu tenho certeza. A não ser o lado bom.

Que tudo, tudo não é totalmente ruim. E isto que é a lição que eu tenho. Eu penso e isto traz essa recordação do que a irmã falou pra mim , que é uma coisa que eu nunca na vida, no momento eu nem sabia direito assim, a minha cabeça nem atinou de pensar mais sobre aquilo que ela falou e hoje que eu posso ver totalmente que o que está acontecendo é isto.

E eu estou nessa convivência aqui, eu convivo com todo mundo, tanto do lado do homem como do lado da mulher e no entanto , pra mim não faz diferença nenhuma.

Faz diferença, pelo contrario assim: igual uma pessoa chega aqui , ta chateado, ta triste, eu vou conversar, vou falar alguma coisa, faço alguma coisa engraçada, faço alguma coisa. É isso e só. Que eu entro ali pra poder ajudar só. E quando a pessoa ta totalmente nervoso, nem aqui vem. E às vezes eles falam comigo: "ah, eu não vim aqui tal dia porque eu estava... nó... tava estressado. Então como é que não vem pra

descarregar em mim,né?! E tal! Só vem, procura vir quando está legal. Não é estranho? Não sei não. É uma ficção científica⁴⁶...

17 - O Reconhecimento dos vizinhos

Catarina revelou aos seus vizinhos que trabalha na zona. Sente-se orgulhosa pelo respeito que recebe, prezando por esta relação. Procura manter uma conduta que acredita ser esperada por eles a fim de preservar a imagem criada. Entende que seus vizinhos reconhecem e valorizam as conquistas advindas de sua atividade como a construção da casa e a percebem como uma pessoa bem sucedida na vida.

“O que eu ouço das mulheres é: “ ah, o que é que tem , ninguém vê você com coisa errada, a sua casa não é freqüentada por homens, entra homem e sai homem. Você mora só mas a sua casa é seus filhos, seus parentes, os amigos daqui. Nem homem assim... São só as mulheres, se vai com o marido são elas com os maridos.

Entendeu? Não é aquele negocio do homem vem cá e entrar para bater papo,entendeu?” Eu não, não tenho tempo não. Ai, não atendo lá em casa, entendeu? Então, isto aí é uma forma que Deus me ajudou que eles reconhecem, que eles vêem.”

A dificuldade que demonstra de assumir publicamente a prostituição fica amenizada junto a seus vizinhos e, de alguma forma, sente-se grata a eles por “continuarem respeitando-a mesmo sabendo que trabalha na zona.”

“Não sei se é porque também eu tenho um peso na consciência pelo que eu faço, então eu já fico assim achando ... Porque eu não aceito não, Mônica. Eu faço isto aqui mas eu não aceito não.

Não estou satisfeita. Você acha que eu estou? Eu estou satisfeita assim, porque eu estou conseguindo o que eu quero através disto. Mas satisfeita de ficar ali,

⁴⁶ Sorri de forma pensativa ao concluir sua fala.

enclausurada ali ... há,há, nem...Nunca! E quem falar que está, pode internar, porque a pessoa não tem amor a mais nada na vida.”

18 - A administração da renda advinda do trabalho no hotel

“Não sei como que eu consigo que no fim do mês dá X, todo mês eu pego o extrato no banco, então eu somo os depósitos eu tenho tudo anotadinho na caderneta, caderno com as dívidas.

Eu mesmo controlo, eu deposito, eu faço o serviço de contador, eu tenho que saber do cartão de crédito, tenho que saber controlar o gasto do cartão, tenho que contabilizar o que eu ganho, as contas que eu faço, as dívidas, sabe como?

Os carnês, usando crediários, sabe como? Tudo ali e tem que sobrar uma parcela para a casa ainda, para eu mexer na casa, então é tudo assim.

Então se eu fosse largar agora, quem sou eu com R\$ 300,00 reais, eu ia ficar é no mínimo mesmo . Trabalhar um mês e ganhar R\$ 300,00 e eu não acostumo mais.

Você entende?Se eu for largar agora e as dívidas que eu tenho? Se eu for largar eu vou suicidar, porque o tanto que eu ganho aqui, a minha dívida é de acordo com o que eu ganho aqui.

Agora eu vou ganhar um salário?! Pagar R\$ 140,00 de INSS, 150 de telefone, que é no mínimo uns 150,00, só aí vai R\$290,00 e luz e comer, as outras coisas.

Então não dá mais, é uma coisa igual os outros falam: é um caminho sem volta, não tem volta mesmo, não tem como, porque eu já acostumei a ganhar aquele tanto, parece que é fixo o salário, sabe como?”

18.1 - Os projetos para o futuro

Catarina mantém alguns objetivos e se esforça para alcançá-los como: terminar a construção da casa onde mora e voltar a costurar assim que parar de trabalhar na zona.

Boa parte do dinheiro que ganha investe para a concretização destes objetivos. Sonha em se aposentar e para isto contribui com o INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) como profissional autônoma, esperando que, ao completar 60 anos, possa desfrutar deste benefício.

“O que eu tenho que fazer é terminar a casa, fazer um pé de meia e depositar um dinheiro, que agora eu vou fazer 55 anos pagando INSS então, daqui a 5 anos é que dá pra aposentar.

Eu tô pensando em recorrer para ver se eu arrumo mais, para ver se eu recebo antes, para eu não esperar até 60 anos, ao menos para ajudar e depositar um dinheiro para eu poder terminar, ficar mais tranqüila.

Igual eu tenho máquina de costurar. Eu já investi num trabalho meu, fazer coisa minha, em casa, uns bordados, que seja o que for. Era reforma de roupa que eu fazia, sempre eu fiz isto, só que não dava para manter, onde eu moro não dava, o movimento não dá, o povo é muito fraco.”

19 - Clientes

19.1 – A relação com os clientes

Catarina relata com bom humor a relação que mantém com seus clientes no hotel, contando as situações vivenciadas no dia a dia como: a demonstração de ciúmes de alguns deles e a semelhança que se cria com o vínculo entre marido e mulher.

“Aí estamos lá tranqüilos, quando é fé: “pá,pá,pá..” na porta. Ai eu tomei aquele susto e ele assustou também. Ele perguntou: “è o seu marido?” Eu perguntei: quem é? – “É o Paulo, uai o que é isto, morreu? Você morreu? O que é que ta acontecendo aí?”

O outro até hoje, quando a gente tá fazendo um programa mais demorado, ele fala assim: “Hoje eu quero aquele programa, tranquilo, demoradinho, com calma! O Paulo não vem cá hoje não, né?” Aí eu morro de rir até hoje.”

“Esse tipo de coisa, menina. Fica com ciúmes. Mas eu também já fiz show perto dele. De derramar uma lágrima, sabe como? Essas chantagenzinhas emocionais.

Aí ele fala: “olha pra mim, olha pra mim!” Eu falo: Não, não quero olhar pra tua cara não, faça o favor de ir embora? Aí ele diz: “não, não vou.”

E ali fica aquela murrinha igual marido e mulher. Não vai embora se eu mostrar que tiver chateada, ele não vai não.

Conta de uma ligação que extrapola o interesse comercial, agregando conversas e brincadeiras, mantidas através de certa afinidade que vai sendo construída e preservada ao longo dos anos de contato com os mesmos clientes. Uma relação onde ocorrem também pequenas brigas e discussões que logo se resolvem.

19.2 - Os segredos da profissão

“Tem um outro que é mais antipático ainda, desses negão metido. Que tem todo tipo de cliente e os meus a maioria são metidos. São metidos e se acham assim, o máximo, sabe? E eu levanto a bola deles também, né.⁴⁷ Eu ponho eles bem metidos, bem acima do nível, pra eles ver, na hora que eles forem em outra e elas não tratarem eles tão bem, isto aí é um segredo, né?

Às vezes, por isto que eu acho que hoje se eu tivesse um homem eu iria encher ele de pompas, iria tratar ele o máximo. Lá fora eu duvido a que iria superar⁴⁸.

E você sabe porque é que eu não gosto de vir na segunda feira? Pelo bafo dos homens porque eles bebem muito no final de semana. Quando é segunda, eles chegam rebatendo e acha que tem que rebater pra zona, né? E quer dar conta... e na

⁴⁷ Catarina conta sorrindo sobre sua estratégia de “encher a bola” dos clientes para fideliza-los.

⁴⁸ Solta gargalhadas.

segunda feira que é o dia pior. O homem não goza rápido, porque ele ta de ressaca, isso influi muito, influi demais.

Aí, o cara ta de ressaca, naquela suadeira, agora é a época do calorão. Aquela suadeira, o cara de ressaca, e o homem ta lá, levanta, deita, levanta, deita, ah, não. Dá uma “chupadinha”, ta beleza. Quando você vai começar o programa, o trem caiu pra lá. Ah não! Só Deus. E sem contar o bafo. O cabo de guarda-chuva que ta a boca.

Hoje mesmo, um chegou com um bafo, minha filha. Hoje é a segunda feira, aqui em BH, né, por causa do feriado.

Ontem uma menina falou pra mim: “Eu falei pra você ficar aqui no feriado e você não ficou, não veio um cliente seu, você deu sorte, ninguém perguntou por você.”

Pois é, pois eu avisei pra eles que eu não ia vir na terça, no feriado, pois eles já sabem que eu não trabalho feriado, domingo, na segunda.... pra que é que eles vão vir. Os que vêm não vai perguntar por mim não porque eles estão afim de ir com outra, não é não? Eles sabem que eu não estou e vão ficar perguntando: “A Catarina está aí?”

19.3 - Seleção de clientes

A seleção dos clientes inicia-se na porta do quarto de Catarina. Ela observa inicialmente os aspectos ligados à higiene pessoal, a forma de abordá-la , a negociação do programa – recusa aqueles clientes que vêm com uma preocupação estritamente comercial, perguntando logo no inicio qual é o preço dela. Demonstra desprezo por este tipo de abordagem. Privilegia aqueles clientes mais sutis em suas intenções, que se aproximam de forma educada, demonstrando sensibilidade no trato.

A seleção continua ao entrarem para o quarto e se estende durante todo o programa, colocando-se atenta a alguns detalhes com o intuito de definir qual será o lugar ocupado por aquele cliente, variando da seguinte forma: fidelizá-lo como um cliente preferencial, ou seja: aquele onde ela se permitirá uma entrega maior durante o programa como: sentir prazer, desfrutar daquele momento de igual para igual. Neste caso alguns aspectos serão fortemente considerados por ela: o jeito educado e carinhoso de falar e de tratá-la, saber dizer palavras que “agradam uma mulher”, ser sensível às “necessidades da mulher”.

Por outro lado, se o cliente se resumir em ser educado, rápido no alcance de seu objetivo e apresentar uma higiene adequada - em seus parâmetros - ele será um cliente bem vindo, mas sem maiores regalias; E por último aquele tipo de cliente que não preenche nenhum destes requisitos e que, portanto, não será bem aceito por ela, pretendendo não mais atendê-lo numa outra oportunidade.

“Até que eu tenho muito cliente que sinto legal com eles, nossa! Tem um lá que eu adoro, eu amo ele de paixão assim, sabe?! De ficar com ele, aquela carinha tão meiga, tão delicado, tão carinhoso, aquela voz suave assim pra conversar. Não é ríspido. O cara é super, hiper-educado. Fino, mas fino até enquanto chega. Esse, eu já falei com ele que ele já fez o raio X da mulher e que ele conhece até o pensamento da mulher. Eu nunca vi saber agradar de conversa, de palavras, tudo o que você quer ouvir, você entende”

“Eu estou precisando, dos dois meios, financeiro e o lado também emocional, né, que a gente fica muito coisa...que eu acho que a gente fica ali: atende um e atende outro.. ficar ali de mão em mão... isto afeta muito a gente, o lado emocional. A gente fica muito... eu né! Não é a gente não, não posso nem falar pelos outros não. Eu que preciso desse... embora os que não são legais são bem poucos, que eu atendo.”

“Porque , quando eu vejo que não é legal também eu já vou descartando logo, sabe? Detesto o homem chegar e falar assim: “ Qual que é o seu preço?” Aí, Nossa Senhora! Eu já vou logo respondendo assim: Menino, o meu preço? Eu não estou a venda. O programa é tanto. Eles pegam e já sabem e agradecem. Eu já vou respondendo assim. Não tolero esses homens mal educados, sabe? Não sei como é que eu ganho dinheiro porque eu vou selecionando é desse jeito, sabe? Mas, aí eu faço aquela seleção e fico só com os finos⁴⁹. (Estratégias, modos de regulação) O que é um homem legal? Igual ele me paga sem eu sentir que eu estou sendo ... sabe como? Não é aquele trem assim: “eu estou pagando!””

19.4 - Fugindo da regra

“É isto o que eu falo. A gente ouve muito e até você ficar na boa com um, até aparecer um legal par agente ficar, pra tirar o stress.

Esses assim que eu beijo, são aqueles tais... A turminha dos seis, a meia dúzia.

Porque aí eu me entrego também sabe? Então, o dia em que ta aquela sobrecarga assim, sabe? Aquela coisa! Nossa, aparece um dos meus, minha filha! Um dos!!! Aí, é só maravilha! Fico tranqüila ali oh.

Eu me dou um momento também, sabe como? Eu relaxo, esqueço o tempo um pouquinho, as vezes eu entro no papo dele e vou papiar! Não fico ali naquele trem, bitolada ali não. “Ah, não,vamos, tira a roupa, deita e tham! Isso não.

Então, eu fujo um pouquinho da regra, vou beijar, abraçar, ficar ali papeando, e deixar ele me...ficar na mão dele ali, durante o tempo que eu tiver me sentindo bem ali, sem pensar em hora, sem pensar... deixar, fico ali, dou mais um tempinho, conto caso.

Aí, duro é o dia que eu não estou afim e eles chegam e querem contar caso⁵⁰. Ai passa , passa, passa, e chega, senta na cama e: “Tudo bem?” Eu digo: Ou, vamos!.

⁴⁹ Catarina Sorri ao concluir sua fala.

⁵⁰ Solta gargalhadas durante vários relatos sobre este tema. O bom humor permeia seus relatos sobre seu cotidiano no hotel.

Eles também, coitados, ficam doidos, né? Não é só a gente que fica doida não, eles também endoidam. A gente deixa eles doidos!

Oh Jesus! Só de ir e não achar, não é Mônica, eu penso que deve ser um saco.

Então eles ficam “putos da vida” !Ficam “putos da vida!”

Tem uns que vão embora. E esses que são os piores. Porque os que vão e ficam com outras, procuram uma outra assim, mais chegada também, tudo bem. Esses não reclamam. Só falam assim: “ah, tal dia eu vim aqui e não te encontrei.”

Os que ficam só com a gente, na hora que chega e não está. Vai na rua, vem pra aqui , demora , sai.

Então : “ah, ela saiu e agora mesmo deve estar chegando”. Ao menos isto o velho⁵¹ tem dia que fala.

Ai ele dá uma volta, volta: “ah, não chegou ainda não”.

Um dia eu xinguei um no telefone, agora ele não liga mais não. Xinguei mesmo e falei com ele que não era pra ele me ligar mais. Me ligou e me pos abaixo de cachorro. “A onde você está? “Credo, fui aí três vezes. Você mudou? Onde você tá? Uai, mas que almoço é esse?” Sabe, tipo marido e esposa!

Tá doido! Aí eu falei: oh menino, vai te catar! Eu tenho as minhas coisas pra resolver também uai, o negócio não é assim não.

“Uai, que é isso Catarina, depois você acha ruim. A gente sai, vai em outra ai é hora. ‘Então, ta,vai em outra. Porque você não foi’ Ai são esses problemas.

Ah, eu sei que são esses lances assim. Mas tem dia que não aparece nenhum desses clientes.

Assim, eu fico estressada numa boa. Mas eu fico com aquele trem assim: Ai meu Deus, ai meu Deus, cadê meus clientes?!

É até uma ilusão, uma fantasia. O cara te trata bem, é legal e tal.. conquista a gente assim. É quase um amigo. Mas isto são os mais... Não é assim, chegou um hoje aqui e eu fui com a cara dele e já vou , sabe?! Me entregando pra ele, porque ai eu perco. Quem perde sou eu.

⁵¹ Refere-se ao gerente do hotel

Porque eles vão querer de mim, vai querer ter toda a mordomia comigo, beijar e tal. Paga ali um programa normal, simples e vai ter tudo! Como se fosse um programa aí de cinquenta, cem reais. Vai querer ter toda a regalia.

Lá no outro hotel eu tinha um do horário de almoço. Ele sabia, eu falava, eu saio pra o almoço uma hora, quando for uma e meia eu estou aqui. Aí, ele ia uma e meia. Aí, o que a gente fazia... e ele é solteiro, aqueles solteirão. Mas é pão duro, munheca, mão de vaca, mas é assim aquele cara legal pra papear. Os ruins para pagar são bons de papo. Aí o que a gente fazia: deitava lá, abria a janela porque o hotel era alto, não dava pra ninguém ver, abria a janela e ficava lá, ouvindo música, contando caso até passar a hora ali, fazer a digestão, fazia a hora de almoço com ele. Ele ainda fazia a hora de almoço dele junto comigo, na cama lá papeando. Não é chique?

Ele pagava, só que ficava era duas horas no meu quarto, com o valor de um programa de 10 minutos, de R\$5,00⁵². Só que ele ficava ali fazendo a hora de almoço dele, nós dois lá deitado, ou assentado. As vezes tinha uma fruta e nós ficávamos lá comendo. Conversava sobre tudo, ali numa boa, as vezes até cochilava, os dois. Na maior paz, parecia até que tava em casa. Aí quando vencia o tempo eu falava: vamos fazer o programa e tchau.

E tinha vez que ele tava assim com o corpo mole ai ele falava: “não Catarina, vamos ficar mais um pouquinho!” Aí eu falava: Não, vamos trabalhar meu filho. Aí, fazia o programa e ele ia embora.

Agora aqui é que eu não tenho, mas tem aqueles só que por enquanto eles estão desaparecidos⁵³. Tem um aqui, tinha um - não sei se ainda tenho – que ele vinha aqui, ele era o primeiro de manhã. Então ele levantava o meu astral!

Umás duas vezes na semana ele vinha. Então, ele abraça, beija e tal e paparica daqui e dali, sabe aqueles que levanta a moral? “Ah você ta bonita, você ta isso, você ta aquilo.”

Igual hoje, chegou um aqui que eu já estava era com raiva: “Ah, você ta tão bonita, Catarina, seu cabelo ta bonito, você ta bonita...” Aí, por fim eu falei iiiii, para. Ele

⁵² Valor referente ao ano de 2007.

⁵³ Nesta época, Catarina havia ficado três meses em casa sem trabalhar, no período de final de ano.

disse: “ Uai, eu não posso falar não? “ Não, muito assim não, porque parece que tá bajulando demais aí eu não gosto não. Já falou chega.”

19.5 - Freando as emoções

“Porque eu acho assim, pra gente seguir bem aqui... eh.. eu acho que essa escapatória aí, esse escape que a gente dá, essas escapolidas servem pra que: se a gente não souber levar o cara , vai indo, vai indo e ele vai pegando a gente tanto ali, vai envolvendo tanto, é onde se torna um gigolô. Aí ele passa a vir, acha assim: “ Ah, ela ta gostando, ela gosta de mim.” Porque a gente ta ali com uma intenção e eles vem com outra. Entendeu?

Então, essas regras que eu falo, pra mim ficar aqui e me dar bem , eu não posso é... como que é.. me deixar levar por muita fantasia, tem que ser tudo ali, dosado, porque se eu soltar a rédea, depois eu não dou conta mais e na hora que eu for puxar, se eu der vazão ali, deixar o cara montar, sempre, sempre, eu perco até o cliente.

Porque o dia que eu na tiver afim, e ele chega ali todo, todo, pra ficar comigo daquele jeito que a gente tem o costume de ficar e eu não estou afim, o que vai acontecer: eu já vou cortar, eu não vou tratar... não vou ser tão receptiva igual eu sou sempre e ele vai notar, lógico, isto. Vai sentir e às vezes vai procurar outra que faz o que eu fazia. Vai procurar em outra. Então é isto.

A minha intenção é dentro do limite e é só naquele momento. Chega outro e eu estou afim...É assim , que não é sempre. Hoje eu estou afim de ter um relacionamento aqui legal, de me soltar, então é aquilo. Amanhã eu posso não estar, ou depois de amanhã eu posso não estar. Amanhã talvez eu esteja ainda e tal. Mas eu também tenho assim... sou cheia dos detalhezinhos também.

Se eu hoje eu estou legal, me tratou super legal e amanhã passar aqui na porta e não me tratar conforme eu estou esperando, eu também já fico grilada, sabe como?

Então é isso que a gente não pode confundir, deixar aquilo ir invadindo a gente porque senão, no fim você tem ciúmes do cara, vai se achar a dona, vai começar a pegar no pé.. ele vai pegar no pé da gente, começa a ter ciúme da gente também. Aí fica aquela coisa chata. Agente vai ter um compromisso sem ter compromisso, tem e não tem.

Aí você fica sujeita a uma pessoa sem ter nada a ver com ele. É onde acontece com muita gente. Fica presa a uma pessoa sem ter nenhum retorno, nem de carinho, nem nada, simplesmente porque você deixou a coisa andar, não teve como dominar ali.

E minha filha, tem hora que eu mesmo vou assim.. quando eu to vendo que o negocio tá.. e eu sou fácil também de mudar de um pra outro. Então, principalmente se eu estou ali com a cabeça legal , estou afim de zona mesmo, de ficar tranqüila, aí vai tranqüilo. Mas se eu falar assim: Hoje eu vou ficar com ele mas...

Mas eu não estou falando nada com ele. Estou ali com o meu pensamento. Igual ele tem o dele, eu tenho o meu. Igual ele ta pensando as coisas lá tramando e eu as minhas. Então, é isso o que acontece. Ai às vezes ele ta assim: “hoje eu vou caprichar, vou bem humorado, vou fazer isto, fazer aquilo, vou aproveitar.” E eu já estou pensando ao contrario: hoje eu vou fazer rapidinho aqui, vou dar um jeito dele resolver o problema dele rápido pra ficar livre e “tchau e bença”. Entendeu? Aí, quando ele chega, ai eu já vou dando o meu jeitinho né, de adiantar as coisas.

“Uai, o que é isto Catarina, que pressa é esta?” - Ah, não, hoje eu estou apertada, tenho que fazer isto, tenho que fazer aquilo, tenho que ganhar tanto. Tenho que arrumar um dinheiro aí.

Aí, uns entendem, uns até falam assim: “ ah, você está certa. “ Aquele que é realmente sincero, tem mais sinceridade com a gente, fala assim: “Não, você ta certa, tem mais movimento, você vai ganhar o seu dinheiro.” Agora outros já ficam com raiva, costuma ir embora e nunca mais voltar. Por isto que eu estou te falando, é difícil pra caramba.

As vezes eu fico é trocando, volúvel, Maria vai com as outras. Eu fico, vamos supor, tem aquele tcham.. Ele fez a minha cabeça, então ele foi o escolhido, aí eu vou ficar com ele assim... assim... assim.. a vontade, tranqüila.

O que uma mulher vê num homem? Assim, o tipo, eu olho o tipo físico, eu gosto de homem alto, moreno, carinhoso, aquele tipo romântico, que abraça , nossa aquele abraço envolvente ali, você ta assim carente , o cara chega , da um beijinho daqui e dali, fala aquelas palavras, que te agrada de toda a maneira , que tem homem aqui assim .Eu sempre dei sorte.

Eu tenho vários clientes assim, uns mais distantes. Eu ligo também, convido pra vim. Igual eu liguei pra um que tava sumido, trabalha ali no centro, ali. Era um que chegava aqui super cheiroso, limpinho, uma delicia, carinhozerrimo. Então a gente numa hora dessas assim, a gente tava num “love” só. Ai, depois que eu saí ele sumiu. Mas só que eu tenho o telefone. Eu não liguei antes porque eu não estava vindo. Agora eu liguei e ele falou que no final de semana ele vem.

Hoje então ele deve vir. Hoje ou amanhã. Mas sempre pinta algum. Mas se não pintar também não faz diferença alguma. A não ser que, eu também na idade que eu estou não tenho aquela tesão diária, aquela coisa assim, que não apaga também não.

E também a gente, não sei se é por transar muito, toda hora você freia a sua emoção ali, as vezes , tem umas certas pessoas que nem compensa você abrir, demonstrar. Então, uma hora você freia, outra hora você solta, não é uma coisa constante. Então, eu acho que até isto a gente aprende a dominar mais. O sentimento, essas reações intimas da gente fica até mais segura.”

19.6 - No hotel só faço em troca de dinheiro, lá fora não aceito pagamento

“Tanto é que fora daqui eu não tenho relacionamento. Eu fiquei lá em casa dois meses e no entanto, tive relação? Nenhuma. Com ninguém. Tive convites, tive a ponto de aceitar convites de gente conhecida. Me tocou assim, estremeci toda. O menino é lindo, maravilhoso mas aí ele quebrou o encanto todinho. Porque ele tocou no assunto de transa assim, de programa. E eu pensei que ia ser assim uma coisa natural, sem rolar esse clima de programa por que aqui já é né?!”

Então, sair fora da rotina, vamos sair, vamos passear, curtir, tudo bem né?! Eu curtindo e ele curtindo. Sem rolar esse negocio de pagamento. Isto aí ta por fora daqui. Tanto que ta por fora aqui eu transar com alguém aqui sem ter nada em troca. Porque aí eu estou sendo burra. Porque aqui no local de eu fazer programa por dinheiro, eu vou ficar sem ter nada em troca. Então lá fora também é uma coisa que eu não queria.

Aí quebrou o clima totalmente quando ele falou... eu falei então vamos. Ai ele chegou no meu ouvido e falou assim: “mas você vai me cobrar?”

19.7 - Eu falo das experiências daqui

“Ela olhou para a janela, lá da rua e me chamou. A mulher⁵⁴, no ano passado nós tivemos a mesma discussão, a mesma coisa e ela não lembrou de mim. Conversa vai , conversa vem , pregando, pregando. E ela me falando se era isto o que eu queria pra mim ou se não era. Eu falei: Minha filha, com certeza que não. Eu queria estar sabe aonde agora? No hotel, na praia, em Copacabana, com um marido, milionário, cheio da grana. Isto é o que eu queria. Tranqüilamente lá! . Você acha que eu estou aqui é porque eu acho lindo? Não! Aí ela pega e fala: pá.pá .pá...

Eu falei: você ta falando das suas experiências lá da igreja. Eu falo das experiências daqui. Aqui você conhece o que é amigo, aqui eu vejo gente subir, descer. Vejo gente alcançar o objetivo, fracassar.

Então, eu sou uma espectadora aqui. Estou num lugar onde eu to vendo de tudo acontecer. Estou aumentando a minha experiência de vida e ainda dou graças a Deus de eu só ser expectadora. Estou trabalhando, ganhando o meu dinheiro e ainda estou vendo. Deus está me dando a oportunidade de assistir a tudo, de estar ali oh, como diz o ditado: “ ver com os meus próprios olhos” quais são as opções de vida que a pessoa pode.... que não é porque eu estou aqui fazendo programa que eu preciso me soltar, esbrachar pelo mundo afora, Não!

⁵⁴ Catarina se refere a uma mulher pertencente a religião evangélica que costuma ir aos hotéis de prostituição para pregar os dizeres da bíblia para as prostitutas.

Ela falou: “ah, isto aqui é trabalho?”

Eu falei: Fala um outro trabalho ai que você tem pra mim. Eu tenho 55 anos, tenho 2º grau. Me fala aí.

“Ah mas o senhor provera.”

Ele me proveu isto aqui. Eu não estou aqui por acaso não, a gente tem um caminho. Eu fiz planos de sair daqui e não aconteceu o contrario?! Não adianta, quando você tem uma coisa pra ser trilhada ali, pra você passar, você pode dar volta aonde você for que você tem que passar aquilo, tem que cumprir. Por isto que eu acho que até os Psicólogos, deve ter um desses estudiosos aí, devem saber disto. Porque parece que enquanto você não passa por aquilo...

Eu chego até a achar , acreditar naquela coisa da predestinação. (Colocar ua vida nas mãos de um outro. Não se responsabiliza)Você já nasce predestinado. Que tudo já vem ali traçado. É igual uma agenda que você faz: hoje eu vou ter isso, isso e isso, tal hora assim, assim, tal tal. E você não sai dali, você não foge. Se você fugir dá errado. Então eu tenho que passar esse período aqui igual eu passei um período na bebida, era uma coisa que tava pra mim. Como que eu parei sem ter nem pra quê?

E parei pra mim começar essa nova etapa. E eu acho que a toa não pode ser. Eu acho que assim.. aqui , as pessoas que aproximam de mim aqui... que eu não sou de ficar me aproximando, oferecendo préstimo porque aqui a gente não pode fazer isto. Mas, aquilo que eu posso ajudar alguém, eu procuro ajudar. Não financeiramente mas uma palavra, dar uma opinião quando uma pessoa me pede, uma palavra de consolo.

Então, pelo que eu aprendi nas escrituras, na bíblia, tem um fundo de verdade. Às vezes você vai pra um lugar, você pensa: gente, mas porque é que eu tenho que ir ali? Às vezes, depois você vai descobrir: É porque eu precisava ir ali, eu tinha um objetivo ali e eu não sabia. Ou às vezes pra moderar o meu orgulho. Porque eu era orgulhosa, eu já te falei isto. Eu discriminava mesmo garota de programa. A minha irmã, quantas vezes eu chamei a atenção: Vai caçar um serviço, arruma, tem muita coisa.

Ela trabalhava em boate. Hoje o que ta acontecendo: eu é que estou aqui. Então é o que eu tava falando com a mulher ontem: Minha filha, é como uma bola, você está sempre em movimento, você não para e fica quieta ali que você não vai andar, você não vai viver , você não pode ficar parada e vendo o bonde passar.

Você tem que fazer alguma coisa e ali, você faz aqui hoje e pensa assim: acabou. Quando for amanhã, a bola vai girando e você vai esbarrar naquele ponto que você errou e aí você vai ter que concertar aquele erro. Aquilo não vai te passar em branco. Eu, no meu modo de entender é esse. Que eu tenho, que eu já venho analisando. Eu mesma venho analisando as coisas que vem acontecendo comigo, como ... a respeito da minha casa.

O que aconteceu? Quando eu me separei, o pai dos meus meninos falou assim: “você vai morar debaixo de um viaduto”. Mas a palavra dele pra Deus não foi nada. Eu fiquei sentida. Ninguém fica feliz de ouvir uma pessoa falar assim: “ você vai se dar mal, você vai morar assim... “ ninguém gosta. Mas eu ouvi e tive aquele propósito na hora: eu vou conseguir. Agora, com a história da bebida, não sei o que aconteceu, porque que aconteceu, me foi tirada a chance porque eu estava começando , eu tava com o barraco de 2 cômodos, eu tava aumentando já estava prestes a ser uma casa. Eu tinha o meu serviço fixo e o que aconteceu: eu sai. Mas a única opção.... Eu não precisava, se for analisar por este lado mais critico, mais frio da questão, sem olhar muita coisinha, pra outras pessoas que não conhecem o meu interior , só conhece assim por alto, quando eu falo: ah, porque eu tinha um emprego fixo, a primeira reação da pessoa é: “ Porque é que você deixou?” Não é? Só que não é bem assim a questão. São coisas que vão te levando ali até acontecer. E foi o que aconteceu. E depois a solução caiu aonde: Aqui. Você vai conseguir o que você quer, escuta: você vai conseguir mas é Assim. Se você quiser conseguir é assim. Agora só que eu não importo; Até que ta bom.⁵⁵ Ta ruim mas ta bom.

Igual o moço da igreja teve aqui ontem. Ele falou: “ Você gosta de ficar aqui?” Eu falei : Gosto. - “Ah, então você fica feliz de ficar aqui...”

Eu falei: Bom, você tem trabalho pra mim? - “Há não... Deus vai...”

⁵⁵ Sorriu nesta hora

Uai, gente! Falei mesmo com ele ontem e com a mulher ontem a noite. Falei: - oh menino, eu não acredito. Esse negócio de você falar assim...

Eu acredito em Deus porque Deus me ajuda como: me dá força, me dá animo me dá paciência pra eu enfrentar o meu dia a dia . Agora, não venha você me falar assim: Vamos pra igreja porque ele vai fazer... não. Eu falo com Deus daqui.

E o meu comportamento, a minha maneira de agir com as pessoas, isso tudo é uma maneira de eu retribuir e conversar com ele. Na hora de deitar eu agradeço: Oh meu Deus obrigada por esse dia, eu fui paciente com meus clientes, tratei todo mundo bem, não deixei ninguém mal humorado, eu cooperei pra que ele saísse daqui tranqüilo, uma pessoa legal. Então é isto.

Agora vim falar assim: oh, você vai pra igreja que a sua vida vai mudar. Uai, Deus é único e ele tá vendo ou então ele não existe. Que ele sabe de tudo, eu falei com a menina: - Oh menina, na bíblia, porque eu conheço – eu já estudei, já dei até aula de curso bíblico. Eu falei: minha filha, na bíblia fala que não cai uma folha da árvore sem que ele não saiba, sem que seja do conhecimento dele. “Realmente!” Eu falei: Então. Você acha que eu estou aqui e que ele não tá sabendo? Você acha que ele não sabe do meu desejo? É lógico. Não é não?⁵⁶

⁵⁶ Catarina se emociona ao concluir sua fala .

Capítulo 4 - TRABALHO E PROSTITUIÇÃO

O trabalho é a atividade humana que realiza a mediação entre a natureza, o homem e a sociedade. O homem “se faz” no seu trabalho (Viegas, 1989) Através de sua ação transforma a natureza conforme seus interesses e necessidades e se transforma ao mesmo tempo.

Tais transformações permitem a ele participar e dar continuidade à sua existência através do tempo, realizando-se histórica e socialmente. O trabalho é um ato humano por excelência e trabalhar é uma forma de encontrar um lugar no interior de um grupo social - através do processo de criação e do espaço de reconhecimento por tal criação.

Como forma de reconhecimento e inclusão social das pessoas, o trabalho também define as relações interpessoais, as formas de participação no meio social, o status e a formação da identidade do trabalhador. Trata-se, portanto, de uma categoria estruturante e central na vida do ser humano. A base do conhecimento do homem é o trabalho, não como fonte única mas como ponto de partida.

Quanto mais o homem se coloca no mundo, através do seu trabalho, mais ele se apropria da natureza e transforma a si mesmo no processo laboral.

Segundo Antunes (2000), a pessoa que não encontra sentido e realização em seu trabalho diário, dificilmente conseguirá ter uma vida cheia de sentido fora dele, uma vez que essa atividade invade todas as esferas da sua vida. A falta de realização no interior da vida laborativa comprometerá, em alguma medida, as realizações das esferas “fora do trabalho”.

“A atividade do sujeito se forma na relação triádica que se forma entre os motivos do sujeito, o objetivo da tarefa e na confrontação com o outro do trabalho.”(Cunha, D.M etall. 2007)

O trabalho se configura como possibilidade do homem se fazer através da experiência, funcionando como fonte para novos saberes e valores na constituição contínua do sujeito permitindo o desenvolvimento de sociabilidades. São experiências que se formam a partir do trabalho e que avançam para outras esferas da vida atuando na formação do sujeito de maneira inteira. Valores e saberes que se formam , transformam e que se aprende , aplicando-os no trabalho e na vida ,configurando o sujeito sócio-histórico. O sujeito se implica no trabalho quando atribui algum sentido a este.

É no processo de ir e vir da atividade que o homem reconhece o outro e busca por reconhecimento enquanto pertencente ao gênero humano ao mesmo tempo que o diferencia na especificidade do seu saber fazer, na sua subjetividade ali materializada. Como nos diz Carreteiro “(...) é a retomada do olhar do outro no olhar sobre si que vai dar a cada um a força, a identidade e a crença em suas capacidades de ser um indivíduo autônomo” (Carreteiro, 2001:159).

A maneira como concebemos nossa atividade, o sentido que tem para nós - como nos percebemos e somos percebidos pelo outro sob a ótica do trabalho que exercemos – constitui importante fator de construção de identidade e da auto-estima, especialmente nos dias de hoje onde a produtividade é a palavra de ordem. Assim , Barros; Sales & Nogueira (2004) nos falam que o trabalho se constitui, sobretudo, como uma esfera importante para a auto-realização e o fortalecimento da auto-

estima. É por seu intermédio que se potencializa uma participação mais efetiva na vida social, no processo de construção identitária e da sociabilidade humana.

Nesta perspectiva, o trabalho transcende sua função de promoção da sobrevivência e avança para uma função psicológica como nos mostra Clot: “Ele é o objeto de uma nova exigência de auto-realização que passa grande parte de sua vitalidade aos momentos extra profissionais do ciclo da vida.” (Clot, 2006:73).

Falamos de nós através da nossa atividade, do nosso ofício, muitas vezes nos sentindo parte deste “Metier” que nos revela e que se revela através do nosso fazer. Jacques (2002) afirma que os diferentes espaços de trabalho oferecidos constituem-se em oportunidades diferenciadas para a aquisição de atributos que qualificam a identidade do trabalhador.

Importante notar as contradições e ambigüidades que permeiam o mundo do trabalho. O trabalho é ao mesmo tempo fonte de sofrimento psíquico e possibilidade do devir do homem. Revela-se como risco á saúde física e psíquica do trabalhador - face às organizações de trabalho perversas - mas também fonte de prazer e descobertas. Trabalhos realizados por diferentes profissões, algumas socialmente reconhecidas e contempladas pelo mercado formal, assegurando direitos ao trabalhador como carteira de trabalho assinada, salário e previdência social, conferindo-lhe um estatuto de cidadão como nos mostra Carretero:

“Desta maneira, o cidadão se insere em uma filiação social. Esta afirmação significa que, quando o indivíduo puder vender oficialmente sua força de trabalho, as instituições públicas lhe proporcionarão condições de filiação. Elas reconhecerão sua existência como elemento que contribui para o desenvolvimento econômico e social. E o sujeito, definido como cidadão, terá a sensação de pertencer à nação”. (2001: 157)

Outras profissões são marcadas pela precariedade, pelo preconceito e desvalorização, (BARROS, V.A.; PINTO, J.B.M. GUEDES, M.(2006)); BARROS,V.A.(2005); BARROS,V.A.;SILVA,L.R.(2004);BARROS,V.A.;SALES,M.M.;NOGUEIRA,M.L .M.(2004); BARROS,V.A.; NOGUEIRA, M.L.M.(2004) em virtude de suas especificidades como é o caso dos Garis, trabalhadores de cemitérios, necrotérios, apenas para citar alguns deles.

As economias de mercado acabam por excluir certas categorias do lugar de produtoras uma vez que não ocupam da maneira “ideal” a posição de consumidoras. A redução do espaço para o trabalho formal, que exige cada vez mais especialização e qualificação restringe as possibilidades de atuação no universo laboral e limita aqueles que se dirigem às atividades marginais e socialmente desvalorizadas, como opção restante (Barros, 2006).

Entender os processos de transformação do mundo do trabalho constitui-se como importante balizador para a elucidação da atividade das profissionais do sexo.

Segundo LEITE “a prostituição em nossos dias é uma instituição empresarial como outra qualquer. (...) A cafetina é um patrão como outro qualquer e que explora sim, como se explora em qualquer relação patrão-empregado”. (LEITE, G. 1992: p170)

As mulheres na “zona” seguem algumas regras no exercício da atividade como horário, local definido para fazer os programas, normas internas dos Hotéis, média de preços, “ética da profissão”, ainda que sejam flexíveis, esses elementos participam da rotina destas profissionais.

Sofrem com a insegurança do mercado instável e a queda do movimento. Procuram se aperfeiçoar para melhor atender seus clientes.

Vivem um conflito que é peculiar a esta categoria: Embora se sintam, algumas vezes, reconhecidas por seus clientes - que se tornam fieis - e consigam angariar recursos financeiros para a concretização de alguns de seus projetos de vida, muitas delas vivem no anonimato, têm vergonha do que fazem, sentem-se marginalizadas e divididas entre o exercício da atividade e a culpa advinda da estigmatização.

Na pesquisa de campo, percebemos certa confusão para as profissionais do sexo, quanto ao lugar desta atividade em suas vidas. Algumas vezes elas se referem à prostituição como a um trabalho, outras vezes referem-se a outras atividades como “trabalho de verdade” em detrimento da prostituição: Sobre isto uma prostituta nos relata:

“Eu trabalhei muitos anos como costureira e eu era uma ótima profissional. Eu tenho uma profissão!” Uma outra nos diz: *“Quando venho para o centro da cidade, falo com meus filhos que vou lavar roupa em alguma casa, mas às vezes é verdade, eu venho mesmo é para trabalhar”* (se referindo aí ao trabalho de lavar roupa).

No entanto, elas nos contam sobre sua rotina, referindo-se aqui à prostituição como trabalho:

“Eu trabalho no Hotel...”, “Eu venho para BH para trabalhar às 3as feiras”, “No meu trabalho eu sou completamente diferente do que sou aqui com vocês.” “A mulher tem que saber trabalhar para ganhar o cliente, tem mulher que não sabe tratar o cliente, aí depois reclama que não tem cliente.” “Se a mulher souber trabalhar ela tem cliente certo desde a primeira semana que entra para o Hotel.”

A dialética que se forma sobre a prostituição como trabalho enfrenta fortes reações tanto no âmbito da sociedade que, sustentando um discurso moralista e preconceituoso, não a reconhece como um trabalho de verdade, quanto pela postura das próprias prostitutas que naturalizam o estigma sobre elas imputado.

No entanto, a narrativa das prostitutas durante toda a pesquisa de campo escapa e transcende o preconceito, avançando para uma discussão da prostituição como um trabalho como outro qualquer.

Uma atividade que contempla contradições peculiares a tantas outras formas de trabalho socialmente reconhecidas como prazer, sofrimento, realização, angústia, medo, satisfação, reconhecimento, ganhos e perdas.

Trabalho que contempla também especificidades que por vezes nos absorve em conflitos e contradições instigantes como veremos ao longo deste estudo, mas que, ao sairmos da esfera de uma discussão moral sobre a prostituição e a analisarmos a partir do conhecimento advindo da pesquisa de campo, coloca-nos em contato com o real dessa atividade, enquanto atividade de trabalho.

4.1 - Regras e Mitos na prostituição (Prescrito e Real)

Como vimos, a prostituição apresentou-se, desde o seu início, vinculada a relação da mulher com o trabalho seja ele na escravidão, como alternativa de sobrevivência e mesmo de inserção no mercado de trabalho após a revolução industrial, ou integrado ao trabalho doméstico. Assim, as mulheres viam na prostituição uma alternativa de complementação de renda, assim como uma forma alcançar sua independência, especialmente da submissão aos maridos ou pais.

No Código Brasileiro de Ocupações a prostituição foi inscrita como uma atividade na qual, mulheres ou homens, “batalham programas sexuais em locais privados, vias

públicas e garimpos; atendem e acompanham clientes homens e mulheres, de orientações sexuais diversas; administram orçamentos individuais e familiares; promovem a organização da categoria; realizam ações educativas no campo da sexualidade; propagandeiam os serviços prestados⁵⁷.

De acordo com este código, a prostituta deve exercer sua atividade de forma a minimizar as vulnerabilidades, promover a organização da categoria e demonstrar competências pessoais como persuasão, expressão gestual, paciência, honestidade, sensualidade, ética profissional, capacidade de comunicação em língua estrangeira, capacidade de realizar fantasias eróticas, aconselhamento a clientes com carência afetiva, capacidade de negociação, dentre outras.

Entretanto, verifica-se que a prostituição ainda não é reconhecida socialmente como uma profissão, tão pouco usufrui de quaisquer direitos trabalhistas que são oferecidos à outras categorias profissionais. O não reconhecimento parte tanto da sociedade quanto das próprias prostitutas que muitas vezes optam por designar a atividade como exclusivamente transitória (MORAES, 1995:73). A classificação dada por elas às demais atividades socialmente reconhecidas como sendo “trabalho de verdade”, ilustra um discurso que tentam amenizar o estigma que paira sobre esta profissão. O que se apresenta é uma tentativa de mostrarem para a sociedade que, embora possam se sentir de alguma forma realizadas nesta atividade, reconhecem as proibições que envolvem a prostituição.

A partir das considerações de LEITE (1992) de que a prostituição é uma instituição empresarial como outra qualquer e na descoberta de que nesta atividade existem regras a serem cumpridas, um sistema de normas e valores a serem seguidos,

⁵⁷ A descrição detalhada da prostituição no CBO encontra-se como anexo ao final deste trabalho.

faremos a seguir uma discussão sobre essa atividade, inspirada nos conceitos de trabalho real e trabalho prescrito, como nos ensina a ergonomia.⁵⁸

Aqui, a análise das atividades realizadas pelo sujeito é alicerçada pela distinção entre trabalho prescrito e trabalho real. O trabalho prescrito se refere a maneira como o trabalho deve ser executado, o modo de utilização das ferramentas, o tempo concedido para cada operação e as regras a respeitar. Este conceito ainda engloba o que os organizadores do trabalho exigem que os trabalhadores façam ou o que pensam que eles fazem (Ferreira e col.1993).

No entanto, trabalhar exige dar conta de uma realidade bem mais complexa do que aquela prevista pela prescrição. Exige dar conta daquilo que, independente da qualidade da concepção e da precisão dos procedimentos, impõe-se aos trabalhadores por meio do imprevisto, do inesperado (Spode & Merlo, 2006:363).

Surge, dessa forma, o âmbito do trabalho real que diz sobre o que os sujeitos realmente fazem na situação estudada, sustentando o fato de que ele transforma permanentemente sua atividade como forma de responder às demandas que se apresentam. Este último conceito objetiva examinar o que acontece na complexidade da realidade sem utilizar um modelo escolhido a priori (Abrahão & Pinho, 2002 :47).

Um dos interesses da Ergonomia é saber o que os trabalhadores realmente fazem, como fazem, porque fazem e se estes podem fazer melhor. A análise ergonômica do

⁵⁸ *A proposta da Ergonomia é produzir conhecimento sobre as condições do trabalho e a relação do homem com o mesmo, além de oferecer ferramentas e princípios capazes de orientar a ação, afim de que possam ser utilizados para a análise e a transformação, adaptando as situações de trabalho ao trabalhador. A Ergonomia incorpora um conjunto de conhecimentos científicos oriundos de várias áreas (Antropometria, Fisiologia, Psicologia e Sociologia, entre outras) e os aplica visando as transformações do trabalho. Esses conhecimentos quando confrontados e articulados de forma integrada contribuem com a tecnologia e a organização do trabalho na definição da melhoria desta realidade (Abrahão & Pinho, 2002:47).*

trabalho procura identificar como o trabalhador constitui os problemas que tem de resolver em confronto com a situação real de trabalho.

A partir dessa proposta ergonômica, percebe-se a importância de uma abordagem que evidencie os aspectos que não são visíveis no trabalho e que determinam, muitas vezes, a articulação do sujeito com o contexto. Esta articulação é de natureza subjetiva e todo processo de trabalho é influenciado por ela. Integrar esta dimensão facilita a compreensão da complexidade do trabalho.

Assim como nos demais tipos de trabalho, a prostituição também é composta por algumas regras e obrigações. As mulheres obedecem a um horário de trabalho; têm local definido para fazer os programas; normas internas dos hotéis a respeitar; média de preço do programa pré-definida e obrigações frente a um gerente de hotel que pode ser comparado a uma relação patrão-empregado.

Verifica-se ainda que além destas regras claras e facilmente visíveis no exercício da profissão, a prostituição é formada por um consenso de atitudes que se dá informalmente entre as profissionais. Algumas atitudes como a abordagem ao cliente, cuidados a serem tomados para evitar vulnerabilidades à violência e à saúde, formas de negociação do tempo e valores praticados por modalidades dos programas são compartilhados pela maioria delas, ainda que não se constituam efetivamente como regras ou imposições.

De acordo com as próprias mulheres, muitos dos comportamentos que elas hoje utilizam surgiram a partir dos próprios erros, das dicas dadas pelas colegas de profissão ou até mesmo pelos clientes. Um aprendizado que emerge do seu fazer, de uma prática que vai sendo passada de maneira informal, não falada, mas a partir da experiência, das observações de colegas e das demandas dos clientes. São sinais que

vão sendo transmitidos e incorporados no fazer constituindo-se um saber específico da categoria.

Como Clot nos mostra: *“O trabalhador é um criador. Aqueles que trabalham devem reinventar a tarefa. O conhecimento e o saber chegam depois da ação.”* (Clot, Y.2007)⁵⁹

Assim as prostitutas nos contam:

“(...) quando eu cheguei, eu tive uma vizinha de quarto (...) ela me ensinou alguns macetes, tipo segurança. Ensinou que você tem que tá sempre atenta pra que o homem tire a roupa primeiro que você, porque ele pode tá com uma navalha.” (Vânia)

“Eu aprendi com eles. Foi vivendo, foi aprendendo. (...) pelas reclamações. Ai comecei a fazer diferente.” (Verônica)

“Ela me explicou[a amiga]: “o homem vai te perguntar isso, vai te perguntar quanto, aí você fala isso.” Eu não sabia, tem uma mania de falar “PIS”. (...) Eu caí na risada e aquilo para mim, eu nunca tinha ouvido esta palavra. Aí ela disse: “Ai menina, pelo amor de Deus, é isso e isso.” É transa. Eles chegam e falam assim: “quanto é o PIS?” Sabe como?” Catarina

No filme Princesas⁶⁰, o dialogo entre as duas prostitutas nos mostra também a troca de experiências e de aprendizado entre elas:

“Você faz de tudo?”

- Quase tudo. Eu coloco vídeo de sacanagem para eles gozarem rápido. Eles ficam doidos.

- Eu falo várias coisas: sacanagem: “Me enche de leite”. Eles adoram ouvir isto. E sempre de camisinha.”

Seja qual for a forma de aprendizado, o que se percebe é que as prostitutas tomam como referência formas de realização da atividade previamente vivenciadas e

⁵⁹ Conferência realizada na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

⁶⁰ Filme: Princesas. Espanha, 2005. Direção de Fernando León de Aranoa.

satisfatoriamente executadas. De acordo com Yves Clot esse aprendizado está alicerçado “no estoque disponível de ações possíveis” contido no gênero profissional⁶¹.

Este sistema, conhecido somente por aqueles que participam da mesma situação, caracteriza, por sua vez, todas as “técnicas e formas de fazer estabelecidas e pode ser compreendido como a parte subentendida da atividade. Trata-se, portanto, de um instrumento coletivo da atividade individual.” (Lima, 2007:100).

Para Clot (2007), a partir da mobilização de vários condutores ao redor do mesmo gesto faz com que o gesto se torne, então, independente daquele que o criou. Isso significa pensar que, na prostituição, após algumas tentativas isoladas, as mulheres foram descobrindo formas mais satisfatórias de realizar suas atividades e em alguma medida estas informações foram trocadas entre elas, testadas e validadas, tornando-se um conhecimento coletivo.

Alguns destes conhecimentos podem ser claramente identificados conforme nos mostraram as prostitutas no campo: o uso do preservativo é uma regra que embora não deve ser, a princípio, uma prática específica para a prostituição, aqui, significa não somente o cuidado com a preservação da saúde mas também se caracteriza como profissionalismo, que confere à prostituta um status de alguém que sabe trabalhar e que leva a sério o seu fazer. Outro aprendizado interessante refere-se a administração do tempo do programa. Elas aprendem que controlando melhor o tempo, sendo mais breves com os clientes e utilizando-se de “macetes” para que eles cheguem

⁶¹ Aqui utilizamos o conceito de Gênero Profissional proposto por Yves Clot : É o dispositivo do qual o sujeito precisa para agir . Está dentro da atividade individual. É social, histórico e coletivo. “Aqui se faz assim”.

rapidamente ao prazer, elas se poupam fisicamente e conseguem ter uma produção melhor ao longo do dia. Quanto a segurança física elas nos contam que tomam alguns cuidados ao receber o cliente, no sentido de verificar se ele traz consigo algum objeto suspeito ou mesmo na triagem feita na porta do quarto, se elas não sentirem segurança procuram uma forma de recusar o programa sem que o cliente se sinta desprezado. Outro aprendizado apontado por elas mostra o cuidado que devem ter quanto ao envolvimento afetivo com clientes no sentido de evitar serem por eles exploradas, correndo o risco inclusive de que estes passem a assumir uma posição de gigolôs.

Porque , quando eu vejo que não é legal também [O cliente] eu já vou descartando logo, sabe?(...). Não tolero esses homens mal educados, sabe? Não sei como é que eu ganho dinheiro porque eu vou selecionando é desse jeito, sabe? Mas, aí eu faço aquela seleção e fico só com os finos. (Catarina)

“Quando o homem pede pra apagar a luz pode saber que ele quer passar a gente pra traz. Muitas vezes tem alguma doença, micose. Eu não aceito mesmo.” (Catarina)

“E você sabe porque é que eu não gosto de vir na segunda feira? Pelo bafô dos homens porque eles bebem muito no final de semana. Quando é segunda, eles chegam rebatendo e acha que tem que rebater pra zona, né? E quer dar conta... e na segunda feira que é o dia pior. O homem não goza rápido, porque ele ta de ressaca, isso influi muito, influi demais.” (Catarina)

Embora todos estes aprendizados sejam compartilhados pelas prostitutas nos diversos hotéis da zona boêmia, constatamos que ocorrem “transgressões destas regras” por algumas delas, conforme seus interesses individuais. No entanto, são atitudes realizadas de forma clandestina pois receiam pela reprovação das colegas, o que uma vez mais nos traz de volta a situação de um saber coletivo de trabalho.

Yves Clot (2007) propõe um conceito para trabalhar a noção do coletivo quando ele distingue a prescrição que nasce do grupo daquela que é definida pelos organizadores do trabalho. Assim ele descreve:

“A prescrição endogênia (ou endógena), surge através da mobilização dos condutores sobre um mesmo gesto, que não fazia parte do trabalho previsto, ou seja, um gesto que por meio do gênero profissional, passou a fazer parte da atividade e se tornou uma prescrição, diferentemente da prescrição exogênia (ou exógena) que é a regra em si, as prescrições previamente definidas para as atividades. Neste sentido, o coletivo de trabalho consiste na internalização deste coletivo e de suas idéias pelo sujeito, pertencendo não mais a um indivíduo, mas ao grupo.”

Poderíamos dizer que a construção do prescrito na prostituição não se dá na forma de regras ou imposições como nas demais profissões, mas através dessa experiência acumulada e compartilhada o que poderia se aproximar do conceito de “Prescrição Endógena”. A partir da contribuição de cada profissional, com suas vivências diárias, enfrentamento das dificuldades e construção de novos comportamentos, forma-se a memória da prostituição, uma memória coletiva que pouco a pouco é internalizada e constantemente construída pelas prostitutas.

A ilustração destes conceitos teóricos e a compreensão de que a formação da memória na atividade é incorporada pelo sujeito sem que ele mesmo possa se dar conta pode ser verificada nos relatos das prostitutas , especialmente quando uma delas nos diz:

“Desde que eu entrei na zona todo mundo falava isso! Mas quem foi que inventou que a gente tem que fazer três posições e uma chupadinha? Quem?”(Ana)

Yves Clot (2007) nos mostra, no entanto, que este aprendizado se desenvolve através da experiência e do tempo na atividade. Inicialmente a ação do sujeito é guiada pelo “impessoal”, ou seja, pelas regras prescritas, como é o caso do “novato” que, a

princípio, tende a fazer aquilo que lhe é pedido. Esta postura logo leva o sujeito ao fracasso uma vez que não poderá lidar com os imprevistos, contidos em toda atividade. Desta forma, ele terá que olhar para o que os outros estão fazendo, vai comparar os sujeitos e aos poucos se apropriar da memória coletiva incorporando-a na sua atividade. *“Nesse momento ele é da profissão”*.

Na prostituição, as mulheres fazem distinções entre aquelas profissionais mais experientes e as iniciantes. Em um grupo de discussão realizado com as profissionais do sexo, elas nos relatam o caso de uma prostituta novata no hotel, em cuja porta do quarto se formava uma enorme fila de clientes interessados no programa oferecido. Os homens tentavam até mesmo comprar o lugar do outro na fila para serem atendidos antecipadamente. Embora as mulheres não soubessem o que ela fazia no quarto para atrair tantos homens, acreditavam que devia tratar-se de práticas realizadas apenas por uma iniciante, pois o tempo lhe faria perceber que na zona aquilo não funcionaria.

As novatas são percebidas tanto pelas colegas quanto pelos clientes como “bobinhas” por aceitar todas as demandas, demorar muito tempo nos programas e praticar várias modalidades pelo mesmo preço. O que as distingue das veteranas é justamente a incorporação desse aprendizado coletivo na atividade, feito por estas últimas. .

“Pra mim o certo é fazer tudo com camisinha minha filha. Tratar bem o cliente... mas tudo tem um limite né?! Hoje eu não sou boba. Antes eu deixava o cara se aproveitar de mim, eu era bobona.”(Sara)

“Eu já tirei a base sabe? Assim, já fiz uma média por programa que em média é 15 minutos. Se passar ai já é cobrado né. Meia hora, uma hora.

Se o cliente não conseguir sentir neste tempo, eu mando ele embora. “Cê besta!” Se deu ali o tempo: 15 minutos. E ele não conseguiu gozar. É o tempo que um programa, o meu programa. Pra mim executar aquele programa. Então eu já tirei a base por um, por outro que eu atendo. No início eu não tinha base não. Agora eu tenho.” (Catarina)

Se por um lado deparamo-nos com algumas regras no exercício da prostituição, sob a forma de “prescrição endógena” (Clot. 2007), por outro lado existem os mitos que caracterizam a atividade. O uso do preservativo constitui-se como uma regra, assim como cobrar o programa. Outras práticas foram percebidas como mitos da prostituição como: não beijar na boca do cliente ou não sentir prazer. No entanto, são mitos que algumas prostitutas prezam por mantê-los como parte do cotidiano, procurando guardar em segredo as esquivadas praticadas. Compreendemos ainda que quebrar estas regras ou os mitos podem se revelar como estratégias e modos de regulação⁶² para lidar com as adversidades advindas desta atividade. Constituem-se de atitudes adotadas para enfrentar uma rotina que por vezes se apresenta de forma dura e sofrida para estas mulheres.

Sobre o sofrimento no trabalho Clot (2007) nos diz: *“O aceito da servidão não é aceitá-la. Pode-se estar servo mas não aceitá-la. O que os tornam doentes é o consentimento.”*

Assim Catarina nos conta:

“Porque aí eu me entrego também sabe? Então, o dia em que ta aquela sobrecarga assim, sabe? Aquela coisa! Nossa, aparece um dos meus, minha filha! Um dos!!! Aí, é só maravilha! Fico tranqüila ali oh! Eu me dou um momento também, sabe como?”

⁶² Modo de regulação no trabalho é um processo interno de reorientação da ação que ocorre com o sujeito, quando ele utiliza de saberes próprios, únicos e que vão ajudá-lo a construir mediações para lidar com as adversidades da atividade.

*...Então, eu fujo um pouquinho da regra, vou beijar, abraçar, ficar ali papeando, e deixar ele me...ficar na mão dele ali, durante o tempo que eu tiver me sentindo bem ali, sem pensar em hora, sem pensar... deixar, fico ali, dou mais um tempinho, conto caso.
É até uma ilusão, uma fantasia. O cara te trata bem, é legal e tal.. conquista a gente assim. É quase um amigo.*

...Então, essas regras que eu falo, pra mim ficar aqui e me dar bem , eu não posso é... como que é.. me deixar levar por muita fantasia, tem que ser tudo ali, dosado, porque se eu soltar a rédea, depois eu não dou conta mais e na hora que eu for puxar, se eu der vazão ali, deixar o cara montar, sempre, sempre, eu perco até o cliente.

...E também a gente, não sei se é por transar muito, toda hora você freia a sua emoção ali, as vezes , tem umas certas pessoas que nem compensa você abrir, demonstrar. Então, uma hora você freia, outra hora você solta, não é uma coisa constante. Então, eu acho que até isto a gente aprende a dominar mais. O sentimento, essas reações íntimas da gente fica até mais segura.”

(Catarina)

Um último ponto de discussão envolve a questão do reconhecimento da prostituição. Durante toda a pesquisa, observamos que apesar dos freqüentes questionamentos por parte das prostitutas, sobre as condições insalubres dos hotéis, sobre as mazelas da atividade, utilizando um discurso de que esta atividade é provisória, as profissionais do sexo permanecem na profissão por anos. Mesmo inseridas em um contexto onde as dificuldades são freqüentes, tendo que lidar ainda com demandas que muitas vezes consideram bizarras, as prostitutas demonstram uma dimensão alegre e cômica de seu dia-a-dia.

Como nos diz LEITE, “só existe segregação se houver o agente e a vítima. Como a prostituta introjeta esses dois personagens, imagine quanto esforço é necessário para mudar esse quadro.” (1992:145)

A sociedade, como vimos, resiste à prostituição, marginalizando-a e projetando sobre ela inúmeros preconceitos como o de se tratar de “vida fácil”. A prostituição se revela como uma atividade onde conceitos a princípio antagônicos estão intimamente envolvidos como “trabalho” e “lazer”. Desta forma, as próprias profissionais do sexo apontam dificuldades em assumir que a prostituição possa ser ao mesmo tempo: um trabalho, uma atividade difícil, sofrida e que oferece variados riscos, um meio de sobreviver, mas também uma atividade que trata do prazer do outro, cujo objetivo é realizar fantasias alheias, satisfazer desejos e ao final ter a segurança de ter fidelizado o cliente pelos bons serviços prestados o que inclui promover diversão e se divertir mesmo em um contexto contraditório, caracterizando-se como uma atividade nada fácil.

O discurso das prostitutas parece às vezes contraditório talvez porque a prostituição seja tudo isto mesmo: uma atividade que gera sofrimento, angústias, medo, insegurança mas também satisfação, prazer e reconhecimento. Contudo, assumir esta outra face da prostituição constitui-se em tarefa difícil para essas mulheres pois isto contribuiria ainda mais para alimentar o estigma de “vida fácil”, de “vadiagem”, “falta de vergonha”.

“Tem hora que eu brinco com alguns aí, eu falo assim : eu faço serviço social, presto serviço social. Eu faço psicologia, psicoterapeuta, é tudo quanto coisa eu mexo, Eu presto serviço a sociedade.” (Catarina)

“São coisas que vão te levando ali até acontecer. E foi o que aconteceu. E depois a solução caiu aonde: Aqui. Você vai conseguir o que você quer mas é assim. Se você quiser conseguir é assim. Agora só que eu não importo; Até que ta bom. Ta ruim mas ta bom.” (Catarina)

“Igual o moço da igreja teve aqui ontem. Ele falou: “ Você gosta de ficar aqui?” Eu falei : Gosto. - “Ah, então você fica feliz de ficar aqui...”Eu falei: Bom, você tem trabalho pra mim?” (Catarina)

Eu fiquei amigada com um homem por dois meses mas aí eu vinha pra zona pra dar e gozar gotoso e ainda receber meu dinheiro pois o homem não comprava nada pra casa, eu procurava por ele na cama e ele tava sempre cansado. Ah não! Eu sou baiana e sou é quente mesmo! (Cíntia)

4.2 - Trabalho, Sexo e Prazer na Prostituição

“A”vida” é o espaço em que se pode viver o desejo, a “fantasia”. Nesse espaço a prostituta faz seu trabalho profissional, cotidiano e anônimo. Atua na vida. Em outras profissões também há tantas mulheres da vida: enfermeiras, professoras, operárias, secretárias, atrizes, cantoras, terapeutas, lavadeiras, escritoras, cada uma em seu campo de trabalho. Qual é o campo da prostituta? É o do desejo, (...) da fantasia, do sonho, do mistério.”(Leite,G. 992: 172)

Inseridas no mercado informal de trabalho, desprovidas de qualquer proteção legal, marginalizadas socialmente, exercendo uma atividade estigmatizada cuja especificidade é o trabalho com o sexo, ou seja, um trabalho que existe em função do sexo.

As reflexões sobre a prostituição enquanto trabalho nos remetem às suas características depreciativas como a discriminação derivada do estigma e a pressão psicológica advinda da necessidade de se encobrir o exercício da prostituição.

A construção de sociabilidades para as profissionais do sexo parece vir a partir da ocultação da sua atividade profissional já que é tida como uma atividade desvalorizada e desprezada.

È no mínimo desafiador tentar compreender a prostituição como trabalho já que trata-se de uma atividade marginalizada por sua especificidade: trabalhadoras do sexo. Praticar o sexo em uma perspectiva profissional, propiciar o prazer, realizar

fantasias eróticas, em uma prestação de serviços contratados e previamente acertados em detalhes. Um negócio que envolve aspectos financeiros, prazos, satisfação, fidelização do cliente, prosperidade, riscos à saúde e à segurança.

Abordar a prostituição como trabalho leva-nos necessariamente a revelar e desvelar o sexo e conseqüentemente a intimidade, trazendo-os para um fórum público. Trata-se de trazer para o discurso questões que provocam ao mesmo tempo desconforto, curiosidades, questionamentos, “desejo insaciável de ouvir falar” e como nos revela Foucault é como se dele quiséssemos arrancar mais do que o prazer, mas o saber :

“(...) saber do prazer, prazer de saber o prazer, prazer-saber; E como se esse animal extravagante a que damos guarida, tivesse uma orelha bastante curiosa, olhos bastante atentos, uma língua e um espírito suficientemente bem feitos, para saber demais e ser perfeitamente capaz de dizê-lo, desde que solicitado com um pouco de jeito.”(Foucault, 1988:87)

Retomando a discussão do trabalho com o sexo – as prostitutas – deparamo-nos com a proposta explícita de proporcionar prazer através do sexo numa relação comercial, remetendo-nos a um debate que traz como objeto uma relação, uma ação que fala por si , revelando uma face da sexualidade que não é reconhecida pelo poder e portanto deve ser repelida ,ocultada.

Gabriela Leite em seu livro auto biográfico, também aborda a questão da sexualidade e da prostituta, e esta relação. Assim, ela nos revela:

“A prostituta tem que sair das luzes da ribalta e acender a luz geral, para que a sociedade possa, enfim, discutir sua sexualidade e entenda-la. Quando a prostituta for um fato corriqueiro na sociedade, uma trabalhadora como outra qualquer, de repente vamos poder pensar melhor sobre a sexualidade, o prazer, o amor, a felicidade, essas coisas tão raras a todos nós.” (Leite, G.1992:172)

A questão que permanece inquietante sobre o sexo e sustentada pelo poder, entretanto, parece não estar focada no prazer que dele possa advir mas sobretudo o saber sobre ele, a necessidade de trazê-lo para o discurso e extrair dele a verdade.

4.2.1 – A prostituição e a sexualidade na história

Durante séculos a sexualidade foi tratada como algo que deveria ser mantido em silêncio, permanecendo reservada à família conjugal, limitada ao quarto do casal, com funções claramente estabelecidas e apropriadas pelo poder. Desta forma, o sexo - ao longo de sua história - deu lugar ao que Foucault chamou de *dispositivo de aliança*⁶³ onde as regras definiam o permitido e o proibido, o vínculo entre os parceiros assim como a preservação das leis que regiam as relações, articulando-se à economia na circulação de riquezas.

No entanto, um outro dispositivo foi instalado nas sociedades ocidentais à partir do século XVIII: *o dispositivo de sexualidade*⁶⁴ onde o que passa a importar são as sensações do corpo, a qualidade dos prazeres, a natureza das impressões. Aqui, o corpo que produz e consome é a principal articulação com a economia (Foucault: 1988:117-118).

Podemos entender que a sexualidade serviu e continua a servir o poder através de roupagens diferenciadas face a evolução da sua história. Nos dizeres de Foucault:

⁶³ sistema de matrimônio, de fixação e desenvolvimento dos parentescos, de transmissão dos nomes e dos bens.(Foucault, M: 1988:117)

⁶⁴ Funciona de acordo com técnicas móveis, polimorfas e conjunturais de poder. (...) engendra uma extensão permanente dos domínios e das formas de controle. (1988: 117)

“(...) a sexualidade, nas relações de poder, é um elemento utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias.” (1988 :114)

Historicamente temos que já no século VI a.C. a prostituição foi marcada como uma prática composta essencialmente por escravas⁶⁵ que almejavam um dia poder comprar sua liberdade a partir desta prática. Outras mulheres, confinadas a seus maridos, também viram na prostituição uma possibilidade de alcançar sua independência. *“... muitas mulheres realmente escolheram a prostituição como uma carreira, considerando-a um caminho para a liberdade, um meio de controlar suas próprias vidas e uma alternativa positiva para a tirania do regime doméstico.”* (Roberts, N.1998:39).

Conforme nos mostra PEREIRA (2005): na Inglaterra, a metáfora de “escravas brancas” era utilizada para denunciar *“tanto a prostituição forçada de mulheres europeias em outros continentes quanto a exploração capitalista do trabalho feminino e infantil”* (2005:28), o que nos aponta uma relação importante: a história da prostituição é fortemente marcada pelas transformações do mundo do trabalho, especialmente nos últimos séculos, bem como pela inserção da mulher no mercado laboral.

Neste sentido, o período que se seguiu à Revolução Industrial foi muito propício ao florescimento da prostituição, na Grã-Bretanha inicialmente, na França, nos Estados

⁶⁵ Segundo este autor, o governo de Atenas, ao perceber o quão promissor e rentável parecia ser a prostituição, construiu bordéis e se apropriou através do Estado, desta prática. As mulheres escravas que trabalhavam nestes bordéis eram exploradas e seus salários, registrados pelo Estado não eram pagos a elas, mas aos funcionários do Estado que administravam os bordéis. *“Pela primeira vez na história as mulheres estavam sendo cafetinadas - oficialmente.”* (ROBERTS, N. 1998:37)

Unidos e nos outros países ocidentais à medida em que também se industrializavam: poucas mulheres encontravam emprego nas fábricas e recebendo baixíssimos salários eram obrigadas a depender parcialmente de um homem ou a se prostituir para complementar sua renda e sobreviver.

Conforme ROBERTS (1998):

“O comércio do sexo do século XIX na Grã-Bretanha não foi, em sua essência, diferente daquele do século anterior, com exceção de que havia mais mulheres operárias como prostitutas do que jamais antes. (p.231) (...) Na França, quando a indústria começou a invadir o país durante a primeira parte do século, as autoridades ficaram alarmadas com o enorme número de prostitutas de rua que de repente começaram a aparecer, particularmente na capital. A classe dominante recorreu à solução anterior: regulamentação, tolerância – e extorsão. A polícia estabeleceu então um esquadrão da moral, registrando e supervisionando as prostitutas parisienses. (p.241)(...)O sistema de regulamentação francês inevitavelmente tornou a vida das prostitutas independentes, e as mulheres da classe trabalhadora em geral bastante difícil – e também perigosa. Pois o público burguês considerava todas as mulheres operárias prostitutas ou prostitutas potenciais. (p.244) (...) O mesmo ocorreu, naquela época, na Alemanha que tradicionalmente respondeu com o modelo de tolerância e regulamentação da prostituição, adotando princípios bem próximos aqueles praticados na França (p.247) (...)Na Itália, embora tenham sido mais sutis, aprovando um amplo conjunto de leis sobre a prostituição, era uma tirania corrupta que visava ainda o controle da sexualidade das mulheres da classe trabalhadora.” (p.249)

Nos Estados Unidos, durante a grande guerra, quando as mulheres ingressaram na força de trabalho industrial, ganhando bons salários, surge o espectro da libertação das mulheres da classe trabalhadora da dependência salarial masculina, *“os homens que estavam no poder sucumbiram a um ataque de pânico moral. As prostitutas foram bodes expiatórios, punidas com a repressão sexual tradicional, patrocinada pelo Estado”* (p.330). Ainda segundo ROBERTS (op.cit) embora a economia do pós-

guerra oferecesse trabalho às mulheres, para a sua maioria permanecia não especializado e mal remunerado, mantendo a prostituição como “*a única ocupação em que as mulheres podiam ganhar mais que o salário de um homem e ao mesmo tempo ter algum controle sobre suas horas e condições de trabalho*”. (p.225)

Sobretudo para aquelas trabalhadoras que criavam seus filhos sozinhas, não restava outra possibilidade de escapar da pobreza e mesmo de aceder ao consumo.

Sobre a exploração do trabalho feminino, PEREIRA relata:

“Em 1870, a escrava baiana Honorata, de 19 anos, declarou à polícia que, sendo alugada por sua senhora como lavadeira e cozinheira, às vezes era também obrigada a ficar na janela e “receber visitas”. Mas as queixas de Honorata sugerem que para ela o problema principal parece ter sido a exploração exagerada, a quantidade de trabalho que se exigia dela. Afinal, anteriormente, ela já havia se empregado numa casa em que deveria “lavar e passar durante o dia e receber visitas de noite” (2005:52-53).

Em seus estudos sobre as empregadas domésticas, LE GUILLANT encontra igualmente indicações sobre a relação entre o trabalho doméstico e a prostituição, identificando através da pesquisa de P. DURBAN, que 49% das prostitutas haviam sido empregadas domésticas anteriormente. (LE GUILLANT, L. 2006: 248)

Em nossa pesquisa junto às profissionais do sexo de Belo Horizonte encontramos frequentemente esta vinculação nos relatos de suas trajetórias de vida: muitas delas trabalhavam como empregadas domésticas antes de iniciarem a vida na prostituição sendo que ainda hoje algumas conjugam a prostituição e a realização de trabalhos domésticos em casas de famílias. São freqüentes também relatos de tentativas e de abuso sexual e estupros por parte dos patrões quando trabalhavam de domésticas. Catarina nos relata ter sofrido tentativa de abuso sexual do seu “patrão” quando era

ainda adolescente. Sua situação na casa era de fato de trabalho escravo: sem remuneração, trocando seu trabalho por moradia, roupas e comida, já que não tinha onde morar.

4.2.2 – Sexo e Prazer

O trabalho da prostituta incita, no senso comum, alguns mitos sobre o que é ser “profissional” neste “métier” tais como: não se deixar envolver emocionalmente, não revelar seus desejos e fantasias femininas, não sentir prazer, conforme já vimos, isto tem se revelado como um equívoco. Muitas vezes, as mulheres se deparam com clientes interessantes, que lhes proporcionam prazer e acabam se envolvendo com eles numa intimidade que extrapola os serviços ora contratados:

“Tenho um cliente, o João⁶⁶, que é tudo de bom! Ele tem 40 anos, é bonito, de corpo lindo. Gosto de ficar com ele. Basta eu vê-lo e a vontade logo bate. É esperto, ágil, rapidamente joga a casa no chão. Num minuto fico entregue a ele.(...) estou ficando balançada por ele e não posso admitir isto para minhas colegas do hotel. (...)tinha hora que eu não sabia se eu tava divertindo ou trabalhando. (...) tinha que acabar assim...” (Catarina)

A prostituição cria alguns conflitos para a mulher que a exerce. Ao mesmo tempo que é encarada como uma prestação de serviços, remete frequentemente a mulher ao contexto de uma relação de casal, ainda que com objetivos e interesses diversos.

As relações, por vezes aparecem de forma misturada, confusa onde a profissional do sexo parece ceder espaço para que a mulher possa emergir enquanto sujeito de desejos. Demandas de afeto, amor e carinho parecem invadir o espaço profissional e

⁶⁶ Nome fictício

o hotel – seu local de trabalho – passa a assumir uma outra dimensão que aquela do lugar destinado ao exercício de uma atividade profissional, mas também um lugar de encontros, de satisfação de prazeres, não apenas dos clientes, sobretudo das mulheres que ali trabalham.

Algumas mulheres nos relataram, em entrevistas coletivas que, fora do hotel, não têm namorado. Lá elas “amam a todos”, namoram muitos e acabam virando “esposas” de alguns deles, em virtude da fidelização desses clientes que atendem a anos.

“Fora do hotel, eu não tenho tesão, não acho graça em homem nenhum. Quando chego no hotel, que começa a lida: fica com um, fica com outro... aí começa.”(Catarina)

Vivenciam relações por vezes similares àquelas de amantes, clandestinas e carregadas de uma cumplicidade muito próxima daquela vivida de fato por casais de amantes, fora da prostituição. Elas nos contam:

“ Eu não aceito dos clientes falar mal das mulheres lá. Eu sou mulher e sei das dificuldades. As vezes eu brinco que sou ciumenta e que não gosto que falem mal da esposa. Um dia eu falei para um assim: “Você chega em casa e fala mal de mim para sua esposa? “Fiquei com um mulher hoje que Deus me livre: que mulher chata!?””

As contradições identificadas neste ofício nos remetem à tênue separação entre o pessoal e o profissional. Os espaços extra-trabalho, vividos por trabalhadores de diferentes atividades, como por exemplo - lazer, relações amorosas, encontros entre casais - na prostituição se associam a especificidade da atividade, compondo um único cenário.

“Eu não tenho (namorado) não. Primeiro que eu já trabalho muito tempo em hotel. Já sei muito bem do que um homem é capaz, já sei

muito bem a coragem que tem um homem na cama, já sei também muito bem a falsidade de cada homem. Então, agora eu optei pra isso: namorar, jamais! Quer deitar? “ Dim dim” pra cá, amor pra lá. (...) se tiver que gozar e sentir prazer , você sente com dinheiro do mesmo jeito! Eu sinto um prazer quando um homem me dá um anel, um perfume, um dinheiro”. (Ligia)

Aqui, não se trata de não desfrutar destes espaços por intervenções externas como falta de tempo, fadiga ou esgotamento provocados pelo trabalho – apenas para citar alguns deles - como identificamos em algumas atividades. Na prostituição, estes espaços, de alguma forma, compõem a atividade.

(...) Assim como eles vão lá todo dia me ver, assim quase que como uma obrigação – parece que vira até marido – então eu te pergunto: porquê que eu vou arrumar um namorado lá fora e perder meu tempo de deitar com homem, ou mesmo levar um homem pra freqüentar minha casa? Se eu vou ganhar o meu dinheiro lá no hotel, se eu dependo deles, não é não? Não é a maior bobagem?(Ligia)

Percebemos - ora de forma explicita nos discursos, ora camuflado - um desejo de encontrar um grande amor e poder viver uma relação amorosa, uma relação de casal na sua forma plena, sem a intermediação da zona e de tudo que ela representa.

Agora tem um que eu vou te contar! Esse eu vou querer. Esse eu dei o meu telefone. (...)Depois de tanto tempo... e aqui ninguém nunca me despertou assim, sabe?Aquele interesse assim. Quem sabe está se cumprindo a profecia!É, porque tem hora que a gente tem que acreditar nas coisas sobrenaturais sim.(Catarina)

Eu queria estar sabe aonde agora? No hotel, na praia, em Copacabana, com um marido, milionário, cheio da grana. Isto é o que eu queria. Tranqüilamente lá! . Você acha que eu estou aqui é porque eu acho lindo? Não!(Catarina)

Assim como os espaços extra-trabalho se misturam na atividade da prostituta, compreendemos que de igual forma a prostituição também exerce este papel na vida

destas mulheres fora da zona. Quando elas saem daquele cenário dos hotéis e retornam para suas casas, para o convívio familiar e social, os desejos do seu “ser mulher” parecem se manifestar de forma mais despojada e as investidas rumo a atendê-los são explícitas. Porém, mesmo fora da zona, procurando viver uma vida como outra mulher qualquer, a representação deste espaço continua intermediando suas relações. Percebemos este conflito de forma clara através da fala de Catarina:

Tive convites. Tive a ponto de aceitar, convites de gente conhecida. Me tocou assim, estremecei toda. O menino é lindo, maravilhoso mas aí ele quebrou o encanto todinho. Porque ele tocou no assunto de transa assim, de programa. E eu pensei que ia ser assim uma coisa natural, sem rolar esse clima de programa por que aqui já é né?!

Então, sair fora da rotina, vamos sair, vamos passear, curtir, tudo bem né?!Eu curtindo e ele curtindo. Sem rolar esse negocio de pagamento.(Catarina)

Administrar os conflitos advindos do seu cotidiano não é tarefa fácil para as prostitutas. Elas revelam a necessidade de desenvolver algumas habilidades afim de minimizar esta luta interna. Uma luta que se trava entre a profissional e a mulher, entre a representação de prazer como ferramenta fundamental de sua atividade e de um prazer que nasce de outro lugar, do interior do seu desejo, do ser mulher, ansiando por revelar-se como sujeito de desejo seja na prostituição ou fora dela.

Isso que a gente não pode confundir, deixar aquilo ir invadindo a gente porque senão, no fim você tem ciúmes do cara, vai se achar a dona, vai começar a pegar no pé.. ele vai pegar no pé da gente, começa a ter ciúme da gente também. Aí fica aquela coisa chata. Agente vai ter um compromisso sem ter compromisso, tem e não tem.

Fica presa a uma pessoa sem ter nenhum retorno, nem de carinho, nem nada, simplesmente porque você deixou a coisa andar, não teve como dominar ali.

E também a gente, não sei se é por transar muito, toda hora você freia a sua emoção ali, as vezes , tem umas certas pessoas que nem compensa você abrir, demonstrar. Então, uma hora você freia, outra hora você solta, não é uma coisa constante. Então, eu acho que até isto a gente aprende a dominar mais. O sentimento, essas reações íntimas da gente fica até mais segura. (Catarina)

Como toda atividade, na prostituição também percebemos a necessidade de zelar pela performance mantendo a competitividade. Assim, outras habilidades precisam ser desenvolvidas e preservadas no intuito de satisfazer as demandas dos clientes. A prostituta precisa alimentar a fantasia de ser aquela que guarda os segredos do sexo e do prazer, descobrindo a melhor forma de agradar cada cliente. São sinais, murmúrios, demandas claras ou obscuras que vão possibilitando às prostitutas se diferenciarem no seu saber fazer. Assim, elas nos revelam:

“A gente que fica ali é muito carente e os homens que vão ali também são muito carentes. Se ele gosta de brincar, eu deixo ele com a moral lá em cima. Eu posso, eu mando, eu faço.”

“A mulher tem que saber trabalhar para ganhar o cliente, tem mulher que não sabe tratar o cliente, aí depois reclama que não tem cliente.” (Catarina)

Trabalho de “vida fácil”, de “fazer vida”, “mulheres de vida fácil”. São tantas as expressões que encontramos para se referir à atividade da prostituta que vem carregadas de significado se pudermos nos distanciar de um discurso moralista e preconceituoso, debruçando-nos sobre esta atividade para compreendê-la não a partir do discurso do jurídico, do poder, da sociedade, mas das narrativas destas mulheres - quem de fato a exerce - e que estão “na vida”, vivendo.

4.3 - Prostitutas e Clientes

Aprendemos no senso comum que a prostituta é alguém que vende sexo em troca de dinheiro - compreendido como “vender o próprio corpo.” Neste sentido estrito e moralista, prostituir-se é se deixar aviltar, vender-se, desmoralizar e rebaixar-se. A prostituição é vista como o ato de comercializar práticas sexuais.

No entanto, as prostitutas propõem uma nova significação para esta atividade e uma delas nos relata: “*Não vendo o meu corpo, ele está aqui inteirinho, o que eu vendo é fantasia*”. Algumas relatam que não estão vendendo sua moral tão pouco estão a venda, mas como profissional negociam um programa, um “serviço prestado”:

Detesto o homem chegar e falar assim: “Qual que é o seu preço?” Aí, Nossa Senhora! Eu já vou logo respondendo assim: Menino, o meu preço? Eu não estou à venda. O programa é tanto. (Catarina)

Ser profissional do sexo é não ter vergonha na cara e assumir tudo que vem, a discriminação. É discriminado mas toda profissão tem o mal e o bem. Não tem medico falso, sem diploma nem nada, que exerce a profissão, então?(Catarina)

O que o cliente vai buscar num hotel de prostituição? Satisfazer seus desejos sexuais com uma mulher que promete ser a detentora dos segredos sobre esta prática?

Porque muitos clientes se tornam fieis a algumas prostitutas e não aceitam mais fazer programas com outras? As mulheres por sua vez também fazem esta seleção e têm predileção por alguns deles em detrimento de outros, como já vimos anteriormente.

Algumas prostitutas nos contam que exercem uma função “terapêutica” com seus clientes, onde muitos as procuram para conversar, “desabafar”. Chegam aos hotéis

com baixa estima, contam sobre seus conflitos conjugais e familiares, falam de seus trabalhos. As prostitutas contam que os escutam, oferecem-lhes atenção, carinho e os ajudam, de alguma forma, a resgatarem sua auto-estima. Muitos clientes confessam saírem mais aliviados.

Tem homem que vai lá[na zona] nem é pra transar, é só pra conversar. Um dia um me pediu um abraço, quando eu dei, ele me apertou tanto que parecia que ia quebrar meus ossos. (Selma)

Nós somos psicólogas. Nosso serviço é de utilidade pública porque eles deixam o stress todo, descarregam, choram e quando acostumam com a gente querem transar com a gente de graça. (Catarina)

A relação da prostituta com o cliente traz alguns elementos importantes para compreendermos esta atividade: a figura da prostituta parece ser aquela que guarda os segredos do sexo e do prazer. A mulher reconhecida como “boa de cama”.

SOUZA em seu estudo sobre o cliente da prostituta busca compreender o que quer o cliente, levantando algumas questões:

“(...)Ele pode freqüentar estas casas em busca de divertimento, de companhia, de sexo, de uma boa ouvinte, de consolo, de colo, de amor, ou de compaixão.”(Souza, F.I,1998:24)

A este respeito uma prostituta nos conta sobre a solicitação do cliente:

“O primeiro dia, menina, que eu estava com ele lá no Stilus, estamos fazendo o programa ele disse: “Não preocupa com grana não, eu gosto de ficar legal, numa boa, sossegado. Eu vim aqui pra relaxar porque eu vou viajar e quero ir bem, sossegado”. (Catarina)

Ao discutir em sua pesquisa o perfil do cliente, Souza nos mostra que:

“(...) talvez , pelo menos em termos simbólicos, ele procure a “outra”, a diferente, um “corpo sem lei”, mas um corpo, apesar de tudo, sensível, compreensível, mudo – se necessário. Dentro e fora dos prostíbulos, elas conseguem manter essa magia e imaginário que inebria e confunde o sexo masculino, levando o homem a crer que ainda é o “senhor da situação” ao imaginar que elas são submissas, quando o fazem sentir-se poderoso mediante a realização de suas fantasias. (Souza, F.I.,1998:15-16)

Esta mesma autora aponta em suas discussões sobre a relação prostituta e cliente, que muitas das funções iniciais da prostituição, persistem na modernidade *“(...) e que outras surgem, de acordo com as “leis da oferta do mercado”, ou seja, nascem novas prestações de serviços conforme a demanda.” (op.cit 1998:130)*

Este universo abre diferentes possibilidades de análise onde deparamo-nos com clientes que se tornam fieis a algumas prostitutas e não aceitam mais fazer programas com outras; homens que buscam na prostituta a realização de suas fantasias “proibidas”, de desejos homossexuais que fora da zona talvez não assumissem.

“Um dia um cliente me chamou de Dolores. Ele me perguntou se podia me chamar por outro nome, eu disse que sim. Ele me chamou de Dolores. Ah não! Ninguém merece esse nome não!” (Sara)

“Um dia meu cliente foi transar com a minha vizinha de quarto porque eu não podia atender ele. Ai ele mandou ela ficar de quatro e falou que ia chamar ela de Catarina. Ela perguntou porque, ele disse que já tava acostumado comigo e eu tava ocupada.” (Catarina)

“Eu tenho um cliente que, por incrível que pareça, tem uma filha que o nome dela é Catarina. Ai , ele transa comigo fingindo ser ela. Ele fala assim: “ Não faz isso com o papai não filinha.” Ai, que vontade de dar uns tapas na orelha dele!” (Catarina)

“Tem um que manda eu bater no rosto dele e fala assim: “Não faz isso comigo não, eu tenho só doze anos.” Será que ele tem trauma de alguém que bateu nele quando era criança?” (Catarina)

Souza aponta o cliente como o outro lado da prostituição, considerando na prostituição seus dois lados, ou seja, os dois agentes – prostituta e cliente – envolvidos nesta relação. Neste sentido, ela coloca a prostituição, *“por definição, como uma história de casal.”* (Souza, F.I,1998:12)

Percebemos que a figura do cliente é fundamental para compreendermos esta dinâmica já que é ele o destinatário da ação da prostituta, é a ele que sua “obra” será dirigida.

4.3.1 - A Relação com os clientes e o trabalho

Só existe prostituta se houver o cliente, aquele que demanda seus serviços e, portanto, o único agente efetivamente capaz de lhe dar respostas sobre o seu saber fazer, suas habilidades e competência no alcance dos objetivos ali propostos.

O cliente representa na relação da prostituta com o trabalho o objetivo da sua ação. Toda a dinâmica desta atividade está associada a ele, desde a captação, a negociação do tempo, do preço e das praticas até efetivamente a realização do programa. Evidenciamos através dos relatos das prostitutas uma forte preocupação em compreender a demanda do cliente e procurar satisfazê-la como uma forma de desempenhar bem sua função.

“Ser profissional, indiferente de ser do sexo ou não é desempenhar bem a profissão. Atender bem o cliente. Saber o que ele está buscando em mim. A gente vai entrosando e ele vai falar qual é o objetivo dele ali e eu vou ver como posso ajudá-lo. No caso é uma troca né, porque no final ele é que ta me ajudando.” (Catarina)

Encontramos por outro lado, mulheres que não demonstram este tipo de preocupação onde o foco do programa está voltado para o pagamento. “*Se ele me pagar eu faço, se ele me pagar eu elogio e encho a bola dele, se ele me pagar eu realizo as fantasias.*” Não se sentem bem com os homens e procuram despachá-los rapidamente. Este comportamento, entretanto, é interpretado por aquelas focadas no “bom atendimento” como uma atitude que só contribui para afastar o cliente.

As prostitutas estabelecem com o cliente uma relação que é comparada por elas como aquela que ocorre no comércio onde é preciso inicialmente buscar um ponto adequado - que aqui é representado pelo hotel e posição do quarto - para se instalar o comércio, a mercadoria que atenda aos interesses do cliente, atendimento de qualidade que satisfaça suas necessidades e que o faça sentir-se considerado, preço e variedades que o atraiam e que tudo isto esteja vinculado aos interesses da prostituta como lucro, segurança, tempo e produção, embora nem sempre isto ocorra de forma tão alinhada.

“É isso que eu falo: é um comércio. Você tem que olhar o ponto pra você comerciar, deu pra você ganhar então dali você não sai. Você está ganhando ali, então que seja ali. (...) eu tô no quarto eu ganho bem, eu saio e vou pra outro e não ganho nada, igual um ponto de comércio entendeu?”(Catarina)

“(...)É igual eu comprei uma mercadoria, peguei, paguei e pronto. Não tem nada a ver.” (Catarina)

“Eu sou paga pra conversar, pra ouvir o que ele me fala, pra dar opinião. Ele me pede opinião. Ele me dá o bastante que eu poderia ficar aqui com ele uma hora. Eu não fico uma hora, eu fico 15 minutos.” (Catarina)

“Eu acho que a partir do momento que o homem encontrou com a mulher, que ele vai pra aquele objetivo, então já começa um trabalho na mente, não é? Já começa ali no subconsciente a preparar.”(Catarina)

Igual uma pessoa chega aqui, tá chateado, tá triste, eu vou conversar, vou falar alguma coisa, faço alguma coisa engraçada, faço alguma coisa. É isso e só. Que eu entro ali pra poder ajudar só.(Catarina)

As prostitutas lançam mão no seu cotidiano, de alguns artifícios para agradar os clientes e mantê-los sempre fieis aos seus serviços:

“(.) eu levanto a bola deles também, né. Eu ponho eles bem metidos, bem acima do nível, pra eles ver, na hora que eles forem em outra e elas não tratarem eles tão bem, isto aí é um segredo, né?”(Catarina)

Mas como dissemos, trata-se de uma relação envolvendo alguns sentimentos peculiares a este tipo de serviço ou muito próximas às relações entre casais como é o caso do ciúmes:

“Aí estamos lá tranqüilos [ela com um cliente], quando é fê: “pá,pá,pá..” na porta. Ai eu tomei aquele susto e ele assustou também. Ele perguntou: “è o seu marido?” Eu perguntei: quem é? – “É o Paulo [outro cliente], uai o que é isto, morreu? Você morreu? O que é que tá acontecendo aí?”(...) *Esse tipo de coisa, menina. Fica com ciúmes.”* (Catarina)

“Mas eu também já fiz show perto dele. De derramar uma lágrima, sabe como? Essas chantagzinhas emocionais. (...)E ali fica aquela murrinha igual marido e mulher. Não vai embora se eu mostrar que tiver chateada, ele não vai não.” (Catarina)

Percebemos que a relação com o cliente constitui-se de uma prestação de serviços com alguns acordos explícitos outros nem tanto. Uma relação que se inicia através do encontro entre uma demanda uma oferta, mas também de outras solicitações omitidas ou mesmo desconhecidas no primeiro momento. Uma oferta que inicialmente volta-se para o campo profissional, mas no percurso outras questões entram em jogo. Para a prostituta, o cliente representa uma forma de reconhecimento conferindo-lhe uma legitimação enquanto profissional, competente e capaz. Mas,

talvez ainda uma posição de mulher capaz de seduzir com maestria um homem e de agradá-lo, diferenciando-a das outras mulheres que na avaliação das prostitutas não conhecem bem seus homens tampouco sabem satisfazê-los como elas: mulheres profissionais do sexo.

“As vezes, por isto que eu acho que hoje se eu tivesse um homem eu iria encher ele de pompas, iria tratar ele o máximo. Lá fora eu duvido a que iria superar.”(Catarina)

“O dia que ele ta com raiva de mim, ele me chama do nome da mulher dele. Olha pra você ver que desaforo pra ela e pra mim né? Eu acho isto um abuso ele fazer isto com ela e comigo.” (Catarina)

No entanto, trata-se de uma relação e de um negócio onde a moeda de troca é efetivamente o dinheiro que demarca esta vinculação, reenviando a prostituta à condição inicial de profissional do sexo e o afeto, algumas vezes esperado por ela é negado.

“O que uma mulher vê num homem? Assim, o tipo, eu olho o tipo físico, eu gosto de homem alto, moreno, carinhoso, aquele tipo romântico, que abraça , nossa aquele abraço envolvente ali, você ta assim carente , o cara chega , da um beijinho daqui e dali, fala aquelas palavras, que te agrada de toda a maneira , que tem homem aqui assim .Eu sempre dei sorte. Eu tenho vários clientes assim.” (Catarina)

“Então é isso que a gente não pode confundir, deixar aquilo ir invadindo a gente porque senão, no fim você tem ciúmes do cara, vai se achar a dona, vai começar a pegar no pé.. ele vai pegar no pé da gente, começa a ter ciúme da gente também. Aí fica aquela coisa chata. Agente vai ter um compromisso sem ter compromisso, tem e não tem. Aí você fica sujeita a uma pessoa sem ter nada a ver com ele. É onde acontece com muita gente.” (Catarina)

“Me tocou assim, estremecei toda. O menino é lindo, maravilhoso mas aí ele quebrou o encanto todinho. Porque ele tocou no assunto de transa assim, de programa. E eu pensei que ia ser assim uma coisa natural, sem rolar esse clima de programa por que aqui já é né?!’ (Catarina)

No filme “Princesas” percebemos através do diálogo entre as duas personagens que representavam o papel de prostituta, a distinção que fazem entre o trabalho de prostituta e o papel de mulher numa relação com um homem fora da prostituição, assim como o desejo de poder viver momentos como uma mulher comum, sem que esta atividade intermediasse a construção de novas relações em espaços diferentes:

“Posso transar com 30 homens, mas ainda sou fiel. Trabalho é trabalho, são coisas diferentes.”

“Sabe o que mais me incomoda? É que eles [namorados] não podem nos buscar no trabalho. Se fosse outro trabalho qualquer eles poderiam.”

“Você vai cobrar do seu? [refere-se a dois rapazes que as duas amigas, prostitutas, conheceram num bar quando elas não estavam trabalhando]. Não. Hoje não somos putas, somos princesas.”

È de fato uma atividade marcada pelo antagonismo, por relações que se constroem no trabalho e que extrapolam este espaço e é de igual forma invadido por outros espaços da vida.

O cliente, a prostituta, o trabalho, uma relação de casal, um negócio, expectativas, encontros e desencontros. Assim se configura o trabalho da prostituta e sua relação com o cliente.

Capítulo 5 - Estigma e Prostituição: Uma relação “quase” natural

“‘Nome?’ dei. ‘Endereço?’ dei. ‘Profissão?’ ‘Prostituta’. O cara tava digitando, parou, olhou pra minha cara, ‘Cabeleireira?’ ‘Não. ‘Manicure?’ ‘Nem sei mexer com unha! PROSTITUTA. Pode pôr!’”. E ele não teve como recusar. Se ele recusasse eu podia entrar com um processo contra o preconceito, né? Então, complicado. Mas é assim, o Brasil é muito preconceituoso⁶⁷. (Giuliana)

Falar de prostituição envolve, sempre, uma série de sentimentos. Um assunto em que não há neutralidade, em que diferentes opiniões se esbarram, concordando, discordando, mas sempre tendo algo a dizer. E dentre tantas opiniões, é comum observar estranheza, desconforto, incômodo quando o assunto é prostituição.

Poderíamos dizer, portanto, que o tema prostituição tem relevância social já que é capaz de burlar a indiferença. Percebemos que as opiniões e sentimentos acerca deste assunto são, em sua maioria, deteriorantes e indesejáveis. É neste ponto que a prostituição, se enquadra no tema discutido por Goffman (1988): o *estigma*.

Conhecemos a princípio a prostituição como uma atividade estigmatizada pela sociedade. Vivenciamos e compartilhamos sentimentos que dizem dessa estigmatização. Goffman (1988) conceitua o termo estigma a partir do significado grego original da palavra. O estigmatizado era alguém *“marcado, ritualmente poluído, que deveria ser evitado, principalmente em lugares públicos.(pag....)”* O termo poderia ser imputado a um escravo, criminoso ou traidor.

⁶⁷ Este relato se refere a uma situação vivida por Giuliana em uma loja onde foi comprar um celular em seu nome e foi questionada pelo vendedor quanto a sua profissão.

O estigmatizado é essa pessoa que ocupa o “lugar errado” e que, por isso, é visto como estranho, anormal, desviante. Estes atributos apenas refletem a forma da sociedade considerada “normal” de lidar com o indesejável. Aquilo que não atender às definições prévias de localização a que a dinâmica social estabelece é, deste modo, colocado à margem, depreciado, desacreditado.

Perguntemos-nos, agora, sobre o outro lado da moeda. Como lida o estigmatizado com a sociedade “normal”? Freitas (1985), em seu trabalho sobre as prostitutas do baixo meretrício de Belo Horizonte buscou compreender a dinâmica da constante negociação de identidades no mundo que rodeia a prostituição. De acordo com o autor, ainda que o grupo das prostitutas seja o portador do estigma, as interações sociais se dão de forma ininterrupta e circular em que, ora o estigmatizado assume a identidade desviante, ora a carismática. Isso significa que, no processo de negociação de identidades, ora a prostituta aceita a interpretação da realidade do outro, ora impõe a sua interpretação da realidade ao outro com quem negocia.

O estigmatizado, como todos os grupos sociais a que depreciações são imputadas, assume estratégias de enfrentamento da realidade a ele imposta que o permite deixar de lado, temporariamente, ou diminuir a força do estigma, no curso da interação.

Goffman (1988) estruturou estratégias, alinhamentos feitos pelo grupo estigmatizado na tentativa de negociar o controle da interação juntamente com a sociedade “normal”.

Nossa pesquisa apontou algumas dessas estratégias, adotadas pelas profissionais do sexo, para lidar com o estigma, como nos conta Giuliana:

“(...) aqui dentro ela é a prostituta, garota de programa, profissional do sexo. Lá fora ela é a dona de casa, ela é a mãe, ela é mulher responsável, ela paga os impostos, quer dizer, ela

não tem diferença não. Não existe diferença com quem trabalha aqui e quem trabalha numa loja.”(Giuliana)

Goffman(1988) fala sobre a indiferença ao estigma: o estigmatizado não nega a existência, mas desenvolve um sentimento de normalidade apesar do estigma. O estigmatizado não se vê como portador de um atributo impuro, tampouco como vítima da posição social que ocupa. Justifica o que lhe atribuem como impuro apontando as mesmas características a pessoas pertencentes a outros grupos. As acusações, os preconceitos e as depreciações advindas daqueles considerados “normais” são percebidas como direcionadas a qualquer pessoa que assuma os comportamentos tidos como inadequados, seja ela pertencente a um grupo estigmatizado ou não.

“(…) Sou, e daí? Qual o problema? Você também é! Entre quatro paredes você é. O que eu faço entre quatro paredes você faz. Antigamente, tinha assim: prostituta faz isso, isso, isso, isso e isso. A mulher de casa faz isso e isso. Mamãe e papai, papai e mamãe. Hoje em dia, a mulher de casa faz mais coisa que uma prostituta. O que eu faço aqui, agora eu falo, a zona está acabando por causa disso. A mulher lá fora está tão quanto, entendeu?”(Giuliana)

A indiferença ao estigma é uma estratégia do estigmatizado lidar com o preconceito uma vez que retira de seu grupo a peculiaridade da impureza e do inaceitável, mas a coloca também como existente entre fragmentos da sociedade.

Por outro lado, o estigmatizado pode perceber-se como portador do atributo impuro, vivenciando o estigma que lhe é imputado como causador de vergonha ou até mesmo de auto-depreciações. O estigmatizado utiliza-se de estratégias numa tentativa de corrigir a situação que causa o estigma. Dentre estas estratégias Goffman (1988) pontua o isolamento, físico ou não, do estigmatizado. Escondendo-se da sociedade, o portador do estigma deixa de estar exposto à nitidez das diferenças que concorda

possuir e, assim, vive como um ser nulo, indiferente para a sociedade que o cerca e passivo diante da posição que ocupa.

“(...) Olha, todo mundo me respeita, ninguém goza de mim, sabe, eu fico lá em casa, eu... igual eu te falei, eu não saio, não fico andando com roupa curta, nem vou pros bar beber que eu não bebo. Mas eu acho que eu fico, eu mesma fico me afastando. Eu mesma acho que os outros vai, se eu for numa festa onde ninguém me conhece, aí eu acho que uma pessoa vai me conhecer de lá, cê entendeu? Igual eu te falei com cê que meu menino arrumou uma namorada e os pais dela queriam me conhecer. Aí marcou certinho pra mim ir, eu falei que ia e na hora eu falei que não ia por causa disso. Eu falei assim: ‘nossa, e se chegar lá e o pai dela me conhecer daquele lugar?’. Nossa senhora, eu ia ficar morrendo de vergonha”.
(Maria das Dores)

A possibilidade de vivenciar situações de contato entre não estigmatizados e estigmatizados leva estes dois grupos a esquematizar a vida de forma a evitá-las. No caso da categoria das prostitutas, no entanto, a intenção de evitar os contatos parte, principalmente, das próprias mulheres que se percebem como portadoras de um estigma de peso, tornando-as desacreditáveis.

Conforme abordagem de Goffman: O desacreditável é o possuidor do estigma não-aparente fisicamente, como por exemplo, criminosos, portadores do HIV ou as prostitutas, diferentemente do desacreditado que é aquele que possui um estigma aparente, que se percebe o defeito atribuído a esta logo ao vê-la, como por exemplo, os portadores de necessidades especiais (Goffman, E.1988:-----)

Assim, receando não ser bem aceito socialmente, o estigmatizado se isola, podendo tornar-se desconfiado, deprimido, hostil, ansioso e confuso e até mesmo em situações onde o estigma não está posto, ele se percebe desta forma, como uma

marca que acredita trazer quase que gravada no corpo – assim como o desacreditado, no conceito proposto por Goffman.

Sobre a desconfiança e confusão vivenciadas pelas prostitutas em função do estigma, presenciamos em campo uma situação com uma prostituta numa loja, onde, ao sentir que seu filho de 4 anos estava sendo pouco considerado por outra cliente que também estava acompanhada de uma criança, começou a insultá-la alegando ser mesmo uma prostituta e que trabalhava na zona mesmo, atribuindo à prostituição a causa do suposto descaso da cliente para com seu filho.

Sobre esses sentimentos confusos, provocados pelo estigma, outra prostituta nos revela:

“(...) Ó, vão supor, se for na casa dos pais da namorada do meu filho, se o pai dele me conhecer de lá, aí...eu acho que eles vão maltratar meu filho. Não sei, eu acho que eles vão maltratar meu filho por causa disso (...) Ah, não sei... vai começar a desfazer, se tiver alguma confusão falar assim ‘ah, e sua mãe que é daquele lugar?’ Eu fico com isso na minha cabeça. Talvez, nem sei se vai acontecer isso né? Mas eu fico pensando (...)”(Maria das Dores)

Um outro artifício utilizado pela prostituta é a ascensão social que pode servir como canal de afirmação de normalidade (Freitas, 1985), diminuindo a força do estigma. O alcance de certo poder aquisitivo no exercício da prostituição constitui um recurso que a prostituta dispõe de neutralizar a precariedade moral que sua condição de estigmatizada supõe. O investimento cotidiano em imóveis, contas poupança e no aprimoramento do padrão de consumo viabiliza recursos para que a prostituta negocie o controle da interação social junto à própria família e faz, então, da prostituição, um estágio de vida alcançado:

“(...) Eu banquei minha mãe, meu pai e meu irmão, por exatamente dez anos”. (Giuliana)

“(...) O problema da zona é que você ganha a diária. Se você juntar R\$ 20,00 por dia você tem um bom salário no final do mês. Se você juntar R\$ 30,00 por dia...e assim sucessivamente, entendeu? E querendo ou não, eu comprava minhas filhas lá no Paraná. Levava presente né, aí eu era a mãezinha querida. A gente compra né? (Risos). Compra! O dinheiro é claro que é um trunfo, não só na zona, fora da zona também. Mas a gente compra. Ah, fulano não gosta de você, você vai lá e dá um negócio pro filho dele, vai lá dá um negócio pro filho dela. A gente quer conquistar e só conquista comprando (...)”.
(Giuliana)

“Pra eles lá,[os vizinhos] sou “bem sucedida” né, porque tô arrumando a casa, tô fazendo tudo, sou independente. (...)Todo mundo conversa é: “Dona Catarina”. (..)Não sei se é porque também eu tenho um peso na consciência pelo que eu faço.(...) então, isto aí é uma forma que Deus me ajudou que eles reconhecem, que eles vêem.” (Catarina)

“(...) Valeu a pena! Deu pra mim criar meus filhos, eles...é...estudou...3º grau, né? Já fez 3º grau. Vale a pena...estudaram e os três...os três são educado. Tem dois que trabalha, um tá desempregado, né? E...eles me respeita, não faz...não fuma, não bebe, se beber é quando tem uma festinha, não anda no meio de turma, é responsável...Nossa! Eu gostei!”
(Maria das Dores)

Outras questões podem ser encontradas na lida diária das prostitutas com o estigma que lhes é imputado, como é o caso de sua repercussão no processo de constituição identitária.

Como nos mostra Lima (2006), Barros (2006) e Jacques (2001) o trabalho constitui-se como um dos elementos principais no processo de construção identitária.

Entretanto, a via de constituição de uma identidade valorizada poderá tornar-se obstruída, caso os sujeitos não se reconheçam nas atividades que realizam e caso não sejam reconhecidos por estas atividades (Barros, 2006). **COLOCAR CITAÇÃO**

DO TEXTO DA VANESSA

No caso da prostituição o estigma se inicia pela atividade e se estende por todos os âmbitos da vida social.

5.1- Estigma e vergonha – uma relação interdependente

Trabalhamos o termo vergonha como o define Gaulejac (2006).

Gaulejac (2006) nos mostra que o sentimento de vergonha está muito ligado à ocupação de uma posição social desfavorecida e aos estigmas que acompanham esta posição e que definem o sujeito por uma falta: “*sem teto, sem profissão, sem diploma, sem recursos sem diploma ou inativo...*” (pg.17) O que impede que ele seja reconhecido pelos outros, que reconheça a si mesmo e que construa e afirme uma identidade positiva.

Um sentimento incômodo, que cria desconforto e que se prefere evitar. Sentimento que será acompanhado pelo silêncio que diz da dificuldade de falar sobre ele. (Gaulejac.2006:17).

A vergonha está intimamente relacionada aos sentimentos do estigmatizado e dificilmente estará ausente do discurso das profissionais do sexo. Como nos diz este mesmo autor:

Sentimentos ligados à “questões afetivas, sexuais, emocionais e sociais se entrelaçam de maneira a formar nós de angústia, desejos, afetos e sentimentos que neutralizam as possibilidades de expressão e de comunicação e prendem os sujeitos em conflitos psicológicos intensos”. (Gaulejac, 2006. pg. 54).

Goffman, também aborda esta função paralisadora do estigma, encontrada também na vergonha, em especial para os “desacreditáveis”, como as profissionais do sexo:

o estigma é imputado de forma historicamente tão naturalizada e legitimada, que o estigmatizado o toma para si assumindo a posição a ele imposta pela “sociedade de bem” e nela permanecendo, escondido, quieto e incapaz de se motivar para

lutas sociais ou estratégias calcadas na inconformidade. Ele se resigna e se cala. Deixa de ser motivo de incômodo para se tornar cada vez mais invisível e manter a “ordem social” (Goffman, 1988).

O estigma produz situações de humilhação determinantes na fixação da vergonha. A união das depreciações subjetivas ao concreto posicionamento social irá engendrar o sentimento de inferioridade essencial na produção de uma vergonha mantenedora do estigma. O estigmatizado se percebe inferior e toma para si os males a ele atribuídos. Sua posição, sua própria responsabilidade e culpa. A culpa, então, se insere no emaranhado de sentimentos que da inferioridade levará à depressão e à auto-percepção de “não valer nada”. Neste sentido, destaca-se a própria desvalorização, essencial na produção da passividade frente ao estigma. (2006:54-55).

Outro sentimento apontado por Gaulejac, que aparece intimamente ligado a introjeção da vergonha é a ilegitimidade que se traduz como não reconhecimento social de um lugar ou status ocupado pelo sujeito.

Neste aspecto, a vergonha é um sentimento que traz consigo a não-autorização de ser, seja esta ilegitimidade ligada às próprias origens do sujeito, seja relacionada à ocupação de um determinado lugar na sociedade. Também Goffman (1988) ao falar do estigmatizado como o indesejável, “aquele que ocupa o lugar errado”, pressupõe a determinação pela sociedade de “lugares certos para as pessoas certas”.

A profissional do sexo se depara com a ocupação de um lugar inadequado para as mulheres de uma sociedade ligada à instituição familiar. Ela foge à posição da “mulher modelo” – mãe, filha, esposa, dona-de-casa, ou até mesmo trabalhadora - desde que inserida no contexto familiar e esperado. Fora destas categorias, é posta como ilegítima, perturbadora da “ordem social natural”, ocupante do lugar errado

que, quanto mais depreciado for, mais forte se torna o estigma a ele relacionado, por isso à associação à sujeira, periculosidade, vadiagem, etc...

“A nossa profissão, nós profissionais do sexo, pra muita gente, nós somos discriminadas, porque eles acham que profissional do sexo é traficante, eles acham que é ladrona, eles acham que nós é destruidora de lar”. (Luíza)

A posição de ilegitimidade é atribuída às profissionais do sexo sendo por vezes, compartilhada por elas que se deparam com as contradições identitárias de não assumirem sua atividade profissional em situações cotidianas. O não-dizer de sua atividade de prostituta demonstra a ambigüidade com que o estigmatizado vive a negociação entre a própria identidade depreciada e as identidades profissionais socialmente aceitas – sacoleira, diarista, costureira.

Gaulejac (2006) vem nos falar sobre o sofrimento social provocado por uma identidade ferida:

Nasce quando o desejo do sujeito não pode se realizar socialmente, quando o indivíduo não pode ser o que queria ser. É este o caso quando é obrigado a ocupar um lugar social que o anula, desqualifica, coisifica ou desconsidera. A noção de “bem estar” conjuga uma dimensão subjetiva (“sentir-se bem”) e uma objetiva (ter um certo conforto material, uma certa tranqüilidade financeira). (Pg.104)

Assim algumas prostitutas nos revelam em campo:

“Quando eu vou comprar uma coisa numa loja eu não falo que sou prostituta, eu falo que sou sacoleira (...) Ah, não sei... fico constrangida de falar”.
(Maria das Dores)

“Ó, eu, dependendo da pessoa eu falo assim que sou diarista. Aí, “Você meche com faxina?” Eu falo “É”. Aí tem horas que as vezes, quando é mulher elas falam assim: “Quando aparecer alguma faxina e você não puder pegar ou não quiser você me avisa?”. Eu falo assim “Aviso!”, só que esse dia nunca chega porque quando chega elas fala assim que faxina é mixaria, elas não querem pegar, aí quando as vezes quando eu não to disposta a vir pra rua eu pego a faxina e vou fazer”. (Luíza)

Os sentimentos de angústia e contradição se acirram na relação estigma-vergonha como nos mostra Gaulejac:

“É radical o antagonismo entre o que o sujeito queria ser e a realidade que vive. Esse conflito é alimentado pelo conflito social no qual se encontra. A vergonha isola porque o sujeito nunca sabe que lugar ocupar. Se tenta ser ‘como os outros’, dizem-lhe que é indigno. Se aceita sua indignidade, isso justifica a rejeição da qual é objeto. É como se estivesse destinado a ocupar um lugar do qual se diz, por outro lado, ser detestável. (...) Fica numa situação paradoxal. Precisa renegar uma parte de si mesmo para ser como os outros, ou seja, justificar que essa parte é má; ou valoriza o que é e justamente por isso é rejeitado”. (2006: 56)

O sujeito estigmatizado fica assim, exposto á diferentes formas de violência. A violência de se anular e se conformar com o estigma, uma vez que qualquer reação que se possa ter é inibida pelas humilhações⁶⁸ e pela aceitação de si mesmo como pior. A violência de se calar diante das situações de humilhação vivenciadas, de ser socialmente condenado e do silêncio que acompanha essa condenação, na medida em que falar sobre a posição de estigmatizado que se ocupa é causar desconforto, aumentar o sentimento de culpa e reforçar ainda mais a posição de indesejável. O sujeito se inibe diante da possibilidade de presenciar situações que possam destacar o estigma e passa a evitar os outros, bloquear relações isolando-se em si mesmo.

“Pois é! A minha profissão é costureira. Eu não vou chegar lá e me identificar como prostituta. Eu falo que eu sou autônoma se alguém me pergunta. “E sua carteira não é assinada mais não?” “Não! Eu trabalho dentro da minha casa, por conta própria!”. Pra quê que eu vou me... denegrir a minha imagem já que todo mundo tem preconceito? Entendeu?”. (Laila)

⁶⁸ Por humilhação, Gaulejac (2006) trata das situações que reforçam os elementos causadores de vergonha, como a ilegitimidade, a retirada da capacidade de reação e o silêncio que acompanha os desconfortos, as depreciações atribuídas ao sujeito devido ao estatuto social, o não reconhecimento de uma identidade positiva, entre outros já mencionados.

“Nossa, eu fico toda sem graça, não sei nem quê que eu respondo! E ela pergunta mesmo [sobrinha de 13 anos], já perguntou mais de dez vezes. (...) Então, mas é por causa disso, mas é porque a gente trabalha nisso que fica nesse constrangimento todo. Se a gente trabalhasse numa loja era outra coisa, falava “Trabalho numa loja, você vai lá, me espera lá que eu vou”. Mas a gente trabalha nisso e não quer falar”. (Maria das Dores)

Neste sentido, é clara a ambigüidade com que se apresentam os discursos das profissionais do sexo. A força do sentimento de vergonha está em provocar alterações da identidade do indivíduo como nos mostra Gaulejac:

As referencias habituais que lhe permitem situar-se em relação aos outros e a si mesmo são fragilizadas ou destruídas. Em todos os casos, a auto estima é posta em questão pela falta de estima dos outros. O sujeito é dilacerado por tensões contraditórias entre a tentativa de salvaguardar sua unidade e a impossibilidade de consegui-lo sem rejeitar uma parte de si mesmo. (2006:103)

Não importa a onde você esteja, pra todo mundo ta errando; ali pra todo mundo você é isso, aquilo e aquilo outro. O importante é você sair e não deixar o meio te corromper, deixar o meio te fazer. Você tem que sair limpa dali, entrar e sair limpa. Você entrar não tem problema. O importante é você sair limpa.” Catarina

Em face desta ambigüidade emerge a “*contradição entre o que o sujeito deveria ser para ser reconhecido socialmente e a identidade que lhe é atribuída*” (Gaulejac, 2006:103). Sua identidade social é sempre definida por uma falta – de estudos, de dinheiro, de direitos ou de oportunidades – e sua anulação social faz com que se movimente no sentido de se diferenciar de seus semelhantes, de recusar todos aqueles que partilham da mesma condição de anulação.

Como nos aponta ainda este autor, é na impossibilidade do sujeito ser o que gostaria de ser, portanto, de ter seu desejo não realizado socialmente e de ter de ocupar um

lugar que o desqualifica ou desconsidera que se dá o sofrimento da vergonha. Como bem mostra-nos as prostitutas:

“Não é uma profissão porque ninguém ensina ninguém, né? Você não tem aula de prostituta, entendeu? Você não é formada pra ser prostituta, você não vai ter um diploma de prostituta. (...) Quem é que se preparou pra ir pra zona? Ninguém, porque eu fui contra a minha vontade, chorei e no dia que eu entrei lá fez uma chuva muito grande. A gente sente raiva é da gente mesmo”. (Laila)

“Ninguém escolheu! Todo mundo entrou por algum motivo. Agora, profissão é aquilo que você escolhe, que você se adapta, que você se forma para isso. Ninguém escolheu ser prostituta, a gente vai por necessidade (...) A prostituição é a última das necessidades (...) é o fundo do posso mesmo.”(Nívia)

Porque eu não aceito não. Eu faço isto aqui mas eu não aceito não. Não estou satisfeita. Você acha que eu estou? Eu estou satisfeita assim, porque eu estou conseguindo o que eu quero através disto. Mas satisfeita de ficar ali, enclausurada ali ... há,há, nem...Nunca! E quem falar que está, pode internar, porque a pessoa não tem amor a mais nada na vida. (Catarina)

Ocupar um lugar na sociedade onde o sujeito é considerado como aquele que está na fora das normas, dos valores aceitos, de uma conduta considerada adequada e de escolhas toleráveis, como vimos até aqui podem gerar dolorosos conflitos e corroborar para que o indivíduo se enfraqueça cada vez mais na luta contra tais pressões. A este respeito Gaulejac (2006) traz importantes contribuições que nos ajudam a compreender este processo e suas conseqüências para o sujeito:

“Como ser diferente de seus semelhantes? Esta é grande contradição que devem gerenciar todos aqueles cuja posição objetiva é diferente daquela esperada. Esta contradição é ainda mais conflituosa quando as normas sociais tendem a desvalorizar a primeira e o indivíduo não tem meios para ocupar a segunda. Ele enfrenta, então, a dolorosa opção entre a resignação que leva ao desespero e a revolta que pode levar à delinquência ou à autodestruição” (Gaulejac, 2006:105).

As prostitutas revelam-nos a difícil administração destes conflitos :

“Porque tô lá por uma precisão, não é porque eu gosto. Porque eu acho que essa precisão... não é de você fazer sexo... mas só de você tá lá tem muitas coisas, muitas coisas no seu psicológico que tem que pensar porque às vezes já entra lá devendo, tem que pagar alguma coisa, uma coisa ou outra (...). Por isso que eu não gosto. Não gosto e não aceito que eu sou prostituta, mas tenho que tentar me conformar. Enquanto eu tiver lá tenho que tentar me conformar porque se achar que é ruim, vai acabar de piorar mesmo. Não é fácil...” (Amanda)

(...)eu finjo que eu não estou aqui, ligo o rádio e falo assim: ‘Ah, agora eu vou ouvir uma música.’ Outra hora eu chego na janela e vou olhar pra rua, parece que eu nem estou aqui. (...) Na hora que eu saio daqui é como se eu nunca tivesse posto os pés aqui. Quando eu saio daqui pra almoçar, que eu vou, dou umas voltas, nem parece que eu tenho que voltar para aqui. Não venho chorando não, entendeu? Mas é como se não fosse aqui. (Catarina)

É importante destacar, que a vivência de todas essas contradições e ambigüidades não se restringe ao mundo particular do estigmatizado e à sua vergonha individual. Essas contradições invadem o âmbito familiar das profissionais do sexo, que além de gerenciar os próprios sentimentos ambíguos, acabam por ter que lidar com as situações cotidianas de seus filhos e parentes. O não-dizer de sua atividade reproduz a anulação social, a não-permissão de ser e o enfraquecimento da identidade se transfere aos filhos que se envolvem diretamente nos conflitos identitários das mães.

“[Quando minha filha vai procurar emprego] ela fala que eu sou diarista porque tem, isso aí, como ela aprendeu comigo e eu sempre falo que sou diarista, nas entrevistas ela sempre me tem como diarista (...) se pede o número da casa que eu trabalho ela dá o número de uma das casas que eu já trabalhei ou ela pergunta se pode pegar o comprovante de residência de alguma mulher que eu já trabalhei (...) e fica provado... Costumam ligar pra saber se eu já trabalhei lá mesmo (...).” Luíza

“Eu tenho um filho do meio que tá desempregado. Ele foi arrumar um serviço, fazer um serviço numa auto-escola, e ela [a entrevistadora] fez aquele tanto de pergunta pra ele. Aí depois ela perguntou ‘Sua mãe trabalho de quê?’. Ele falou assim ‘Minha mãe é faxineira’. ‘Você tem o número da casa onde ela faz faxina?’, ele falou ‘Tenho não’, ‘Então quando você voltar, você traz pra mim’. Ele falou comigo. (...) Ele nem sabia que ia perguntar onde que eu trabalho. Por que quê que ela tá querendo saber onde que eu trabalho?” (Maria das Dores)

“A minha filha trabalha no Departamento Pessoal da M. Quando ela arrumou emprego eles perguntaram pra ela de quê que a mãe dela trabalhava e ela falou que a mãe dela era costureira”.(Laila)

Percebemos que o elemento social é de primeira importância, tanto na atribuição do estigma, como nas consequências que essa atribuição traz. Os relatos recolhidos em campo nos revelaram que essas consequências se estendem da auto-anulação e distanciamento da sociedade, para a negação da profissão frente aos filhos e às atividades que exercem. Percebe-se um espaço de não-permissão da mãe, o que pode levar o filho a rejeitar em parte e ter vergonha do que a mãe é, e ter vergonha de sentir essa vergonha.

“Ah, minha filha, causa mal estar e ficam de mal. Tem parente meu que tá de mal de mim tem 20 anos”. (Laila)

“Não é profissão e não vai ser nunca. Porque ninguém vai querer escolher uma profissão que ele vai se arriscar a um monte de coisas. A pegar uma doença, a morrer, a envergonhar a família. Porque sua família não tem vergonha da sua profissão [se referindo à pesquisadora], mas se você chegar lá e falar “Virei puta” você vai causar um auê na sua família”. (Amanda)

““Você nunca preocupou de perguntar o quê é que eu faço [filho]. A onde que eu fico. Então eu vou te falar: “é tal, e tal, e tal, e tal.” (...) não adianta se tiver preconceito. Vocês não me ajuda, não faz as coisa pra mim, então não vem me recriminar.” (...) Aí conversei com ele, ele fez que tava tudo bem. E saiu lá de casa nessa época. Foi morar sozinho.” Catarina

Todo esse emaranhado de sentimentos se inter-relacionam de forma a fragilizar as possibilidades de construção de uma identidade valorizada e reconhecida. Ilegitimidade, inferioridade, angústias, contradições, violências concretas e simbólicas agem no sentido de desautorizar a prostituta enquanto sujeito, de retirar

sua permissão de ser, agir e estar no mundo, e a levam à deterioração da própria imagem tornando quase impossível o reconhecimento de uma identidade para si mesmo e para os outros.

Neste movimento de deterioração identitária, pode-se cair em profunda depressão pela vergonha irremediável ou sentir-se pressionado a ponto de se agarrar a qualquer possibilidade de fazer o movimento contrário, de se “desgrudar da vergonha”. Aqui, cabe ressaltar a posição assumida pelo estigmatizado de rejeição ao estigma e à introjeção da vergonha. Tem-se que o conflito existe nesta situação, mas assume-se uma posição ativa de militância individual pela mudança da imagem social sobre a atividade exercida e pela aceitação e legitimação da identidade.

“[Preconceito] acontece! Já aconteceu comigo, é por isso que eu não gosto e falar onde eu moro que eu trabalho na zona, mas se perguntar... Eu não falo, eu não demonstro que trabalho, mas se perguntar onde você trabalha, eu falo. Entendeu? (...) (Giuliana)

“Igual, tem uma dona que mora no meu bairro, eu era vendedora de chup-chup. Chup-chup é geladinho. Aí quando eu parei de vender geladinho (...) aí um dia ela me cerca no ponto de ônibus e fala assim “Vem cá, você tá trabalhando aonde?” “Eu to na zona...” [risos] É, falei assim “Eu to na zona, lá tem mais vaga, se você quiser ir...” [risos]”. (Luíza)

Neste momento, cabe a discussão mais pormenorizada do estigma como produtor de reações coletivas como tentativas de superação. Recorrer ao coletivo é uma possibilidade de restauração da auto-imagem. Por considerar a vergonha um sentimento eminentemente social, a partir do que o campo nos apresenta e do referencial de Gaulejac, consideramos que se libertar dela, em certa medida, é uma restauração que vem de fora, do campo do outro, uma vez que a própria individualidade foi atacada e destruída (Gaulejac, 2006).

5.2 - O papel da Associação das Profissionais do Sexo de Belo Horizonte – APS BH no enfrentamento do estigma e visibilidade para a profissão

Conforme nos aponta Goffman (1988), *“o que um indivíduo é ou poderia ser, deriva do lugar que ocupam os seus iguais na estrutura social”*. (pg. __-) Desse modo, o indivíduo estigmatizado se alia àqueles que compartilham o mesmo estigma, formando um grupo que pode ser definido como seu real, isto é, pelas “pessoas que provavelmente terão de sofrer as mesmas privações que ele” (Goffman, 1988). Os demais grupos a que o sujeito necessariamente pertence são considerados por Goffman como não verdadeiros.

A partir disso podemos pensar na função da Associação das Profissionais do Sexo de Belo Horizonte – APS-BH – como grupo que abarca e se forma através da agregação de pessoas que compartilham o mesmo estigma. Um grupo que inicialmente teria como funções assumir de forma coletiva o combate ao estigma através de lutas por direitos dentre os quais o trabalhista, saúde (prevenção e atenção) redução das diárias pagas para utilização dos quartos dos hotéis, visibilidade para a categoria, participação política especialmente no que tange à construção e implementação de políticas públicas . No entanto nossa pesquisa mostrou uma realidade diferente .

O grupo não conseguiu sair de seus próprios conflitos internos, especialmente aqueles relacionados à presidente da associação. Esta principal criadora da APS-BH adota uma postura de “proprietária” das mulheres que participam das reuniões e utiliza a distribuição de camisinhas doadas pelo Ministério da Saúde como moeda de troca. Assistencialista, exige fidelidade e concordância sem questionamentos à suas decisões. Despreparada é utilizada (manipulada) por políticos que por sua vez são

utilizados por ela para legitimar-se em sua liderança. Contraditória, afirma que não “è puta”, “que não deita”, “que não faz programa”.

As reuniões são palco para a discussão de problemas pessoais e as questões políticas referentes à categoria são raramente tratadas e quando ocorrem se diluem e são deixadas de lado.

Em algumas ocasiões aparecem prostitutas chegadas de outras localidades onde participavam de alguma militância e tentam imprimir uma nova dinâmica, mas logo abandonam a associação dado seu funcionamento personalista e precário.

Mas alguma coisa acontece mesmo nestas condições. No que concerne ao papel da APS-BH na visibilidade da profissão pôde-se observar dois lados de análise. Não podemos negar que o contato das profissionais do sexo com suas iguais, o contexto grupal e as situações de reunião da associação são momentos compartilhados de legitimidade da classe. A presença de figuras pertencentes à sociedade “normal” – estudantes, voluntários, figuras políticas, por vezes legitima esta classe. Pertencer à associação é dizer à sociedade sua real identidade de profissional do sexo, e o grupo garante força ao individual para que se aceite e fale de sentimentos relativos à atividade que em outras situações poderiam ser camuflados.

Por outro lado, esta visibilidade e legitimidade que o próprio grupo associativo dá às profissionais, muitas vezes se perde dentro da própria reunião e não se faz estender às situações cotidianas fora da associação. Assim, a visibilidade produzida se torna efêmera, imediata, sem produção de resultados externos e maiores, que poderiam dizer de uma modificação na estrutura da própria situação de estigma. E isso se dá exatamente pela falta de planejamento e direcionamento das ações às causas que justificariam a existência do movimento associativo a priori.

É importante ressaltar que a militância como luta contra o desprezo, recusa da resignação e combate às normas estigmatizantes é uma importante estratégia para se libertar da vergonha e do estigma. Como nos diz Gaulejac: *“O militante reencontra seu orgulho na resistência ao que vive como opressão e na adesão de uma ideologia que contesta os valores de poder que o oprimem”*.(2006:pg.____)

Neste sentido, concordamos com o autor e também compreendemos que o alinhamento intragrupal que adere a uma ideologia contestante dos valores vigentes, que se dirige e se dedica a conquistas coletivas e concretas, constitui-se como importante caminho rumo a possibilidade de pensar na mudança da situação do estigmatizado, na direção da aceitação social, na mudança da própria ordem a longo prazo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante nosso trabalho buscamos analisar a construção de sociabilidades a partir da prostituição, verificando como essas mulheres se apropriam dessa atividade e quais os desdobramentos em sua autoconstrução, pensando encontrar aqui elementos importantes para uma discussão em torno da prostituição enquanto um trabalho.

Entendemos o trabalho, por sua vez, como situado no cerne da vida social e pessoal dos sujeitos, definindo-os socialmente, proporcionando-lhes reconhecimento e construindo suas identidades. Entretanto, existem situações onde as possibilidades de constituição de uma identidade valorizada e estável encontram-se bloqueadas ou mesmo impedidas de se efetivar, associadas direta ou indiretamente ao mundo do

trabalho e às suas contradições. Neste caso encontram-se as prostitutas ou profissionais do sexo

Identificar-se como uma profissional do sexo mostra-nos a apreensão que algumas mulheres tentam fazer da prostituição como um trabalho e da busca de reconhecimento que pode daí advir.

Concretamente, porém, verifica-se que tal classificação não garante, por si, uma identidade reconhecida, não configura uma vida valorizada. Como nos mostra Barros(2006), Através de SANTOS:

“as sociedades, ao se fundarem na mercantilização, monetarização e no consumo, cria ‘não cidadãos’: cada homem vale pelo lugar onde está. O seu valor como produtor, consumidor, cidadão, depende de sua localização no território (...) A possibilidade de ser mais ou menos cidadão depende, em larga proporção, do ponto do território onde se está”. (Santos. 1987:81)

Esta configuração é especialmente visível entre as mulheres do baixo meretrício que vivem em situação material precária, em espaços desvalorizados, realizando atividades marginais e estigmatizadas. Participar de uma associação de classe pode significar ocupar um lugar social mais valorizado, possuir uma institucionalidade legitimadora e reconhecida. Mesmo que para algumas mulheres associadas ser uma ‘profissional do sexo’ não passa de eufemismo, observamos que pertencer à associação configura um espaço de reconhecimento importante.

Embora algumas mulheres confessadamente participam das reuniões interessadas nos preservativos que são distribuídos gratuitamente – como participam pelo mesmo motivo das reuniões da Pastoral da Mulher Marginalizada – vivem, de

alguma forma, um processo de identificação que as mobiliza, as engaja em um projeto, mesmo que provisório e as investe na manutenção da associação. É preciso ressaltar, no entanto, que este processo é frágil e as ‘recaídas’ e a baixa-estima são frequentes, com a contribuição das posturas moralistas e abolicionistas das pastorais que visam especialmente “tira-las dessa vida de pecado”.

Outro aspecto importante a ser apontado é o que diz respeito à relação saúde mental e trabalho. Observamos que o exercício da prostituição possui uma sobrecarga psíquica intensa, decorrente de situações inerentes ao baixo meretrício: além de viverem, como já apontamos, uma situação permanente de marginalização - o que produz altas doses de sofrimento - essas mulheres vivenciam cotidianamente situações de risco que podem desencadear e mesmo agravar processos de adoecimento. De fato, nos depoimentos recolhidos notamos forte presença de queixas relacionadas à saúde física e mental: dores, processos infecciosos, depressões e mesmo casos de internações psiquiátricas. Encontramos também indícios de uso abusivo de álcool.

A metodologia adotada por nosso trabalho nos propiciou desvelar a prostituição do baixo meretrício de uma maneira despretensiosa onde mergulhar neste universo de uma maneira inteira foi preciso. Conhecemos pessoas fortes, guerreiras, cativas e que nos conquistou sobremaneira.

Antes de conhecê-las a expectativa que tínhamos era de encontrar garotas novas, de aparência física atraente, fechadas, amargas e com um vocabulário esdrúxulo. É

preciso que se diga: quanto preconceito, especialmente neste momento do nosso estudo pois sentimos em nós mesmas o amargo sabor deste sentimento.

O que encontramos foram mulheres comuns, senhoras, avós, mães, donas de casa, seres humanos que levam uma vida como outra pessoa qualquer e que exercem uma atividade marginalizada e repreendida socialmente. Uma atividade que esbarra em contradições como vimos assim como em tantas outras situações e trabalhos na vida.

A grande diferença entre a prostituição e outras categorias profissionais se configura na questão moral, fortemente presente nesta atividade. Não pretendemos aqui fazer qualquer tipo de apologia à prostituição, pois não é foco deste estudo estabelecer julgamentos sobre bom ou ruim, certo ou errado, mas, sobretudo compreender este universo tal como ele se apresenta a nós entendendo que, como outra atividade qualquer àqueles que a exercem, devem ser vistos como sujeitos trabalhadores e cidadãos de direitos com as escolhas que fazem.

Deparamo-nos com histórias de vida tão próximas a nós e tão humanas, com situações de miséria afetiva, material e psicológica. São histórias que nos falam da vida, do humano em toda a sua magnitude. História de superação como o caso de Catarina que nos revela toda uma trajetória sofrida e pesada e que através da prostituição consegue reconstruir sua história e dar a ela outro significado.

Quando estive no Hotel com Catarina para dar a ela a devolutiva e as análises deste estudo percebi o quanto evoluímos nesta caminhada: pesquisador – sujeito e como nossa relação avançou. Catarina revela neste momento situações por ela vivida na prostituição que até então não havia revelado.. Naquele momento percebi que ela

estava se permitindo revelar-se como a profissional do sexo, pois parecia sentir que estávamos prontas - talvez eu e ela mesma - para enxergá-la e recebê-la em toda a sua complexidade. Então ela me diz que através da prostituição ela pode nos conhecer e participar deste trabalho, somando este fato aos frutos colhidos ao longo do exercício dessa profissão.

Ali compreendi uma vez mais que este trabalho significou para mim muito mais que uma pesquisa para o mestrado, mas sobretudo um aprendizado de vida, uma experiência única abrindo novas possibilidades nos diversos campos de minha vida. Minha orientadora sempre nos mostrou que o mestrado não deve ser o trabalho mais importante de nossas vidas, deixando para nós novas portas entreabertas rumo a vãos mais ousados. Concordo com sua posição e sinto que cada trabalho é único e guarda consigo particularidades e este especialmente, já que trabalha com a vida, revelando faces do trabalho de “fazer a vida.”

Trabalho, prostituta, sexo, desejo, sociabilidades, identidade. Temas tão complexos e urgentes de serem discutidos. Temas que, para serem compreendidos e analisados com o rigor que merecem, nos demandam desde o início, no mínimo um distanciamento e desconstruções de conceitos arraigados, se quisermos efetivamente avançar em nossas construções.

São temáticas que nos convidam a pensar em outras possibilidades mais ousadas e desapegadas de entendermos estas questões.

Tarefa difícil já que também nós pesquisadoras somos trabalhadoras e mulheres socialmente construídas num dado contexto histórico e cultural.

Romper com o *status quo* significa, sem dúvida, comprar uma grande briga, inicialmente interna com nossas crenças e depois externa, com o que está socialmente posto.

Não poderia aqui deixar de lembrar Maria, mencionada no capítulo metodológico. Uma senhora alegre, amável e atenciosa por quem cultivei enorme carinho e respeito. Ao final desta pesquisa, soubemos que Maria tinha falecido havia quase dois meses, decorrente de problemas pulmonares agravados por um quadro de depressão. Tal notícia me tocou tristemente, trazendo um sentimento de impotência. Fiquei pensando no que havia acontecido, e percebi que a dura realidade que marca as relações construídas neste ‘*métier*’, talvez tivesse invadido também o vínculo criado entre nós durante todo o desenvolvimento do nosso trabalho. Quando nos afastamos do campo para analisar e finalizar nossa pesquisa, rapidamente este vínculo parece ter se perdido no espaço, remetendo-as de volta à condição de “exploradas”. Foi como se nós também tivéssemos estado ali à procura de um serviço e que, uma vez concluído, a relação também se encerraria. Compreendi ainda que não dependia de mim e talvez nem delas mesmas pois isto fazia parte daquele difícil contexto ao qual elas estavam habituadas e realimentado sobretudo pelo discurso da presidente da associação .

Contudo, podemos agora dizer que foi de fato um encontro com as mulheres e com as especificidades desta atividade. Fomos efetivamente contagiadas e transformadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, J.I; PINHO, D.L.M. (2002) *As transformações do trabalho e os desafios teórico-metodológicos da Ergonomia*. Estudos de Psicologia, vol.7, Natal.

ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 2000.

BARROS, V. A. *Identidade e Trabalho: reflexões a partir de contextos precarizados e excludentes*. Trabalho apresentado no Simpósio Internacional Trabalho e Identidade – Belo Horizonte – 2006 – não publicado.

BARROS,V.A.; SILVA,L.. A pesquisa em História de Vida in GOULART, I.B. . *Psicologia Organizacional e do Trabalho Teoria, Pesquisa e Temas correlatos*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004.

BARROS, V.A.; SALES, M.M.; NOGUEIRA, M.L.M. Exclusão, favela e vergonha: uma interrogação ao trabalho in GOULART, I.B. . *Psicologia Organizacional e do Trabalho Teoria, Pesquisa e Temas correlatos*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004.

BARROS, V.A; OLIVEIRA, M.Q; NEVES, C.V.- Artigo: *Dimensões Psicopolíticas da Prostituição: A Relação Prostituição e Trabalho* – Coletânea:Diálogos sobre o Trabalho – Vol.II- Organização: Dayse Cunha. FAE – NET 2006 - No Prelo.

BASSERMAN, L. *História da prostituição: uma interpretação cultural*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968

BOSI, E. *Memória e Sociedade – Lembrança de Velhos* – São Paulo EDUSP, 1987

_____. *O Tempo vivo da Memória: Ensaio de psicologia social*. São Paulo:Ateliê Editorial, 2003

Caderno de Debates Plural. Prostituição. Vol.6, nº11, março de 1999 – FUMEC, Belo Horizonte

CARRETEIRO, T. C. & ARAÚJO, J. N. G. (Orgs.) – *Cenários Sociais e abordagem clínica*. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2001.

CARRETEIRO,T.C.- *História de Vida: Da genealogia a um estudo*. PSICO, Porto Alegre: PUCRS, V.34, n.2, pp281-295, jul./dez.2003

CICOUREL, A. – *Teoria e método em pesquisa de campo*. Em Guimarães A. Z. (Sel) *Desvendando Máscaras Sociais*. 1990: 89.

CLOT, Y. *A função psicológica do trabalho*. Paris: PUF, 1999.

_____. (2007) Conferência realizada na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

CODO, W. (Org) *O trabalho enlouquece? Um encontro entre a clínica e o trabalho*. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CUNHA, D. M (org.) (2007) *Trabalho: minas de saberes e valores*. Belo Horizonte, NETE/UFMG. (no prelo)

FERREIRA, A.C; BARROS, P.C.R. (2003) In(compatibilidade Trabalho Prescrito – Trabalho Real e Vivências de Prazer-Sofrimento dos Trabalhadores: *Um Diálogo entre a Ergonomia da Atividade e a Psicodinâmica do Trabalho*. Revista Alethéia, Canoas-RS.

FERREIRA, L.L; MACIEL, H.R.; PARAGUAY, A.I. (1993) *A contribuição da Ergonomia*. p. 215 – 231, Editora Vozes, Petrópolis.

FOUCAULT, M.(2006) História da Sexualidade I. *A vontade de Saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988

FREITAS, R. *Bordel, bordéis: negociando identidades*. Petrópolis: Vozes, 1985.

GASPAR, M. *Garotas de programa: Prostituição em Copacabana e Identidade Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

GAULEJAC, V. *História de vida. Psicoanálisis Y Sociologia Clínica*. México, universidade autónoma de Quéretaro, 2005.

_____. *As Origens da Vergonha*. Tradução de Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria, 2006

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: 1988. 159p.

GONÇALVES, R.M; ODELIUS, C.C; FERREIRA, M.C. (2001) Do Trabalho Prescrito ao Trabalho Real: A Transformação da Informação em Notícia de Rádio. Revista Brasileira de Comunicação, n. 2, p. 47-71, São Paulo.

GUIMARÃES, K. & MERCHÁN-HAMANN, E. *Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 13(3): 525-544, setembro-dezembro/2005

JACQUES, M.G.C. & CODO, W (Org) *Saúde Mental e Trabalho - Leituras*. 1ª ed. Petrópolis:Vozes, 2002.

JACQUES, M.G.C. *Identidade e Trabalho, uma articulação indispensável* (_____)

LACERDA, L.M. *Lendo Vidas: a memória como escritura autobiográfica* In A.C.V. Mignot, M.H.C. Bastos e M.T.S. Cunha (orgs). *Refúgios do eu: educação, história. Escrita autobiográfica* (p.81 -108). Florianópolis: Mulheres, 2000.

LE GUILLANT, L. *Da Ergoterapia à psicopatologia do trabalho*. Lima, M.E.A. (orgs). Tradução: Guilherme Teixeira – Petrópolis, RJ:Vozes,2006

LEITE, G. *Eu, mulher da vida*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992

LIMA, M. E. A. *Trabalho e Identidade – uma relação à luz do debate sobre a centralidade do trabalho na sociedade contemporânea*. Trabalho apresentado no Simpósio Internacional Trabalho e Identidade – Belo Horizonte – 2006 – não publicado.

_____. *A polêmica em torno da centralidade do trabalho na sociedade contemporânea*. *Destarte*, Vitória ES, 2 (2), p. 161-194, 2003.

_____. *Os sentidos trans-histórico e histórico do trabalho e sua importância para o psicólogo*. Belo Horizonte. [s.d.].

MIRANDA, M.A., OLIVEIRA, M.Q. & PAULA, A. V. *O complexo categorial - Trabalho e sua centralidade na construção da sociabilidade humana (Texto produzido como validação da disciplina Trabalho Sociabilidade e Política, Mestrado em Psicologia Social – UFMG -2006)*

MORAES, A. *Mulheres da Vila: Prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis: editora Vozes, 1995.

PASINI, E. *Sexo para quase todos: a prostituição feminina na Vila Mimosa*. *Cad. Pagu*, jul./dez. 2005, no.25, p.185-216. ISSN 0104-8333.

PEREIRA, C. S. *Lavar, passar e receber visitas: debates sobre a regulamentação da prostituição e experiências de trabalho sexual em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, fim do século XIX*. cadernos pagu (25), julho-dezembro de 2005, pp.25-54.

ROBERTS, N. *As prostitutas na história*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 1998.

QUEIROZ, M.I.O. – Variações sobre a Técnica de gravador no registro da informação viva. capítulo: *Técnica de gravador e registro de informação viva*, p.73-80. 1991

SOUZA, F.I. O cliente: o outro lado da prostituição – Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto; São Paulo: Annablume, 1998.

SPODE, B.C; MELO, A.R.C. (2006) *Trabalho policial e saúde mental: uma pesquisa junto aos Capitães da Polícia Militar*. Revista Psicologia Reflexão e Crítica, vol.19, nº.3, Porto Alegre.

SCHWARTZ, Y. A comunidade científica ampliada e o regime de produção de saberes. Belo Horizonte: *Trabalho e Educação*. Revista do NETE/UFMG, jul-dez, 2000, nº. 07, p. 38-46.

VIEGAS, S. *Trabalho e Vida*. Conferência pronunciada para os profissionais do Centro de Reabilitação Profissional do INPS. Belo Horizonte, 1989.

Filme: Princesas. Espanha, 2005. Direção de Fernando León de Aranoa.

Sites pesquisados:

<http://www.davida.org.br>

<http://guaicurus.blogspot.com/2007/11>.

<http://sistemas.aids.gov.br/imprensa/Noticias>

<http://www.overmundo.com.br/guia/rua-guaicurus>

<http://www.otempo.com.br/otempo/noticias>

<http://www.guaicurus.blogspot.com>

